



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



Sergio Rogério Oliveira da Silva

A CAMINHO DA ESCOLA: PRÁTICAS COM DIFERENTES LINGUAGENS EM
TURMAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maceió

2024

SERGIO ROGÉRIO OLIVEIRA DA SILVA

***A CAMINHO DA ESCOLA: PRÁTICAS COM DIFERENTES LINGUAGENS EM
TURMAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na área de concentração Linguagens e Letramentos, para defesa pública, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes.

Maceió

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586c Silva, Sergio Rogério Oliveira da.

A caminho da escola : práticas com diferentes linguagens em turmas do 6º ano do ensino fundamental / Sergio Rogério Oliveira da Silva. – 2024.
132 f. : il. color.

Orientadora: Adna de Almeida Lopes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 91-92.

Anexos: f. 93-132.

1. Práticas didáticas. 2. Multimodalidades. 3. Sequência didática. 4. Produção textual. I. Título.

CDU: 81'42 : 371.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



TERMO DE APROVAÇÃO

SERGIO ROGÉRIO OLIVEIRA DA SILVA

Título do Trabalho: "A CAMINHO DA ESCOLA: PRÁTICAS COM DIFERENTES LINGUAGENS EM TURMAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 26 de março de 2024, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadoras:

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes (PPGE/UFAL)

Profa. Dra. Eliana Kefalás Oliveira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 26 de março de 2024.

Dedico esta dissertação, primeiramente aos meus pais, que não mediram esforços para que seus filhos estudassem, sendo rigorosos com a presença na escola, o comportamento e as notas, mesmo sem conseguirem dar acompanhamento e auxílio didático e pedagógico nas atividades. Por fim dedico-o à professora Adna, por sua tranquilidade, maestria, experiência, paciência e cobranças feitas para que o trabalho desse certo.

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho muitos foram os e as que contribuíram para que ele chegasse a sua conclusão, não quero aqui correr o risco de esquecer alguém que, de forma direta ou indireta, deu suas contribuições inestimáveis para que eu chegasse a este fim que também é um recomeço.

Agradeço a todas as divindades pelo dom da vida, da natureza, da sabedoria, do conhecimento...

À minha mãe e ao meu pai por sempre serem alicerce e nunca fecharam as portas para mim.

Aos meus irmãos, sobrinhos e primas pelo incentivo na caminhada.

Aos meus amigos e amigas que sempre queriam saber o andamento dessa nova etapa na minha escolaridade.

À minha orientadora, professora Adna Lopes, exemplo de dedicação, estudo e compromisso profissional. À senhora tenho e terei sempre um grande apreço e admiração pela pessoa que é e pela grande segurança que me deu ao longo dessa jornada.

Aos professores e às professoras do ProfLetras, Adna, Aldir, Andrea, Eliana, Fabiana, Fernando, Inez e Lígia, pelos ensinamentos, esclarecimentos, pelas trocas de experiências, conhecimentos e saberes ao longo das disciplinas e também em momentos posteriores.

Às professoras da Banca Examinadora, Yana Liss e Eliana Kefalás, pelas dicas, correções, contribuições e análise do meu trabalho.

Às companheiras e ao companheiro da Turma 8, Alice, Cícera, Elienai, Graça, Idalina, Mariana, Samuel, Vânia e Verinalda, lembrando que nossos primeiros contatos foram virtuais e depois, tivemos o encantamento de nos conhecer além das telas, agradeço a cada palavra de incentivo, a cada troca de experiências, material, falas, ações, anseios e dúvidas compartilhadas.

Às gestoras da Escola Luiz Pedro por todo apoio para a construção da pesquisa.

Aos estudantes dos 6º anos por terem aceitado as atividades e contribuído, mesmo quando não eram mais meus alunos (já no 7º ano)

À secretaria do ProfLetras, pelas orientações ao longo do estudo.

E finalmente a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram com meus estudos ao longo da minha vida e não foram citados nominalmente aqui, todos de alguma forma fazem parte deste texto.

O texto, como sabemos, é a unidade de análise. Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letras, imagem, sequências com uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade “dando” coerência, progressão, finalidade ao texto que produz. (ORLANDI, 1999 p.155).

RESUMO

O trabalho tem como objetivo atestar como práticas didáticas com diferentes semioses, no desenvolvimento de atividades com multimodalidades contribui para o aprendizado de estudantes do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Maceió-AL. Esse também objetiva perceber como o trabalho de acompanhamento mais minucioso de intervenção do professor no desenvolvimento de uma sequência didática, com atividades gradativas, complementares e didaticamente distribuídas, contribui para a proficiência dos estudantes em leitura e escrita. O trabalho iniciou-se a partir das experiências encontradas no trajeto dos estudantes de casa até a escola, trazendo informações de suas diferentes perspectivas sobre a passagem por esse caminho, como elas se apresentam e como eles as identificam. As atividades de produção textual foram desenvolvidas levando em consideração o local de moradia dos estudantes e o percurso que eles fazem até chegar à escola, tentando extrair o que eles percebem em seu meio e as informações implícitas e explícitas do caminho que possam ser representadas em textos das mais variadas semioses. Para isso, adotamos os gêneros textuais: mapa/desenho, texto em prosa, poema e fotografia. A fim da realização de um trabalho mais delimitado, promovemos a imersão e a posterior reescrita do gênero poema, na *Oficina de Poema*. Para esse trabalho, foram adotados estudos e pesquisas como referencial teórico para as discussões e análises das temáticas relacionadas ao multiletramento, à cultura, à educação, à poesia, à reescrita, entre outros: Rojo & Moura (2012); Souza (2011); Moran & Bacich (2018); Canclini (2008) e Pinheiro (2018). Assim, este trabalho teve algumas importâncias tais como proporcionar aos estudantes a apreensão das diversas linguagens e semioses estudadas proporcionado manejá-las em outros momentos de suas vidas.

Palavras-chave: Multiletramentos. Linguagens. Produção Textual. Reescrita. Sequência Didática.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate how didactic practices employing different semiotics in the development of multimodal activities contribute to the learning of 6th-grade students at a public school in Maceió-AL. It also seeks to understand how a more detailed monitoring and intervention by the teacher in the development of a didactic sequence, with gradual, complementary, and systematically distributed activities, contributes to students' proficiency in reading and writing. The study began with experiences encountered by students on their way from home to school, incorporating their various perspectives on this journey, how they perceive and identify these experiences. The text production activities were developed considering the students' living locations and their routes to school, aiming to extract their perceptions of their environment and the implicit and explicit information along the way that can be represented in texts of various semiotics. For this, we adopted the following textual genres: map/drawing, prose text, poem, and photography. To conduct a more focused study, we promoted immersion and subsequent rewriting of the poem genre in the Poetry Workshop. This work adopted studies and research as the theoretical framework for discussions and analyses of themes related to multiliteracy, culture, education, poetry, rewriting, among others: Rojo & Moura (2012); Souza (2011); Moran & Bacich (2018); Canclini (2008) and Pinheiro (2018). Thus, this study was significant in several ways, such as enabling students to grasp the various languages and semiotics studied and apply them in other contexts of their lives.

Keywords: Multiliteracies. Languages. Text Production. Rewritten. Following Teaching.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MULTILETRAMENTOS, DIVERSIDADE E PRÁTICAS DE LINGUAGENS	14
2.1 Diversidade Semiótica	14
2.2 Letramento(S): o literário e o digital	19
2.3 Linguagens: verbal e não-verbal	23
3. PRÁTICAS DE LINGUAGENS CONTEMPORÂNEAS E ENSINO	25
3.1 Produção Textual e Multimodalidade	25
3.2 Ensino de Língua Portuguesa e as Práticas de Linguagens	37
4. METODOLOGIA	43
4.1 Caracterização do Estudo	43
4.2 O chão da escola	46
4.3 O perfil dos alunos	48
4.4 A sequência didática da proposta	48
4.4.1 Fase 1- Sondagem “O caminho”: desenho, fotografia, leitura e escrita	49
4.4.2 Fase 2- Imersão “Oficina de Poemas”: som, imagem, escuta, leitura e escrita	69
5. IMERSÃO E REESCRITA: AVANÇOS E DESCOBERTAS	74
5.1 Comparativo entre sondagem e produção pós imersão	74
5.1.1 Produções de Evely	77
5.1.2 Produções de Daniel	78
5.1.3 Produções de João Vitor	79
5.1.4 Produções de Samuel	80
5.1.5 Produções Maycon	82
5.2 Reflexões sobre a prática de reescrita e intervenção didática para o aperfeiçoamento da produção escrita dos estudantes	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	
1 – Sondagens: mapas (desenhos), fotos, poemas e textos	93
2 - Coletânea de Poemas	104

1. INTRODUÇÃO

Às vezes eu paro na beira do caminho por onde estou andando, e começo a pensar na minha vida, e quero contar a minha história a todos que estão passando por ali, mas ninguém quer ouvir, ninguém quer saber da história dos outros talvez porque cada um já tem a sua, não é? (Toquinho in Toquinho à sombra de um jatobá)¹

Ao sair de casa para a escola, os estudantes, independentemente da idade, trazem consigo, diversos saberes e diversas informações, questões essas que podem, ao logo do ano letivo, ser aproveitadas e transformadas em conteúdo para as mais diversas disciplinas do currículo escolar. O caminho que eles percorrem são repletos de imagens, sons, cores, belezas, feiuras, palavras, gestos, conversas, espaços, pessoas, placas, olhares, movimentos etc., e nesses caminhos eles podem, a partir dessas informações que recebem, construir, mediados pelo professor, no nosso caso, de Língua Portuguesa, uma gama de conhecimentos, através dos mais variados gêneros textuais com várias formas de dizer.

Nesse sentido, trabalhar com várias linguagens se justifica também pela necessidade de estar em consonância com o mundo digital e semiótico da contemporaneidade na qual os estudantes estão imersos fora da escola e também por saber que eles têm letramentos extraescolares, que podem ser aproveitados e/ou aprimorados com trabalhos multimodais no espaço escolar. Partindo dessa premissa, é necessário aqui uma discussão sobre cultura e diversidade a fim de entender as diversidades que adentram às escolas: de culturas, de saberes, de crenças, de gostos, de aptidões; e também as diversidades já discutidas há mais tempo pela sociedade: a étnica, a sexual e a socioeconômica.

A pluralidade de linguagens e de práticas de letramentos existentes na sociedade, que são muitas, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), precisam ser vistas e trabalhadas em sala de aula, na tentativa de compreender o mundo e o entorno escolar, a fim de entender melhor, dentre outras coisas, as produções textuais dos estudantes.

Cada vez mais somos introduzidos em ambientes virtuais que nos forcem, de certa forma, com mais força os jovens, que em sua maioria são estudantes, a escrever

¹ Caminhando Juntos - Toquinho - LETRAS.MUS.BR

de acordo com o que pede determinado ambiente, ou seja, nesses últimos quatro anos a linguagem aligeirada e resumida da *internet* imperou sobre as outras junto aos jovens estudantes, tendo em vista a necessidade premente do uso das tecnologias para não apenas auxiliar, mas para dar continuidade aos estudos de forma remota, por isso a criação de textos nos ambientes virtuais se multiplicou, houve uma hibridização de textos, de gêneros, de suportes, de metodologias.

Diante disso, os estudos na área de linguagem no Brasil sobre letramento, multiletramento, gêneros textuais dentre outros, vêm ganhando, desde o início deste século, novos contornos, muito por conta das novas tecnologias que estão sendo criadas, recriadas e/ou adaptadas e cada vez mais rápido entrando nas escolas pelas mãos dos estudantes, instrumentos estes que proporcionam a criação e recriação de novos gêneros, novas formas de dizer, de significar, novos propósitos comunicativos.

Neste trabalho partimos da hipótese de que o ensino da língua, ou melhor, da área da linguagem e suas tecnologias, especificamente a Língua Portuguesa, como bem indica a BNCC, demanda estratégias que proporcionem uma formação ampla, crítica e contextualizada, assim trabalhar com gêneros discursivos torna-se indispensável para que os estudantes se tornem usuários das linguagens a partir do domínio de diferentes práticas linguísticas que, neste trabalho envolveu enquanto produção feita por eles, quatro (texto em prosa, poema, mapa/desenho e fotografia), mas com ênfase em uma delas, todos envolvendo a mesma temática norteadora, mas antes disso utilizaram-se também da internet para verificar o *google maps*, escuta de músicas, leituras de livros etc., assim nos momentos de prática e ação houve muita interação entre os estudantes.

Este texto apresenta o trabalho de intervenção pedagógica com uma diversidade de gêneros textuais, são eles: mapa/desenho, texto descritivo em prosa, fotografia e o poema, dando ênfase após um trabalho de imersão, no último citado. Todos, como dito antes, voltados para a mesma temática central; o caminho que os estudantes fazem de casa até chegar à escola. Nos textos podemos encontrar uma diversidade de percepções, inclusive daqueles que moram na mesma rua ou bairro. Temos produções mais extensas, outras mais curtas, produções mais aligeiradas, outras mais calmas, isso deve se dar pelo fato de alguns estudantes morarem próximo à escola, outros distantes, alguns usarem transporte outros irem caminhando.

Em nosso primeiro e segundo apontamentos discutimos referendados por alguns autores a questão do multiletramento, da diversidade cultural que nos rodeia e da multissemiótica que está e/ou deve ser inserida/trabalhada na escola tendo a BNCC como documento norteador. Para isso, inserimos alguns conceitos que para nós são centrais dessas temáticas e que darão base e suporte para as partes vindouras do texto.

A metodologia do trabalho que apresentamos em seguida com o passo a passo, desde o perfil dos alunos e da escola até os momentos de produção dos que participaram. Em um primeiro momento foi feita uma sondagem na qual os estudantes foram incentivados a produzir textos, ainda que de forma tímida e elementar. Foram quatro tarefas propostas e elas resultaram em alguns textos para serem observados e analisados, uns mais simples outros mais complexos, uns com mais dificuldades outros com menos, teve inclusive alguns que não queriam demonstrar qual o seu percurso. Um ponto já interessante nesse momento é que nenhum deles demonstrou familiaridade com os textos solicitados além daqueles que trabalhamos previamente nas aulas. Obviamente não esperávamos aqui que os estudantes demonstrassem perfeição em suas produções levando em consideração todo o contexto de produção com destaque para três: a série deles, a idade e recentemente terem saído de aulas virtuais por dois anos consecutivos.

Em seguida foi feita uma imersão, momento em que aprofundamos o estudo em um dos gêneros trabalhados, no caso o poema, a fim de averiguar o quão importante é o acompanhamento do professor e o aprofundamento em uma temática, através de uma sequência didática bem elaborada, com atividades gradativas e complementares e que é avaliada durante toda a execução. Em seguida apresentamos os avanços e as descobertas que esse trabalho proporcionou e suscitou tanto nos estudantes quanto no professor propositor.

E por fim nossas considerações finais que fazem uma avaliação do trabalho desenvolvido. Que também teve como finalidade contribuir para os estudantes conhecerem melhor alguns gêneros textuais, sobretudo o poema, proporcionando-lhes condições de saber utilizá-los nas mais variadas e diferentes situações de comunicação.

Trabalhar com uma temática para produção de quatro gêneros diferentes foi interessante porque as linguagens utilizadas se complementaram, em alguns momentos, inclusive, ficou redundante, mas com o intuito de reforçar o sentido da ideia e dos textos produzidos por eles, suas informações juntaram-se, completaram-se e valorizaram-se mutuamente como veremos adiante nas tarefas e interpretações feitas a cada gênero produzido.

Esta dissertação é um texto que a cada apresentação de um novo gênero, a cada mudança na rua, no bairro, no percurso, a cada avanço tecnológico, podemos obter novas respostas desses e de outros estudantes. Assim este trabalho vem para ser um protótipo daquilo que pôde se fazer e daquilo que ainda poderemos realizar.

2. MULTILETRAMENTOS, DIVERSIDADE E PRÁTICAS DE LINGUAGENS

2.1 Diversidade Semiótica

A temática dos multiletramentos vem ganhando cada vez mais espaço nos ambientes acadêmicos, em seminários, encontros, no currículo e nas formações. No entanto, às vezes, não são colocados em prática nas escolas porque esbarram em outras discussões, como nas das estruturas dos estabelecimentos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta algumas modalidades textuais a serem trabalhadas que, muitas vezes, estão aquém das condições oferecidas pela escola. Isso acontece também com o livro didático.

Nesse contexto, prevalece, geralmente, o querer do professor, pois na maioria das vezes ele prefere seguir uma metodologia pessoal e não está passível a mudanças metodológicas por não estar propício à diversidade e à pluralidade encontradas em todas as salas de aula das escolas. Dito isso, é importante conceituar um pouco o termo de acordo com autores, a saber:

O uso do termo multiletramentos, de acordo com Cope e Kalantzis (2000) é adotado “[...] pela multiplicidade de canais de comunicação e grande diversidade cultural e linguística [...]”. Partindo desse entendimento, Rojo (2012) aponta a existência de dois tipos específicos de multiplicidade presente em nossas sociedades e que estão implícitos no conceito de multiletramentos na contemporaneidade, a saber: a cultural e a semiótica.

Nesse contexto de multiplicidade, coexistem simultaneamente múltiplas linguagens, culturas e semioses o que demanda dos indivíduos “[...] o desenvolvimento de habilidades e práticas próprias dos multiletramentos, o que nos leva à necessidade de refletir ainda a respeito do papel da escola frente a essa nova racionalidade de escrita” (GUIMARÃES, 2019, p. 274).

Assim como Guimarães (2019) Rojo e Moura (2019) também conceituam o termo dizendo que

Multiletramentos é, portanto, um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que veio implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.).

Diante desses conceitos de Multiletramento citados acima, e dentre tantos temas resistentes, sabemos que discutir diversidades no Brasil é mais desafiador do que parece, seja em qualquer esfera, em qualquer profissão, mesmo sabendo que somos um país que tem em sua formação sobretudo as raízes negras e indígenas e, às vezes, negligencia tudo aquilo que tem e vem dessas origens. Sabemos que sempre houve, e ainda há, e bem presente, uma tendência muito forte em preferir o erudito em detrimento do popular; do com acabamento sofisticado em detrimento do rústico, do bruto, do primitivo; daquilo produzido nos centros, em detrimento das produções das periferias e do campo ou periurbanos. Essas dicotomias já não devem ter mais espaços na sociedade, são as misturas que estão e que devem estar cada vez mais em evidência.

Na escola pode acontecer o mesmo, às vezes, alguns professores preferem os livros didáticos com aulas e indicações já prontas que muitas das vezes se distancia, e muito, da realidade dos estudantes, daí percebemos que

[...] um bom exemplo desse mascaramento das culturas locais é a desvalorização de toda produção cultural proveniente das classes populares e a sobreposição autoritária de culturas privilegiadas, de valores, espaços imagens idealizadas e uniformizadas como um padrão nacional. [...]

É preciso traçar novos caminhos e rearranjos apresentados pelos representantes das culturas privilegiadas. Talvez as possibilidades estejam justamente no domínio e uso das complexas tecnologias da informação e da comunicação por parte dos representantes das culturas desprivilegiadas [...] (ROJO; MOURA, 2012, p. 213).

Possivelmente daí vem também o silenciamento e a desvalorização presentes até os dias atuais em relação ao que é produzido de forma e com características de popular. Porém, e com muita verdade, como nos afirma Canclini (2008, p. 207) “[...] a aparição tardia dos estudos e das políticas relativos a culturas populares mostra que estas se tornaram visíveis há apenas algumas décadas”. Diante dessa afirmação percebemos que tem que haver ainda uma mobilização muito enfática de estudiosos e apreciadores da cultura popular a fim de dar a divulgação e os espaços de destaque que são necessários e merecidos a tudo aquilo que é e faz referência à cultura popular.

O conceito de cultura sempre foi atrelado a algo monocultural e sempre foi entendido como algo apenas erudito, algo que fosse voltado a museus (se bem que já existem alguns voltados ao popular), artes plásticas, teatro, cinema, decoração,

livros etc., ou seja, voltado a algo sempre rentável, caro e para poucos e, por isso, com acesso limitado às elites. Em nossa posição, não desclassificamos esses pontos como não culturais, muito pelo contrário, entendemos que cultura é isso e muito mais e nesse sentido, nossos alunos das periferias e escolas públicas estão inseridos nesse meio, pois

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL-BNCC, 2017, p. 70).

Assim como a BNCC vemos a educação e a sala de aula como algo *multi*, algo que precisa se firmar e reafirmar constantemente, na esfera cultural, por exemplo, que não está desatrelada da educação, Silva (2011, p. 86) diz “[...] o multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política.”, por que não dizer educacional também? E enfatizamos: que atravessa valores, crenças, etnias, épocas, condições socioeconômicas, sexualidades, territórios, ou seja, algo que parte e é produzido a partir das diferenças existentes na sociedade, pois, como nos diz Semprini (1999, p. 11) “A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico”. E assim afirmamos que nas escolas encontramos vários saberes trazidos pelos estudantes e isso não pode ser descartado ou não aproveitado e sabemos que só encontramos vários saberes por variados serem os estudantes, seus locais de moradia, suas influências familiares, seus gostos, suas aptidões etc.

Dessa forma, a cultura está totalmente voltada para o jeito de viver de um povo, de um território, de uma comunidade, de um gueto; voltada aos seus gostos, suas produções, suas formas de organização, de vestimenta, de alimentação, de cultuar as divindades. Se assim não fosse, diversa a cultura, não existiria interesse em perceber, observar, estudar e até expropriar como muito vem acontecendo. É essa particularidade, essa diversidade que faz a cultura ser bonita, interessante e consequentemente, procurada. E isso não é algo da contemporaneidade, pois

Desde a Pré-História que o ser humano é um produtor de culturas. E a partir da Pré-História é que o gênero *homo* caminhou para viver em sociedade. Para viver em sociedade se tornou um produtor de culturas. E daí surgiu a

questão da unidade da espécie humana ou da pluralidade da espécie humana. [...] mais importante [...] é a constatação de que as culturas surgiram plurais, cada uma de características próprias, e que se diferenciam pelo conteúdo de suas manifestações ou se assemelham pelo mesmo motivo. (LINDOSO; 2018, p. 32)

Por muito tempo, aquilo que é mais próximo aos estudantes, foi visto como algo corriqueiro e não foi dada a devida importância. Assim, muito daquilo que serviria para observações, aulas, discussões, produções em sala de aula, ou fora delas, se perdeu. O trabalho com o cotidiano vem ganhando destaque e esse cotidiano deve estar atrelado ao jeito de ser, de viver, de experienciar dos alunos, deve estar atrelado a sua condição socioeconômica, a sua sexualidade, ao seu território de moradia, as suas crenças, as suas subjetividades.

Às vezes nos espaços da educação, quando não há um programa específico que trabalhe com isso, há um esquecimento das diversidades encontradas nas escolas e esse “esquecimento” à cultura, ao popular, às diversidades e a tudo que remete a eles, se deu e ainda acontece muito forte porque o sistema capitalista aprofunda cada vez mais a desigualdade existente no país, além da econômica e social, também as políticas, territoriais, sexuais e por que não dizer, culturais e, mormente, as educacionais. E isso se dá desde os primórdios do Brasil quando o primeiro português expropriou e enganou o primeiro indígena que avistou, sendo que essa negociação foi mediada pela pólvora, o que nos remete que os que resistiram, ou tentaram resistir, foram tombados e só demonstra o poder do capital sobre o povo. Esse ato gerou um círculo vicioso que, infelizmente, se perpetua, se renova, se aperfeiçoa e se aprimora na atualidade.

Até os dias de hoje, os que detêm o capital se apropriam de bens, produtos e também de pessoas das classes populares e lucram bastante com isso e atualmente vêm lucrando com programas e produtos educacionais que na maioria das vezes está totalmente dissociada da realidade dos estudantes das escolas públicas. A BNCC e os institutos que a produziram, propagam, difundem e oferecem formação são bons exemplos disso, pois muito do que está posto lá, não condiz com a realidade dos estudantes das escolas públicas desse país ficando a cargo do professor se desdobrar para assumir mais essa tarefa.

Não podemos deixar que se padronize a educação, a forma e os métodos de ensinar sem levar em consideração a pluralidade e diversidades existentes no Brasil, nos estados, nas cidades, nos bairros, nas próprias escolas. Visto que a forma como se aprende e apreende determinado conteúdo difere de pessoa para pessoa, como nos diz Souza (2011, p. 42)

Visto que, em dada cultura, não há apenas um letramento, mas letramentos múltiplos associados aos vários domínios da vida, bem como diversidade nos modos como os sujeitos tomam parte em eventos e situações nesses domínios, é relevante examinar, ainda que brevemente, os caminhos pelos quais esses sujeitos, situados em contextos específicos, membros de determinadas comunidades, se moveram no universo da escolarização.

Assim, a escola pública, como instituição social, quando não valoriza as diversidades, é exatamente um dos instrumentos de afirmação e disseminação dos valores e convenções sociais e, nesse sentido, é um agente da normose. Foucault (2010) dizia que a escola, por meio da disciplina, fabrica “corpos submissos e exercitados”, “corpos dóceis”, ou seja, que a escola é um dispositivo de poder, uma máquina de repressão, que pune a diferença, e premia a homogeneidade. Ao invés de ser um espaço de acolhimento e emancipação, a escola pública seria, ela mesma, um agente da patologização da diversidade, de homogeneização cultural, de apagamento e silenciamento das diferenças.

Na mesma linha, Althusser (1985) nos afirma que a escola é um aparelho ideológico de estado e por isso umas das suas funções é exatamente podar as diversidades existentes, controlar saberes, comportamentos, produções na intenção de manter o poder vigente. Precisamos enxergar as escolas como espaços da pluralidade, da diversidade, de libertação, e de disseminação de conhecimentos e de saberes.

Por isso, acreditamos que ao se trabalhar com os elementos que são próprios dos estudantes, que têm a ver com sua cultura, seu local, seu território, adotamos uma maneira produtiva de a escola lidar com a educação e propiciar saberes aos estudantes, pois, assim, os textos, segundo Rojo & Moura (2012, p. 182) passam a ser entendidos como “modos de dizer” que não precisam ser exclusivamente escritos: podem também apresentar elementos visuais e sonoros ou acontecer de forma estática ou em movimento [...]. Essa liberdade estética para os estudantes poderem

dizer, dá a eles uma maior construção de sentidos, pois não ficam presos a um modo, já cristalizado de fazer e dizer e podem, assim, posicionar-se de acordo com seu pensamento, pois

A sala de aula pode ser um espaço privilegiado de cocriação, *maker*, de busca de soluções empreendedoras, em todos os níveis, onde estudantes e professores aprendam a partir de situações concretas, desafios, jogos, experiências, vivências, problemas, projetos, com os recursos que têm em mãos: materiais simples ou sofisticados, tecnologias básicas ou avançadas. O importante é estimular a criatividade de cada um, a percepção de que todos podem evoluir como pesquisadores, descobridores, realizadores; que conseguem assumir riscos, aprender com os colegas, descobrir seus potenciais. Assim, o aprender se torna uma aventura permanente, uma atitude constante, um progresso crescente (MORAN & BACICH, 2018, p. 37).

Por isso, reafirmamos aqui que trabalhar com a multiplicidade de saberes contribui para a evolução pessoal do estudante, para o aprimoramento das aulas e para uma construção coletiva da e na sala de aula. E, para isso, o professor é o principal agente. É ele que irá contribuir para que o estudante possa ir para além do que pode ir sozinho. É ele que, através de metodologias que incentivem o estudante, fará com que ele possa transpor as barreiras sempre existentes nos caminhos da vida escolar.

2.2 Letramento(S): o literário e o digital

Na contemporaneidade, sobretudo nos espaços urbanos, nos deparamos com uma gama de letramentos, tornando-se uma discussão necessária tanto nos ambientes acadêmicos quanto, sobretudo, nos espaços escolares, tendo em vista a quantidade de saberes que os estudantes trazem consigo e que, às vezes, não são aproveitados ou sequer demonstrados quando a escola não abre possibilidades para que isso aconteça. E quando acontece, na maioria das vezes, diga-se de passagem, não são consideradas e/ou aproveitadas pelos docentes justamente por alguns não compreenderem ou aceitarem aquilo como um saber. Não sendo uma discussão nova, vale salientar aqui que o termo letramento foi

Usado pela primeira vez no Brasil como tradução da palavra inglesa "*literacy*", no livro de Mary Kato, *No mundo da escrita*, de 1986, o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrimo

contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificadas. Difere, portanto, acentuadamente, tanto do conceito de *alfabetização* quanto do de *alfabetismo(s)*. *Letramento(s)* é um conceito com uma visada socioantropológica; *alfabetismo(s)* é um conceito de base psicocognitiva; *alfabetização* designa uma prática cujo conceito é de natureza linguístico-pedagógica. (ROJO; MOURA, 2019, p. 16).

A partir daí entendemos e percebemos que em nossa sociedade há uma gama de práticas de letramentos, atividades corriqueiras, do dia a dia, porém em sua maioria não são valorizadas. Por isso defendemos a ideia de que não é apenas o professor o detentor de saber, óbvio que o professor tem um conhecimento sistematizado sobre determinada disciplina, aquela à qual se especializou, mas precisa recordar o tanto que sabe que não foi aprendido nas escolas e/ou universidades, sabe porque outras vivências o possibilitaram estes conhecimentos, assim não deve negligenciar e sim

[...] respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo, os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público pra discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE; 2022 pp. 31, 32).

Através dessa indicação de Freire, colocando-a em prática, podemos alargar as possibilidades de envolvimento dos estudantes nas aulas, fazendo-os perceber que os saberes que eles já têm podem ser aproveitados pela escola. Esse processo pode ajudar a reduzir a evasão escolar e por consequência e exclusão social. Todos os estudantes já trazem consigo algum conhecimento, sobretudo, nos dias atuais, conhecimentos nas áreas tecnológicas, conhecem atalhos, jogos, funções, macetes, ou seja, eles têm letramentos dos mais variados. Muitos deles a partir das vivências que têm nos seus territórios familiares, ciclos de amizades, ou seja, a partir das suas práticas sociais eles vão aprimorado, aperfeiçoando e ampliando seus saberes, adaptando sua linguagem, sua escrita, seus gestos, seus gostos e aptidões. Esses saberes são carregados de letramentos multissemióticos e múltiplos fazendo com que eles sejam protagonistas de determinada situação, por isso

[...] em sala de aula os professores devem partir dos letramentos que os leitores já possuem, sem menosprezá-los ou criticá-los, e apresentar e ampliar outros que vão sendo adquiridos e potencializados à medida que os

alunos interagem com as obras disponibilizadas em ambiente virtual. (ROJO; MOURA; 2012, p. 103).

Por isso trabalhar o contexto em que os estudantes estão envolvidos é muito importante para podermos perceber as habilidades que eles têm e que são os seus letramentos, pois entende-se como letramento justamente isto: as práticas sociais que os indivíduos têm e que servem de interação com outras pessoas e consigo mesmo. Aqui não vamos nos limitar a analisar os letramentos escolares, eles terão sua importância, mas não apenas eles uma vez que entendemos que existem outras agências de letramento para além da escola, pois como nos indaga Freire *apud* Pinheiro (2018, p. 09) “por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Assim, devemos nos lembrar que antes de adentrarem à escola, seja em que ano/série for, os estudantes já fazem leituras muito antes de adentrarem no mundo das letras, eles já gostam de produtos, por isso analisam rótulos, já gostam de assistir e jogar, *on-line* ou não, por isso já utilizam eletrônicos (TV, *tablet*, *kindle* ou *smartphones*), já se utilizam de gestos e palavras para solicitarem ou reivindicarem seus desejos; e também sua vida funciona para além de um mundo da escola, onde lhe são apresentadas formalmente as esferas de letramento. As trocas que os estudantes fazem na família, nas igrejas, nos grupos de amizades, na rua, nas interações virtuais através das redes sociais e jogos também são fomentadores de letramento como nos diz Rojo (2009, p 98).

[...] podemos dizer que as práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas, as práticas escolares. Mas não exclusivamente [...]. É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo assim, letrado de certa maneira (ROJO; 2009, p 98).

Assim, identificamos letramentos nos espaços extraescolares que nos levam a espaços que não são valorizados culturalmente e que não necessariamente são os fomentadores do letramento da letra.

A perspectiva do(s) letramento(s) nos leva para uma esfera de coletividade, uma esfera de prática social que nos impulsiona na relação com o outro, das marcas de identidade e de empoderamento do cidadão/jovem/adolescente que traz consigo vários conhecimentos. Não exatamente aqueles da cultura valorizada e privilegiada, mas aqueles que o torna alguém capaz de dialogar e interagir na sociedade em que está imerso (escola, igreja, família, mídias, bairro). Esses letramentos têm origem no seu cotidiano, na sua cultura local, tem a ver com o contexto social de cada pessoa e está presente em várias práticas do cotidiano e têm relação com o espaço que ocupamos e com as situações com as quais nos deparamos.

Como já dito, os estudantes estão cada vez mais envolvidos no mundo digital, e conhecem alguns mecanismos bem melhor que boa parte dos professores, uma vez que lidam com algumas tecnologias (o *smartphone* por exemplo) com muita facilidade, o que os tornam, de certa forma, com um letramento digital já encaminhado, conseguindo executar tarefas em curto prazo.

As tecnologias que ora são apresentadas aos estudantes já fazem parte do seu cotidiano, a sociedade tem que utilizar, e a escola faz parte da sociedade, mas não o usar por usar, é utilizar com um propósito comunicativo, como quem deve mostrar uma novidade ao estudante, mostrar que ali pode ser uma fonte de pesquisa ou de estudo para seu aprendizado junto às disciplinas que são estudadas na sala de aula e que pode servir para seu dia a dia na sua família, na sua comunidade, no seu bairro porque,

Esse novo ambiente tecnológico tem importância fundamental para a educação e para a formação, embora as escolas não estejam suficientemente equipadas de computadores e ligadas à internet. O pessoal docente, em especial educadores e professores, precisa melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país (COSCARELLI; RIBEIRO; 2021, p.21).

A discussão aqui é sobre a utilidade de mecanismos digitais para aprimorar uma aula e para dizer algo através de outra possibilidade, talvez a mais distante do estudante, talvez a mais próxima, mas uma outra, que o possibilite experimentar outra forma de fazer, de aprender, como diz Freire (2022, p. 24) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.”.

E a partir disso, reitero que só cria possibilidades inovando, criando, adaptando, ousando e praticando.

A leitura literária deve também ser vivenciada na escola, ela é uma prática social que cabe à escola sistematizar e fazer com que os estudantes possam vivenciá-la e não apenas ouvir falar sobre. Dentre outras coisas para que eles possam se encontrar nos textos, perceber a literatura como algo do cotidiano e não como algo inalcançável para que assim os estudantes possam aumentar sua capacidade de reflexão, aprimorar seu senso crítico e perceber a diversidade de sentidos que um texto pode ter.

Segundo Rojo (2009, p. 11) um dos principais objetivos da escola deve ser o de possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizem da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática, e essa deve ser a tentativa de todos os professores, pois mesmo envoltos de muita tecnologia na maioria dos espaços frequentados pelos estudantes concordamos com Ribeiro (2016, p. 47) quando diz que “a escola continua sendo uma das mais fortes agências de letramento” e afirmamos que está longe de ela perder esse lugar, porém ela precisa deixar de ser apenas agência de letramento e passar a ser uma agência democrática de letramento(s).

2.3 Linguagens: verbal e não-verbal

Compreender as relações entre os elementos verbais e não-verbais não é tarefa fácil para os estudantes, porém é totalmente necessário que este estudo seja feito em salas de aula do ensino fundamental, uma vez que os textos multissemióticos estão presentes em seu dia a dia, tanto no contexto familiar e comunitário quanto no contexto escolar, muitos deles encontrados nos livros didáticos, em aulas com vídeos, aulas de campo para citar apenas algumas. A necessidade se dá, pois eles precisam reconhecer a importância dos elementos não verbais e atribuir-lhes sentidos, relacionando-os com seus contextos.

Apesar de essas informações, não-verbais, já se fazerem presentes nas ruas, casas, igrejas, livros didáticos, celulares nem sempre os estudantes estão preparados

para perceber e interpretar as informações e sobretudo os sentidos que ali estão expressos, pois muitos deles vão depender do contexto.

Dessa maneira uma das formas de se trabalhar a linguagem não verbal é proporcionando aos estudantes uma aula expositiva, através de mostra de exemplos e principalmente utilizar de seu cotidiano para fazer com que eles percebam e reconheçam esse tipo de linguagem e os usos que pode se fazer dela, inclusive mostrando os possíveis usos que eles já fazem.

Vale salientar que a linguagem verbal é aquela expressa por meio de palavras escritas ou faladas. Quando utilizamos a linguagem verbal, estamos empregando a língua para transmitir informações de uma maneira mais convencional podemos assim dizer.

Vale ressaltar que ambas são modalidades comunicativas e desempenham um papel importante no nosso dia a dia. Além disso, existe também a linguagem mista, que combina as duas modalidades, geralmente nas aulas o professor ao escrever, ler e gesticular para explicar um conteúdo, faz uso desse processo, as missas, cultos são carregados de simbologias e gestos que articulados com falas e leituras dão sentido e significado àqueles ritos.

Ambas as formas de linguagem desempenham papéis essenciais na nossa comunicação cotidiana, permitindo-nos expressar ideias, sentimentos e informações de maneiras diversas e complementares. São linguagens diferentes e precisamos entender que elas existem e coexistem para que possamos nos comunicar melhor, usando aquela que melhor se adequa às situações de interação. E isso é necessário e preciso porque somos seres sociais e não conseguimos viver isolados na sociedade, precisamos nos comunicar, interagir e essas são formas apropriadas de se fazer isso.

Vale salientar que a linguagem não verbal é um fenômeno social e vai ter seus significados criados e/ou modificados a partir dos contextos, possivelmente levando em consideração aspectos culturais, regionais, territoriais, geracionais etc., pois

[...] a comunicação dá-se por intermédio de algum tipo de linguagem que, como vimos, se altera de acordo com o uso que as pessoas fazem dela [...] criamos sinais que têm significado especial para o grupo humano ao qual fazemos parte. [...] O significado que atribuímos às cores é um deles: se para nós, ocidentais, o vermelho pode significar poder (e o manto do papa é dessa cor), para algumas culturas africanas, ele está ligado ao luto, pois evoca luta, sangue, morte. (AGUIAR, 2004, p. 25).

Assim, como múltiplos são os significados, múltiplas também, devem ser as metodologias de ensino, essa citação acima é mais um exemplo de diversidade cultural cominada com a ideia agora de linguagem não verbal fazendo uma total associação a estes dois conteúdos que devem ser explorados em sala de aula.

3. PRÁTICAS DE LINGUAGEM CONTEMPORÂNEA E ENSINO

3.1 Produção Textual e Multimodalidade

A produção textual, sobretudo na perspectiva do multiletramento, é um dos temas que vem norteando várias falas e encontros de formação de professores de língua portuguesa, bem como, falas e angústias de estudantes das mais variadas realidades, seja pela necessidade de escreverem cada vez melhor a fim de aprimorar a escrita na era da informática, comunicação e informação; seja pela análise das dificuldades na escrita que os estudantes vêm apresentando ao longo dos anos. Essa preocupação com a produção de textos nos mais variados gêneros textuais na escola é, de certa forma, recente. Os escritos sempre nos dizem algo, deixam escapar alguma marca linguística que revelam, muitas das vezes, a origem, a cultura, o território, a ideologia, os posicionamentos não revelados explicitamente, e, na maioria das vezes, não são levados em consideração.

No sistema educacional brasileiro, sabemos que os incentivos à leitura e à escritura de textos vêm sendo uma constante, porém é notável que essa prática ainda não é uma realidade, seja por conta dos professores, que acham um trabalho demasiado a correção de vários textos diversas vezes ao ano; seja por conta dos alunos, que não são incentivados e/ou acostumados a escrever e, assim, apresentam várias dificuldades no momento em que têm de colocar essa ação em prática, na maioria das vezes não importando o gênero ou o suporte.

Por vezes o texto escrito pelos estudantes, e corrigido pelo professor, não é devolvido para que seja refeito a fim de aprimorá-lo, ou de se aproveitar o que é escrito e sabemos que essa prática da reescrita é de suma importância para o melhoramento do texto, da visão do estudante sobre o gênero e sobre o tema trabalhado. Para toda essa problemática da assistência aos estudantes podemos atribuir a superlotação das salas de aula o que aumenta as dificuldades para um acompanhamento mais preciso

e próximo ao estudante, para observar e desvendar as pistas, as dicas, as marcas deixadas nos seus escritos, bem como os desvios ortográficos, gramaticais e linguísticos.

Estamos vivenciando a era das novidades tecnológicas e isso tem acarretado constantes mudanças na vida das pessoas, sobretudo de professores e estudantes. A Pandemia provocada pelo novo Coronavírus, sobretudo nos anos 2020 e 2021, nos impôs cada vez mais vivermos e atuarmos em um mundo regrado pelo virtual, o que contribuiu para expor as desigualdades sociais existentes e distanciado cada vez mais os que não têm acesso aos bens produzidos pela sociedade. Quantos não foram os estudantes que, nesta época tiveram que esperar a aula do irmão acabar para usar o celular? Quantos não foram os que esperaram os pais chegarem do trabalho (porque nem todos tiveram trabalhos *home office*) para utilizar seu celular, sem falar naqueles que o aparelho não comportava os aplicativos utilizados para os estudos naquele momento.

O mundo contemporâneo vem passando por grandes transformações, muitas delas por conta dos avanços tecnológicos que acontecem diariamente. A partir daí, somos, enquanto sociedade, obrigados a nos atualizar cada vez mais no tocante a avanços na medicina, na legislação, nas mudanças de comportamento, nas relações interpessoais, no mundo do trabalho e por último, mas não menos importante, nós professores, sobretudo os da área de linguagens, precisamos nos atualizar cada vez mais nas metodologias educacionais que não podem ficar estagnadas e à margem sem acompanhar essas mudanças, pois com os avanços tecnológicos a criação de novos gêneros textuais é uma constante, e os estudantes, sempre os utilizam, a princípio como consumidores e fica a cargo da escola colocá-los como produtores.

Neste século, em virtude das mudanças conjunturais na área econômica totalmente ligadas às inovações tecnológicas relacionadas à informação e à comunicação, a educação também se viu frente a esses novos desafios, sobretudo a área de linguagens, mais especificamente ainda a área da língua portuguesa como nos aponta Moran e Bacich,

Os estudantes do século XXI, inseridos em uma sociedade do conhecimento, demandam um olhar do educador focado na compreensão dos processos de aprendizagem e na promoção desses processos por meio de uma nova concepção de como eles ocorrem, independentemente de quem é o sujeito e das suas condições circundantes. No mundo atual, marcado pela aceleração

e pela transitoriedade das informações, o centro das atenções passa a ser o sujeito que aprende, a despeito da diversidade e da multiplicidade dos elementos envolvidos nesse processo (MORAN; BACICH, 2018, p. 23).

Isso só é percebido porque é da escola a competência de formar os estudantes para atuarem como cidadãos em sociedade frente aos desafios e às demandas que ela exige, nesse momento a exigência é de saber lidar com as mais várias frentes de comunicação e informação, seja como consumidores, seja como seus produtores.

Até o século passado o que era cobrado da escola que ensinasse ao estudante e o que era cobrado que o estudante dominasse nesta área era o domínio da leitura e da escrita no papel. A maioria dos professores da atualidade foi estudante nessa época, então se não houver aperfeiçoamento, formação e acesso às tecnologias corre o risco de reproduzir os métodos com os quais foi formado, porém com a globalização cada vez mais ágil e inovadora, essa realidade vem se modificando a cada dia.

Um dos maiores erros em aulas é ater-se a um único gênero textual ao trabalhar as atividades em sala de aula. Entendemos que não se pode ensinar a partir de um único gênero e tipo de texto, principalmente em um país como o Brasil, que possui várias diversidades: culturais, geracionais, religiosas, sociais, sexuais, territoriais e mormente, linguísticas; e a partir dessas, vários domínios discursivos como, por exemplo, domínios jornalísticos, jurídicos, esportivos, religiosos, econômicos, políticos, educacionais e o midiático moldado pela *internet*. Ao ensinar levando esses contextos em consideração, cada estudante vai se aproximando dos mais variados tipos e formas e, conseqüentemente, melhorando o conhecimento do tipo e do gênero com o qual mais se identifica, de acordo com o seu ritmo de estudo, assim, ao término da escolaridade básica, vai ter experimentado uma variedade de gêneros e tipos textuais, como diz Martins,

[...] há diversos tipos de textos. Há diversos tipos de leitores, há diversos tipos de leitura... É preciso ler muito, comentar muito... A escola seria o espaço onde, mediados pelo professor, se poderia fazer a leitura das leituras: da prosa, da poesia, da ficção, da não-ficção... (MARTINS, 1994, p. 79).

Assim, compreendemos a partir das colocações da autora que a escola deve ser o espaço da apresentação e da experimentação do trabalho com a variedade de gêneros textuais nos mais diversos suportes o que vem a ser reforçado por Vieira (2017. P. 132) quando diz que

[...] a escolha do gênero é significativa na produção do texto. Assim, os discursos proferidos em cada gênero assumem especificidades, um mesmo assunto pode ser disseminado em gêneros diferentes e por modos semióticos diferentes. Exemplo disso são os livros didáticos, suas capas e os textos multimodais internos[...].

A autora fornece uma boa dica de trabalho com gêneros e exemplifica que o livro didático pode ser esse suporte, e digo que não o único, mas um deles, todavia, os trabalhos com textos nas salas de aula são realizados de forma em que não há um bom aproveitamento das suas particularidades, como afirma Brandão:

[...] para muitos, o texto é ainda entendido como fonte ou pretexto para exploração das formas gramaticais isoladas do contexto ou como material anódino, indiferenciado, a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades de leitura [...] (BRANDÃO, 2000, p. 17).

Em relação a isso, sabemos que a sociedade brasileira não é homogênea, então homogêneos não são os textos, muito menos a forma de se trabalhar com eles tampouco o que eles suscitam nos estudantes, assim, cada tipo e cada gênero textual atende aos anseios de determinado leitor e/ou escritor, sendo a sua linguagem e mensagem específicas, ora persuasiva, ora informativa, ora poética etc. E esta diversidade de gêneros se dá, tanto na relação entre gêneros quanto no interior de um mesmo gênero, como reafirma Brandão:

Só que um gênero não é uma forma fixa, cristalizada de uma vez por todas e que deve ser tratado como um bloco homogêneo. E é esse equívoco que cometem algumas das abordagens pedagógicas. O professor não pode perder de vista a dimensão heterogênea que a noção de gênero implica. Há toda uma dimensão intergenérica, dialogal que um gênero estabelece com outro no espaço do texto (BRANDÃO, 2000, p. 38).

Nessa perspectiva, compreende-se que a escola é o espaço ideal, e por sua vez propício, para o desenvolvimento do potencial linguístico do educando, aprimorando gradativamente sua competência linguística, adquirida socialmente, para que este obtenha a competência comunicativa, tornando-o, assim, capaz de adequar a sua fala e escritura às mais diversas situações de uso, em que resultará em um indivíduo com capacidade de monitoramento estilístico e, por conseguinte, capaz de

traduzir o conhecimento de mundo para a modalidade escrita tornando-se proficiente no processo de leitura e escrita.

As produções textuais nem sempre são solicitadas constantemente ao longo do ensino fundamental, porque na maioria das vezes os professores desacreditam da capacidade dos estudantes, achando que daquele segmento não sairá uma produção boa, de qualidade e que seja a contento com aquilo que o professor quer. Na contramão disso, Fávero e Kock (2012, p. 34) apontam que “uma das aptidões específicas do ser humano é a textualidade, ou seja, a capacidade de criar textos, verbais e não verbais”. Escrever e/ou produzir um texto seja em qualquer modalidade é inserir-se em um determinado contexto e nele interagir verbal ou não verbalmente e é essa interação que também importa aqui, o que se coloca em um texto, como se coloca, partir de quê e por que este e não aquele termo foi escolhido e selecionado para determinada produção textual.

Sendo assim, a escola deve proporcionar aulas de língua portuguesa, produção textual, leitura etc., de uma forma que os alunos possam compreender os processos de construção, bem como, ter o entendimento semântico de cartas pessoais, receitas culinárias, avisos, ofícios, editais, bilhetes, artigos científicos, notícias, contos, romances, poemas, requerimentos, entrevistas, músicas, crônicas, charges, memes, podcasts, vídeos-minuto, fotografias, mapas etc., para que, no momento de construção e/ou leitura de algum destes, ou de outros gêneros textuais, os estudantes, não tenham dificuldade em saber discernir sobre os termos apropriados para cada tipo e gênero do seu cotidiano, e como devem ser usados, em que momento e situação específicos. E, também dessa forma, a cada gênero textual lido/estudado os estudantes serão apresentados às mais variadas temáticas, para uma formação em que possam agir no mundo, como cidadãos e que seus textos sejam refletidos em ações.

Dito isso, vale salientar que ao longo dos anos passamos por várias mudanças e sabemos que o Brasil de 15, 20 anos atrás não conhecia, por exemplo, fibra ótica, *smartphone* 5G, *WiFi*, *LED*, *LCD*, *iPod*, *iPhone*, *iPad*, *YouTube*, *Skype*, redes sociais e milhares de outras tecnologias que hoje são correntes e estão presentes na sociedade e consequentemente na escola. De repente, sem aviso ou chance de escolha, a vida dos brasileiros passou por uma revolução, neste caso tecnológica. Numa quase repetição histórica, fomos novamente colonizados e obrigados a falar

uma nova língua, a língua das novas tecnologias, das metodologias ativas, das multimodalidades.

Atualmente, como nos dizem Moran e Bacich (2018), é imensa a circulação de mídias nas mais variadas semioses e por vezes umas estão entrelaçadas às outras:

Vivemos a era da informação, na qual a sociedade é impactada pelo ritmo acelerado das novidades tecnológicas, resultado evidente do acúmulo e evolução do conhecimento científico. O número de informações disponibilizada é imensa e aumenta em grande velocidade, sendo que a internet gera infinitos caminhos para investigação de cada tópico levantado. Estamos no auge da era da informação, mas não vivemos na era do conhecimento (MORAN; BACICH, 2018, p. 370).

Isso gera, às vezes, uma outra categoria. Mas, segundo os autores, nem sempre a circulação de informações e o fato de o estudante ter acesso a elas, quer dizer que ele apreendeu:

O estudante tem acesso a muita informação, mas o conhecimento tem que ser construído. O que eu falo é meu conhecimento, para quem ouve, é informação. Se o indivíduo que ouve aceita e usa a informação na vida prática, vira conhecimento para ele. Conhecimento é a informação em ação prática. Mas como construir este conhecimento? Para responder a esta questão, é preciso refletir sobre como os estudantes aprendem. Os estudantes aprendem o que vivenciam. Se os estudantes convivem com as consequências de seus atos – são responsáveis, corresponsáveis pelo seu processo de aprendizagem – aprendem a se tornar responsáveis. Se convivem com expectativas positivas, aprendem a construir um mundo melhor. Se convivem com o respeito no trabalho em grupo e nos salões compartilhados, aprendem a ter consideração pelos outros. Se convivem com o apoio de educadores e de outros estudantes, aprendem a apoiar e a se aceitar melhor. Se convivem com a responsabilidade, aprendem a ser autossuficientes (MORAN; BACICH, 2018, p. 370).

Assim pensamos que com essa mudança constante, nós professores ficamos muitas das vezes a nos questionar o que seguir, como seguir, o que adotar na sala de aula para não correr o risco que ficar para trás ou à frente demais da realidade dos estudantes das escolas públicas, mas sempre na certeza de que a atualização se faz necessária para que o estudante tenha acesso aos meios de comunicação e interação mais novos da sociedade. E a escola é um canal para isso e não pode ser furtar em ser. E, na mesma linha, o professor é e deve ser o mediador desse processo de construção do conhecimento.

Para acompanhar essa revolução, os brasileiros mudaram seus hábitos mais triviais: é raro nos dias atuais ter que ir ao banco ou procurar um contato em lista

telefônica, por exemplo; por outro lado, o telefone fixo de casa foi substituído por celulares para cada membro da família; somos multados por uma câmera; consumimos filmes e músicas em um computador, *tablet* e/ou celular conectado à *internet*; fazemos compras *on-line*; tiramos dúvidas do significado de algumas palavras através de dicionários virtuais etc. Tudo o que cerca o nosso cotidiano já é movido por tecnologia digital. Portanto, estar inserido nesse mundo é uma questão de sobrevivência, então, a educação para sobreviver precisa inserir-se e sobretudo apoderar-se cada vez mais das novas tecnologias, das novas formas de fazer, de dizer, de dinamizar as aulas e as formas de repassar conteúdos.

Como vimos a tecnologia está em tudo, em todos os lugares e, principalmente, nas mãos dos estudantes e cada vez mais jovens. Está na música, no cinema, na medicina, nos automóveis, na indústria, no vestuário, nos cosméticos, nos alimentos. Se, por um lado, eles, os jovens, gostam da inovação, por outro, sabem que se tornaram dependentes da tecnologia, e muitos sentem que não conseguem viver sem ela e sua constante, rápida e diária evolução. Os que têm acesso estão cada vez mais ávidos pelas novidades.

Os jovens percebem que a tecnologia mudou a vida das pessoas. O computador e o celular com acesso à internet socializaram o acesso à informação, mas não o acesso ao conhecimento, e ampliaram o contato com pessoas e instituições de qualquer lugar do mundo, eliminando as distâncias e, até certo ponto, as diferenças sociais, porém nesse ponto nem tanto como já vimos sobretudo na época da pandemia que escancarou aquilo que de certa forma já sabíamos. O tamanho dos aparelhos foi ficando cada vez menor, para facilitar a mobilidade e acompanhar o movimento dessa geração. Eles percebem a tecnologia como algo ligado a novidades, coisas avançadas, ao tamanho pequeno de celulares, *notebooks*, *tablets*, fones de ouvido, câmeras digitais, e, também, a itens grandes, como telas de cinema e aparelhos de TV de alta definição.

Além disso, a internet de alta velocidade e os celulares são tidos como grandes agentes de transformação por outros motivos. Os celulares, devido à evolução da tecnologia 5G e aos modernos aparelhos *touchscreen*; a internet, por estar ampliando o acesso para mais pessoas a cada dia e por estar migrando para outros lugares.

Assim, como pensar em uma educação, em aulas, especificamente de leitura e produção textual que possam favorecer aos estudantes uma formação para cidadania neste mundo completamente globalizado se não for através das práticas de

multiletramento que vêm dando certo nas mais variadas escolas brasileiras? Podemos citar como exemplos o trabalho intitulado *minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas* que consiste em os estudantes selecionarem imagens do cotidiano e depois escrever algo sobre elas em formato de microconto; outro trabalho foi *Hipercontos multissemióticos: para promoção dos multiletramentos* que consistiu em os estudantes serem apresentados ao gênero e depois eles mesmos montarem um hiperconto a partir das vivências que tinham e conhecimentos adquiridos; outro trabalho foi o *Projet(o)arte* que consistiu em a partir de algumas obras de arte os estudantes criarem outro gênero para levantar questões como bullying, racismo, machismo etc. Essas e outras experiências podem ser encontradas descritas no livro *Multiletramentos na escola* de Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012). Temos também os trabalhos *Pequenas montagens* que consistiu em estudantes criarem montagens a partir de poemas com uma mesma temática ou de um mesmo autor; *Poesia e Canção* em que os estudantes trabalhavam a música a partir de poemas que foram musicados ou de músicas que têm muitos aspectos de poema; e *Muros pichados, varal, painéis* em que após um longo processo de leitura os estudantes escolheram trechos e picharam os muros da escola. Esses últimos podem ser encontrados com detalhes no livro *Poesia na Sala de aula* de Hélder Pinheiro (2018). Com esses exemplos podemos mostrar que é possível e produtivo o trabalho a partir dos multiletramentos.

O questionamento feito acima vem se somar com as ideias de que ou a escola assume este papel ou será mais um espaço de exclusão para aqueles que não têm tanto acesso assim, ou nenhum acesso, às tecnologias digitais; ou assume esse papel ou não será um lugar prazeroso, atrativo e de permanência dos estudantes. A escola precisa, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, pensar meios, caminhos, que coloque os estudantes em práticas constantes de multiletramento, sejam aulas, atividades ou vivências.

Percebemos que para que haja um devido ensino-aprendizagem na contemporaneidade na área de linguagem a escola deve mobilizar o máximo de atividades que envolvam as novas formas de produção e circulação de textos. Atividades nas quais os estudantes possam partir do local para o global ou do global para uma utilização ou intervenção local, que suas culturais dialoguem com as culturas de massa ajudando-os a ter um pensamento e posicionamento críticos e isso na atualidade será possível com práticas de multiletramento a exemplo das citadas anteriormente.

O Brasil vive esse momento de muita efervescência em todos os setores, sobretudo na área de educação, que por conta dos avanços tecnológicos tem que alcançar e pegar o ritmo, caso contrário andará na contramão daquilo que os estudantes necessitam e também daquilo que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pede que seja feito para que os estudantes alcancem competências e habilidades mínimas que os tornem aptos para o dia a dia na contemporaneidade e avançar para as etapas de ensino seguintes.

É notório o aumento significativo dos adolescentes e jovens que usam novas tecnologias e sobretudo o *smartphone* e consequentemente à *internet*, sendo as redes sociais os espaços mais visitados/acessados por eles. Então, por que não trazer isso para as escolas de forma didática a fim de melhorar o aprendizado dos estudantes.

É bom lembrar que as escolas ainda estão muito restritas ao papel, seja ele em conjunto (livro didático) ou cópias impressas. Desse modo, em muitos casos, o ensino fica restrito a esses ambientes. Mas as escolas estão assim porque ainda não há um investimento em políticas públicas que proporcione um alargamento de material e suportes didáticos e pedagógicos para as escolas. Muitas vezes, ou o professor tem ou o aluno tem (nesse caso alguns) e aí se pode fazer alguma inovação, tanto no ensino como na aprendizagem. Assim, o sistema educacional como um todo, não apenas nas orientações, mas no suporte e melhoramento das estruturas, precisa se reorganizar pois,

A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. Cada vez mais, elas fazem parte do nosso cotidiano e, assim como a tecnologia escrita, também devem ser adquiridas. Além disso, as tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação, e a combinação dessas modalidades (ROJO; MOURA. 2012, p. 37).

Diante disso caminhar conforme a BNCC, já que ela cita essa junção de atividades, exige desafios, pois as escolas públicas têm estrutura muito aquém da necessária para colocar em práticas metodologias e ações exigidas pelo documento. A disciplina de língua portuguesa vem com uma série de sugestões de atividades, muito voltadas para a vida em sociedade e que exigem um trabalho com as mídias sociais, para a multimodalidade e para o multiletramento. Diante disso, afirma-se que

[...] o conceito de **multiletramento** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Vale salientar aqui, como afirmado acima, que multiletramento tem um caráter de letramentos construídos a partir de linguagens não só da letra e da escrita, mas também de outras vivências e mídias diversas e daqueles advindos das experiências socioculturais. Associar estas questões às atividades de sala de aula é o que vem a ser objeto de estudo a fim de que as práticas de linguagem possam ser significativas para os estudantes e não apenas mera tarefa de sala de aula, ou atividade para ser feita em casa, sempre levando em consideração aqueles saberes que eles já têm dando voz e interação a eles, por isso reafirmamos que

Em qualquer dos sentidos da palavra “multiletramentos” – no sentido da diversidade cultural de produção e de circulação de textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem -. Os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes:

- a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não];
- c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO & MOURA. 2012, pp. 22, 23).

Então, para além de fomentar a participação e interação, as propostas de produções textuais multimodais solicitadas aos estudantes precisam ser interessantes, pois só assim poderão cativar a vontade dos alunos em participar das aulas. Aproveitar dessas inovações e discutir, junto a outros professores e também aos estudantes, formas de transformar os nossos hábitos de como aprender e por óbvio de como ensinar, a partir das novas tecnologias que se apresentam cotidianamente.

A escola não pode ficar na contramão, de caminhar junto com esses avanços a fim de continuar a escola sendo um lugar de aprendizado e apresentação de novidades, pois são muitas as novas práticas de leitura, de escrita e de interpretação que marcam a contemporaneidade.

E esses são alguns dos desafios que estão sendo impostos aos professores da área de linguagens, sobretudo os de língua portuguesa, caminhar junto com as novas

tecnologias como, por exemplo, o uso de jogos eletrônicos, a associação entre imagem e som, vídeos, áudios e metodologias ativas. Não é mais só o papel a matéria prima para os textos e para as aulas de leitura, interpretação e produção textual, agora também têm as telas das TVs, dos filmes, dos celulares, *tablets*, das plataformas digitais, das redes sociais. E, por muitas das vezes, deve-se trabalhar com a combinação desses meios, pois eles são responsáveis por diversos modos de significar agora, no contexto escolar.

Essas novas formas de significar ocuparam o cotidiano das escolas. Novas perspectivas de leituras e escritas estão sendo formadas a cada dia. Por conta disso, as perspectivas de ensino precisam ser também ampliadas para uma visão mais contemporânea. Dessa forma, a escola deve ser a agente motivadora para que os alunos desenvolvam as competências e habilidades contemporâneas elencadas pela BNCC.

A função da educação, e, conseqüentemente, da escola, passa a ser questionada e constantemente avaliada tendo em vista esse mundo digitalizado ao qual estamos imersos. Questionada no sentido de saber que ela precisa adaptar-se a essas inovações sem deixar de apresentar novidades aos estudantes, a partir daquilo que eles, em sua maioria, já têm acesso fora da escola. A tarefa da escola, e a BNCC preconiza isso, é associar os estudos multifacetados com seus projetos de vida, com o mundo do trabalho, da cidadania e do campo da informação e mídias, assim,

Enquanto os currículos são modificados e essas novas questões pensadas, é imprescindível sugerir a mudança de postura do professor, dada a incompatibilidade entre as novas práticas letradas e os currículos tradicionais. O professor pode trabalhar com esferas sociais em várias culturas e com os gêneros que delas emergem e nelas circulam, servindo como ponte para a construção de conhecimento e protagonismo por parte de seus alunos, levando-os a perceber como novos significados são produzidos nas novas mídias e como eles podem ser críticos e produtivos (ROJO; MOURA, 2012, p. 132).

Assim, percebe-se que o aprendizado não acontece apenas entre as quatro paredes da escola, mas que precisa da escola para ser compreendido, sistematizado, difundido e divulgado. Nesse sentido, a escola e as aulas de língua portuguesa, no caso, precisam ser os espaços de produção de diversas práticas de linguagens e de dar vez, através de voz e gestos, aos estudantes.

Assim, percebemos que esses novos desafios só estão começando uma vez que os avanços tecnológicos não param e as mudanças nas propostas educacionais e metodológicas tendem a acompanhar esse ritmo, mesmo sabendo que o ritmo da escola é outro e o do ensino também é outro porque muitas adaptações precisam ser feitas. Porém, a globalização, com as novas tecnologias, chega forçando as mudanças.

As relações socio-comunicativas, por exemplo, requerem novos gêneros que por vezes podem ser orais; por outra, escritas, ora sonora e, em outro momento, imagéticos, gestuais. Dentro dessas categorias, temos algumas subdivisões. Essas práticas estão em constante mudanças e/ou adaptações, ou seja, são ressignificadas a cada dia, a cada nova tecnologia apresentada. Já vimos isso acontecer com vários gêneros: carta, *e-mail*, *whatsapp*, *podcast*... As transformações sempre aconteceram e sempre acontecerão como nos dizem Rojo e Moura (2012):

A alta modernidade, com inovações tecnológicas e mercadológicas, ressignifica as relações sociais. Consequentemente, a escola vê-se imersa em novas práticas discursivas. Mesmo que, em muitos casos, certas ações de linguagem da alta modernidade estejam no lado de fora da sala de aula, não há como negar o quanto a prática docente sofre coerções para implementar mudanças significativas em torno das estratégias de ensino e de seus conteúdos (ROJO; MOURA, 2012, pp. 151, 152).

Por esse motivo, o trabalho com a multimodalidade se faz cada vez mais importante nas escolas: os estudantes podem dizer a mesma coisa de formas diferentes, ou melhor, podem e devem, uma vez que o trabalho multimodal e multissemiótico proporciona isso. Na sociedade contemporânea, as aulas, as produções, ou seja, as práticas de letramento estão envolvendo elementos muito mais além do que apenas a escrita e a leitura como era antes. Nos dias atuais, envolvem também, sons, imagens, movimentos, cores, telas etc.

Para além dessa ideia de modernidade e globalização, que atravessam as escolas e a educação, ainda temos que levar em consideração a variedade cultural existente e a variedade social que está presente em uma escola, pois essas variedades também precisam ser percebidas para que não aja favorecimentos, desvalorização e exclusão dentro das salas de aula e escolas.

Por isso, sabemos que ensinar sempre foi um desafio e agora, com a proposta da BNCC e esse avanço tecnológico pelo qual estamos passando, o professor de uma

disciplina não se limita mais ao conteúdo estudado e aprendido na universidade, mas sim tem que dominar outras áreas sobretudo os gêneros que vão surgido e/ou se adaptando à modernidade. Isso para não ficar para trás em relação aos alunos, que por muitas das vezes já sabem e dominam muito bem as tecnologias.

É papel primordial da escola formar cidadãos cada vez mais autônomos sobretudo diante desse mundo cada vez mais tecnológico. A função da escola é não negligenciar as atualidades e também não esquecer que cada um tem sua identidade e sua cultura local, por isso cabe a escola trabalhar com diferentes semioses, diferentes mídias levando em consideração o contexto sociocultural do estudante. Olhar para a cultura local é olhar para onde eles moram, por onde passam e quais influências eles têm nesse caminho e caminhar.

Essa autonomia só será possível se o material que a escola e os professores produzem proporcionarem o protagonismo desses jovens e/ou adolescentes, sempre levando em consideração que o nosso público, são pessoas das camadas sociais mais desfavorecidas, e mesmo dentro deste grupo têm aqueles que são mais desfavorecidos ainda. Assim, temos que proporcionar espaços e momentos em que essa exclusão não se acentue, muito pelo contrário, temos que os colocar em um lugar de igualdade na sala de aula e na escola, a fim de construir, significar e ressignificar suas identidades.

3.2 Ensino da Língua Portuguesa e as Práticas de Linguagem

No Brasil, muito já se tem publicado sobre multiletramento. Os pesquisadores Rojo e Moura (2012), no livro *Multiletramentos na Escola* nos apresentam uma coletânea de atividades que envolvem o tema, atividades essas que servem, e esse é um dos intuitos, de inspiração para que outros professores, possam reproduzir e ou adaptar, pois todas elas são passíveis de serem realizadas com adaptações ou não, como os autores mesmo chamam, são “**protótipos** [...] estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais.” (ROJO; MOURA, 2012). Assim, cabe a cada professor entender os benefícios didáticos de se trabalhar com multiletramentos, pesquisar o que já foi feito e adaptar à realidade sociocultural da sua turma.

Os currículos escolares, aqueles que o professor tem a autonomia de planejar, precisam levar em consideração a variedade das culturas existentes e que estão muito presentes nas salas de aulas. Não fazendo isso, o professor pode incorrer em, mesmo sem querer, contribuir para intolerâncias e exclusões que podem pré-existir nos contextos escolares.

Há muitos professores Brasil afora utilizando atividades multimodais como forma de aferir o aprendizado dos estudantes, produzindo material para ser disseminado e que sirvam de exemplo e instrumentos de aprendizagem para outros estudantes.

A BNCC trata as linguagens como algo a ser trabalhado dentro do contexto de produção do estudante. Fundamentada em outros documentos orientadores, anteriores a sua edição, a Base elege o texto como a unidade significativa de produção de sentidos efetuados nas mais diversas mídias e semioses, de acordo com as práticas contemporâneas de linguagem, enfatizando que

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL-BNCC, 2017, pp. 67-68).

É através das práticas de linguagens da atualidade que o professor vai cativar e despertar nos estudantes o gosto pela leitura, pela escrita, pela oralidade, ou seja, pela produção seja em qual for a esfera de comunicação. Sabendo que temos alunos plurais, devemos usar linguagens plurais, fazendo isso, teremos alunos mais participativos e até estudantes incentivando outros estudantes a participarem cada vez mais e com interação na sala de aula.

É na escola que os estudantes devem aprender a utilizar de forma crítica esses instrumentos, mecanismos e essas novas linguagens e o 6º ano do ensino fundamental é um momento muito propício para isso. Momento esse que os estudantes passam a ter um professor para cada disciplina e Língua Portuguesa passa a ser uma das matérias com o maior número de encontros com os estudantes, consequentemente aquela em que eles terão mais possibilidades de produzir e refletir sobre os usos das linguagens.

A BNCC orienta que o currículo de todos os níveis, inclusive os do 6º ano, possibilitem aos estudantes o trabalho através dos seguintes eixos: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística e semiótica sem deixar de levar em consideração o letramento da letra através de atividades que trabalhem a fono-ortografia, a morfossintaxe, a sintaxe, a semântica, a variação linguística. A produção escrita, segundo o documento, deve levar em conta atividades que considerem os campos de atuação da vida cotidiana, o campo artístico-literário, o campo das práticas de estudo e pesquisa, o campo de atuação da vida pública e o campo jornalístico-midiático.

A BNCC, na parte específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, dentro do leque de competência que elenca para que os estudantes alcancem, cita que eles devem, dentre outras coisas, compreender a língua como fenômeno cultural, que devem compreender em meio à comunidade a que pertencem, que devem ler, compreender e produzir textos multissemióticos.

Para isso, devemos trabalhar com o maior número possível de gêneros textuais em diferentes linguagens contemporâneas. Precisamos promover uma imersão desses estudantes em atividades multimodais e multissemióticas, para assim ampliarem sua capacidade crítica e criadora em relação ao mundo como Ribeiro (2016, pp. 48, 49) nos diz

A ampliação progressiva de textos de várias esferas e de gêneros diversos na escola pode oferecer mais oportunidades de letramento e de alfabetismo, inclusive multissemióticos. O caso da visualização de informação é digno de nota, já que se trata de textos fortemente multimodais, que lidam não apenas com palavras, desenhos, e plantas baixas, por exemplo, mas também com a sutileza de cores, dos pesos, dos tamanhos e de modalidades menos tratadas em muitos trabalhos acadêmicos. As articulações multimodais são fundamentais nesses textos, não menos do que em outros, e, assim como em outros casos, precisam ser notadas e compreendidas pelo leitor.

Para essa compreensão mencionada pela autora, a BNCC vai propor que a escola amplie os letramentos considerados pela escola; amplie para os textos com as outras linguagens que circulam socialmente nos dias atuais, que são textos mais semióticos e multimodais. Mas sem abandonar os letramentos convencionais. Isso tem a ver com os letramentos que são valorizados socialmente. E a escola sempre fez essa distinção, não levando em consideração as culturas locais e as expressões juvenis, por exemplo.

Essa nova mentalidade trazida pela BNCC para a escola e para a prática dos professores supõe uma maior participação e envolvimento dos estudantes uma vez que estamos vivenciando um momento de sermos produtores e consumidores de textos, muito por conta das redes sociais e do uso quase que unânime do celular para as mais variadas atividades.

A escola deve trabalhar com isso, mesmo a maioria dos estudantes já o fazendo em sua vida extraescolar, porque o aluno já fazer uso não quer dizer que eles usem com crítica, com critérios e necessariamente com propósitos comunicativos e com conhecimento. E também nem todos têm acesso igual, nem todos sabem as mesmas técnicas, nem todo mundo faz as mesmas tarefas.

Precisamos pensar nos jovens que aparentemente estão ficando cada vez mais distantes dos espaços escolares, eles precisam se sentir representados na e pela escola, precisam se sentir de dentro. Precisamos entrar no universo dos jovens e, para isso, precisamos compreender os espaços que eles fazem parte, seus repertórios, suas tradições, ou seja, contemplar as culturas locais.

A juventude de hoje em dia, mais que os de outros momentos quer ser protagonista e é essa uma das propostas da BNCC, dar essa vez e voz, fazer essa voz traduzida através de textos multimodais, seja na literatura, nas artes, nos relatos, ou seja, nas mais variadas criações cotidianas.

Precisamos refletir como as informações estão chegando aos jovens hoje em dia. Esse detalhe pode fazer muita diferença para a relação ensino-aprendizagem. Temos que usar as músicas, imagens, sons, textos etc., de uma forma que os alunos possam lê-las com criticidade extraíndo conhecimento para além da informação dada. Essa é a mudança para a qual aponta a sociedade atual, para a qual aponta a sala de aula, a educação.

Esse é o desafio: como juntar o letramento da letra, aquele valorizado pela escola e pelos meios de poder (jornalismo, igreja, direito) com o letramento que efetivamente está na vida cotidiana dos estudantes para extrair daí conhecimento? Isso tudo implica mudanças significativas no currículo, na pedagogia, no dia a dia da escola e da sala de aula. Isso se dará de forma muito significativa com trabalhos interdisciplinares e através do trabalho com projetos que se constituam em

[...] uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que tenha ligação com a sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam

com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. Por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico e criativo e a percepção de que existem várias maneiras de se realizar uma tarefa, competências tidas como necessárias para o século XXI. Os alunos são avaliados de acordo com o desempenho durante as atividades e na entrega dos projetos (MORAN; BACICH, 2018, p. 57).

Nesses vieses, teremos muitas semioses para se trabalhar e envolver os estudantes. A aprendizagem baseada em projeto vem como um mecanismo de engajamento, aprendizado e protagonismo juvenil. Cada professor vai refletir o que é melhor fazer, o que cabe melhor, e qual dos projetos vai trazer mais benefícios para o letramento da letra que deve estar associado a todo projeto e articulado com o letramento do mundo, do cotidiano.

As linguagens nas escolas devem ser aquelas que mais dialoguem com as mais variadas práticas culturais, buscando contemplar não só o papel escrito, mas também, os gestos, os textos imagéticos, os textos musicais, a fim de cada vez mais aproximar os estudantes das aulas, as aulas dos estudantes e os estudantes das mais variadas linguagens. Nós, professores, precisamos entender que nossa geração é outra diferente da dos nossos estudantes, assim como a nossa é/foi diferente da dos nossos professores.

Como nos disse Cazuza em uma de suas canções: *O tempo não para*; e, assim como o tempo que não para, as inovações tecnológicas que propiciam a comunicação também não param os processos educacionais, as invenções didáticas e pedagógicas também não devem parar.

O uso da língua/linguagem se relaciona como o poder em uma sociedade, pois ela possibilita e demonstra a nossa capacidade e competências comunicativas que vai nos levar diretamente para as nossas ações enquanto cidadãos, vai nos ajudar a ser inseridos nas mais variadas relações sociais e é isso que temos que proporcionar aos nossos estudantes. Essas possibilidades de interação a partir da linguagem, nos dias atuais, só será possível através da multimodalidade explorada nos mais variados textos os seus aspectos não só linguísticos, mas também os sociais, culturais, políticos e de identidade.

Nossa língua é essencialmente heterogênea, sempre tivemos aqui no Brasil um plurilinguismo, é só lembrar das mais variadas línguas indígenas que tínhamos e ainda temos que sempre foram sendo silenciadas em detrimento ao monolinguismo. Hoje essa variedade é percebida e estabelecida não apenas através dos falares regionais,

geracionais ou de classe social, mas também na forma de estabelecer as relações de comunicação a partir das tecnologias que vão surgindo a cada dia. Além de heterogênea, a língua é variável e muda constantemente.

Essas variedades são fatos sociais e culturais que estão presentes no nosso dia a dia, e todos nós utilizamos, muito ou pouco de formas diferentes de se expressar, de aprender e apreender, de se relacionar com as outras pessoas e instituições. E essas mudanças e adaptações só são possíveis e aceitas porque nós as usamos, criamos e recriamos e dão certo e assim interagem, comunicam, alcançam o objetivo.

Essas interações, mudanças e adaptações não ocorrem por acaso ou isoladamente, mas sim inseridas dentro de contextos múltiplos que se integram a partir do uso. E, para que as pessoas alcancem êxito em suas atuações na sociedade, sobretudo no âmbito educacional, elas precisam ser apresentadas e fazer uso desses recursos linguísticos.

4. METODOLOGIA

4.1 Caracterização do Estudo

A metodologia desta pesquisa é do tipo pesquisa-ação a fim de extrair informações, perceber um método e promover ações e transformações nas aulas, tornando-as mais efetivas com foco em buscar estratégias para o ensino-aprendizagem da escrita em Língua Portuguesa, perpassando desde as produções textuais que os estudantes fizeram, passando pela proposta de intervenção do professor até chegar no processo de reescrita de um dos gêneros trabalhados. Para isso eles elaboraram textos em diferentes formatos/gêneros textuais a partir de um tema central e muito por conta do nosso contexto de sala de aula, foi escolhido o gênero poema para trabalhar com mais detalhes e solicitar uma reescrita. Todos os instrumentos são integrados a uma sequência didática.

A pesquisa tem caráter qualitativo com modo de intervenção didático-pedagógica tendo em vista as devolutivas que os estudantes forneceram. Ela visou experimentar atividades sistemáticas voltadas a um tema, que remeteu à realidade concreta dos estudantes e propiciou que o professor soubesse quem eram os estudantes, de onde eles vieram, quais dificuldades passaram e o que apreciavam. Tudo isso, a fim de produzir conhecimento acerca da temática abordada e traçar caminhos a fim construir um currículo mais real, mais próximo à realidade deles, pois como diz Michel *apud* Marconi & Lakatos (2021, p. 70): “é por meio das técnicas de pesquisa que as fontes de informação “falam”: são, portanto, ferramentas essenciais para a pesquisa e merecem todo o cuidado na sua elaboração, para garantir fidelidade, qualidade e completude dos resultados”, a sequência didática, o acompanhamento e a reescrita são essenciais.

Assim, acreditamos que determinados temas conhecidos pelos alunos têm mais chances de tornar a participação mais efetiva e afetiva e gerar trabalhos mais agradáveis em que eles não achem enfadonhos ou apenas mais um trabalho escolar, favorecendo, assim, a participação e o envolvimento.

Sabemos que a realidade dos estudantes parte de uma objetividade, mas suas percepções serão sempre subjetivas, cada um passará sua própria visão e é essa subjetividade que será importante para o desenvolvimento e a conclusão do trabalho.

Este trabalho se constitui em uma pesquisa de campo que levantou dados no próprio local onde acontece: a sala de aula, a escola; e teve como protagonistas os estudantes. Um dos nossos intuitos é conseguir informações acerca da realização de atividades utilizando uma diversidade de semioses e perceber como isso contribui para o aprendizado dos estudantes, pois, essas pesquisas, como nos diz Marconi & Lakatos (2021, p. 206.): “consistem em investigações [...] cujo objetivo principal é o teste de hipóteses que dizem respeito a relação causa-efeito”. É o que se pretende: perceber se, ao trabalhar com os conhecimentos prévios e com a ótica deles das coisas, há um avanço na participação, interação e produção.

Nesse sentido vamos trabalhar com o método dialético uma vez que pretendemos ver uma ação recíproca acontecendo, através do fazer e refazer atividades sempre a partir de outras frentes, outros meios, outros jeitos de fazer; sempre agindo de forma a movimentar a atividade, dando-lhe outra característica, outra face, uma vez que

[...] as coisas não devem ser analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo do outro. As coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 101).

Dessa feita, os fenômenos, as aulas, as atividades não podem ser analisadas isoladamente, a compreensão geográfica, histórica, artística do objeto, ajudarão e muitos nas compreensões da linguagem. O caráter de multimodalidade já se inicia na compreensão do fenômeno e na busca dos dados.

A proposta da Sequência Didática segue na linha da diversidade cultural, na diversidade socioeconômica e, por conseguinte, na diversidade de linguagens, sejam as linguagens dos textos que serão produzidos, sejam nas formas de dizer de cada estudante, sejam nos textos norteadores. As suas vivências e seus conhecimentos prévios se constituem em vetor para a criação dos textos que produzem, nas mais

diferentes modalidades: mapa/desenho, descrição do caminho de casa à escola, poema, fotografia. Isso porque todas as modalidades estavam carregadas de significados e, em algumas, os estudantes tiveram o maior prazer em realizar por gostarem mais, por já terem realizado em outro momento e por conseguinte, terem mais afinidade.

A estratégia de a partir de um texto se construir outro se tornou bastante eficaz e contribuiu de forma singular para o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e sobretudo de escrita isso porque como houve mudança de gênero textual consequentemente teve que haver adequações linguísticas para tornar o novo texto adequado àquela situação de comunicação além da adequação à modalidade como fonte, cores, dimensão, escolha de imagens etc.

Escolhi como tema central de trabalho - *Caminhos* - por fazer parte do itinerário diário de todos eles, dos que moram próximos, aos que moram distante, dos que precisam de transporte aos que vão a pé, dos que quando chove não podem ir, e dos que vão de transporte (carro, moto, bicicleta) próprio, dos que vão com os pais e dos que vão sozinhos. Ou seja, um mesmo tema terá uma diversidade de textos, contextos, realidades e apresentações, pois diversas são as realidades deles. Os textos que eles apresentarem dos mais simples aos mais complexos, contarão as vivências deles fora da escola e mostrarão a percepção que eles têm das coisas. Essa temática permitirá a eles ressignificarem suas visões sobre o mundo, os caminhos, as culturas e também as formas de aprender, pois leva-os a ter uma atitude de mais percepção, zelo, observação e crítica sobre o seu trajeto e sua trajetória.

Trabalhar com esse tema central proporcionou diminuir a distância que há, na maioria das vezes, entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela; entre a falta de sintonia do que se estuda na escola e as demandas da vida real, sobretudo levando em consideração a maioria dos textos encontrados nos livros didáticos enviados à escola que não dialogam com a nossa realidade e muitas das vezes não foram os escolhidos pelo conjunto de professores.

A cada etapa concluída foi percebido que eles empregaram um conjunto de significados aos textos, à descrição, ao poema, ao desenho e à fotografia, cada etapa teve arranjos diferentes e foram sendo uma crescente na percepção deles dos seus caminhos, do que podiam ver, observar, captar e mostrar. Foi de suma importância

que eles tenham realizado trabalhos de autoria mesclando entre utilizar métodos antigos e também novas ferramentas para poder pesquisar, dizer, contar, expressar. Assim percebo que o trabalho contribuiu para novas percepções, para a construção de saberes plurais, coletivos e com muita interação entre eles.

Optamos por um deslocamento dos textos formais nesse trabalho, a fim de obter posturas diferenciadas e poder alcançar o objetivo de perceber a diversidade que rodeia os estudantes e as turmas, de uma mesma série, de uma mesma faixa etária, mas com percepções diferenciadas, pois entendemos que é na escola que os estudantes terão essa oportunidade de ampliar suas visões de mundo a partir de seu local, outro motivo é por entender como é importante mostrar ao aluno outras formas de significar, de pesquisar, de dizer, de informar e de fazer o estudante perceber a multiplicidade de formas de expressão que ele pode utilizar.

Sua elaboração multimodal envolveu uma diversidade de ações de leitura, pintura, escuta de música, elaboração de desenho, análise de mapa, textos narrativos escritos, poemas, oralidade e fotografia. Essas etapas serão descritas minuciosamente mais à frente.

Todas essas ações interligadas na mesma temática, tiveram o intuito de ressaltar que o ensino da língua materna seja pautado nas suas reais possibilidades de uso. Isso fará com que o sujeito amplie sua competência textual, expandindo sua capacidade de elaborar e compreender textos em situação real de comunicação, com autonomia para monitorar o próprio texto. E, assim, o professor será capaz de perceber as pistas de saberes e posicionamentos que os estudantes deixam no texto, de forma explícita, mas sobretudo de forma implícita.

A proposta de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa que foi aplicada proporcionou e possibilitou que os estudantes despertassem para a exploração de diferentes capacidades de linguagem, e o reconhecimento e a reflexão sobre capacidades com cunho multissemiótico.

4.2 O chão da escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Pedro da Silva I está localizada na cidade de Maceió, Alagoas, no bairro Jardim Petrópolis, rua José Bernardes, 10, no Conjunto Luiz Pedro da Silva I. Sua principal via de acesso é a avenida Durval de Góes Monteiro (extensão da rodovia BR-104) e depois a Avenida Galba Novaes de Castro que é um dos principais pontos de ligação entre a Avenida Durval de Góes Monteiro e os bairros de Chã da Jaqueira, Chã de Bebedouro, Conjunto João Sampaio I, Jardim Glória, Jardim Petrópolis e o Conjunto Luiz Pedro, onde se localiza a escola.

Em seu entorno existem alguns condomínios e também fica muito próxima do Parque Municipal que tem uma área de 82 hectares. Um lugar atraente e que serve para passeios, pesquisas, aulas de campo, atividades esportivas.

Foi criada pelo cabo Luiz Pedro da Silva em 1994, a fim de atender a comunidade do conjunto residencial de mesmo nome. A partir de 1999 a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) assumiu todas as ações e responsabilidades administrativas e pedagógicas.

Atualmente ela oferece o Ensino Fundamental I e II nos turnos matutino e vespertino, respectivamente. O público são crianças e adolescentes do próprio conjunto e também dos bairros e conjuntos do entorno, alguns citados acima ou de grotas que ficam nas proximidades do estabelecimento de ensino e são partes desses bairros/conjuntos; a maioria dos estudantes são membros de famílias em extrema vulnerabilidade social que vivem de trabalhos informais, comércio, mães que trabalham em casas de famílias ou que vivem de algum benefício social, alguns vivem com os avós, sendo boa parte de pessoas não alfabetizadas.

O ano letivo de 2022, o ano que começou esta pesquisa, iniciou de forma *on-line*, pois o prédio onde funcionava a escola estava com muitos problemas estruturais o que dificultava o trânsito de estudantes, professores e funcionários, correndo o risco de acontecer algum acidente. Só por volta do mês de maio é que foi alugado um prédio do mesmo proprietário e que tem quase o mesmo nome, o Instituto Luiz Pedro que fica ao lado e assim as aulas puderam acontecer de forma presencial, porém o local não era adequado para aulas, sobretudo com crianças e adolescentes, com salas pequenas, por isso apertadas e quentes.

Os estudantes da Escola Luiz Pedro da Silva I, em sua maioria, são filhos de pais trabalhadores da informalidade, são majoritariamente carentes financeiramente

e isso pôde ficar mais evidente durante as aulas remotas, momento em que nos deparamos com a realidade de que algumas famílias não tinham celular e quando tinham era para todos os filhos e o aparelho não atendia às expectativas para as aulas e/ou não tinham acesso à internet. Em tempos de aula presencial essa realidade também fica evidente.

4.2 O Perfil dos alunos

A partir de uma aula Língua Portuguesa no 6º ano, no ano de 2022 que tratava sobre linguagem não-verbal discutindo a sua importância para os estudantes e pedindo que eles apontassem e trouxessem algo que veem no caminho até a escola surgiu a necessidade de aprofundar a temática com outras atividades que não só esta da indicação através da oralidade.

As turmas em que este trabalho foi aplicado foram os 6º anos A e B do turno vespertino, cada uma composta por 41 e 43 estudantes, respectivamente. Com faixa etária de 12 a 13 anos. Após um momento de greve retornamos com 37 estudantes em cada sala e a esses foram aplicadas as etapas que serão descritas aqui.

4.3 A Sequência Didática da proposta

A pesquisa, por ter sido feita durante as aulas de língua portuguesa, como dito, caracteriza-se como um pesquisa-ação, pois todas as intervenções foram feitas e/ou orientadas na sala de aula. A proposta abrangeu teoria e prática a fim de proporcionar maior participação, interação e aprendizagem dos estudantes envolvidos e a partir das dificuldades encontradas e dispostas, seja feita uma intervenção e dado direcionamento mais significativo.

A sequência didática desta proposta foi pensada de uma única vez, após aula citada anteriormente, porém foi sendo adaptada a cada etapa realizada, ora por alguma atividade demandar mais tempo, ora por ter sido encurtada pela facilidade que alguns tiveram em realizar, ora por necessitar criar uma outra e última etapa a fim de adequar o texto ao que se queria.

Reafirmamos aqui que uma das formas de registro de um estudo de campo pode ser um relato multimidiático, que articule escrita, fotos, depoimentos gravados, mapas, infográficos etc. E isso seguirá a partir daqui, com a descrição das etapas da sequência didática desenvolvida, pois entendemos que a escola deve também se preocupar com o que a palavra, a imagem, a música e mecanismos diversos de disposição de letras, sons e cores favorecem para o sentido geral do texto.

A ideia desta proposta é fazer o que a canção *Cio da Terra*² propõe: extrair dos alunos o que eles têm de melhor.

O Cio da Terra
Chico Buarque / Milton Nascimento.

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se faltar de pão
Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel
Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão.*

4.4.1 Fase 1 – Sondagem “O caminho”: desenho, fotografia, leitura e escrita

Na sala de aula fiz uma sondagem, entrevistando oralmente os estudantes da turma sobre onde eles moravam, se perto, se longe da escola, qual caminho faziam para chegar à escola, quais dificuldades de locomoção passavam, o que viam no caminho, o que achavam bonito, feio, o que era mais marcante etc. Fui anotando todas as respostas no quadro e, após um tempo de falas deles foi questionado sobre alguns pontos falados. E foi perguntado daquilo que eles viam, observavam, o que viam e gostavam e o que viam e não gostavam. O que chamava mais atenção e por quê. Dessa forma, aconteceu um bate-papo sobre os lugares deles, os caminhos, as dificuldades, as formas de ir até a escola.

² <https://m.lettras.mus.br/chico-buarque/86011/>

Em outra aula, foi lido para eles o livro *A Caminho da Escola*³ de Fabia Terni (1997), lançado pela Studio Nobel, livro com ilustrações e que narra alguns dos principais meios de transportes que crianças de diferentes regiões do Brasil utilizam para chegar às suas respectivas escolas. Nesse momento os estudantes ficaram atentos, pois sempre queriam saber qual o próximo meio de transporte, qual dificuldade encontrada e de qual região do país seria a próxima historinha a ser narrada.

a) O desenho/mapa

Em outra aula mostrei, através de projeção em data show, onde ficava localizada a escola através do *google maps* (Figuras 1, 2 e 3) e fomos apontando ali os caminhos percorridos por alguns, caminhos estes relatados na aula anterior que tratou desse tema, às vezes ampliávamos as imagens para que eles pudessem perceber através daquele mapa os espaços mais vistos, mais frequentados por eles, os espaços citados nas suas falas, essa apresentação foi importante porque,

[...] grande parte da população brasileira parece não ter desenvolvido a habilidade de ler, compreender e interpretar mapas e outros tipos de representação gráfica [...] o desenvolvimento dessas habilidades pode inserir o indivíduo no contexto da vida do mundo moderno [...] o conhecimento de cartografia (e a leitura de mapas) auxiliaria na formação de imagens, na compreensão de informação em um instante de percepção, na síntese e na memorização (RIBEIRO, 2016, pp 43, 44).

A mostra e discussão desses mapas, como disse a autora, auxiliou na compreensão, dentre outras questões, do percurso, das distâncias, na leitura da imagem e na compreensão de que um mapa e uma imagem também são textos e estão repletos de informações e significados. A ideia desse projeto é também trabalhar a interdisciplinaridade, tanto é que nesse momento os estudantes questionaram se seria aula de geografia.

Figura 1: Imagem do *google maps* utilizada pelo professor

³ Tomamos o título desse livro lido pelos estudantes para compor a primeira parte do título deste trabalho, complementando o tema escolhido: *Caminhos*.



Figura 2: Imagem do *google maps* utilizada pelo professor

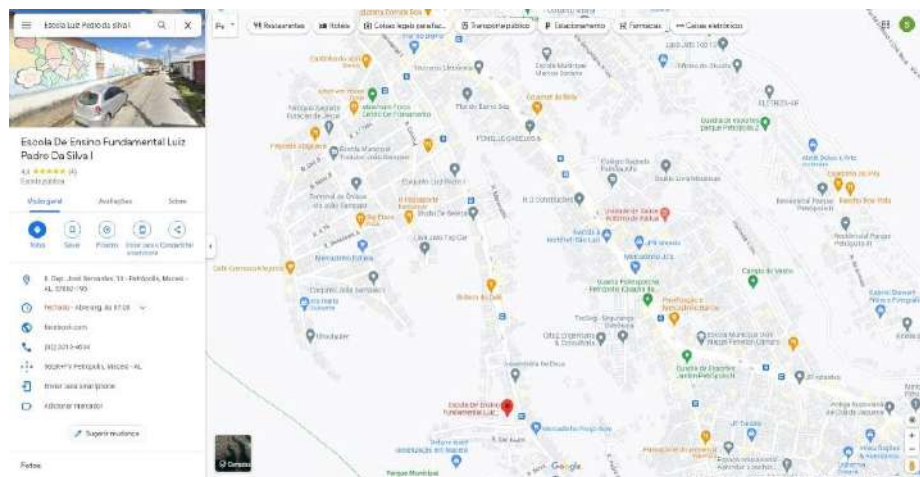
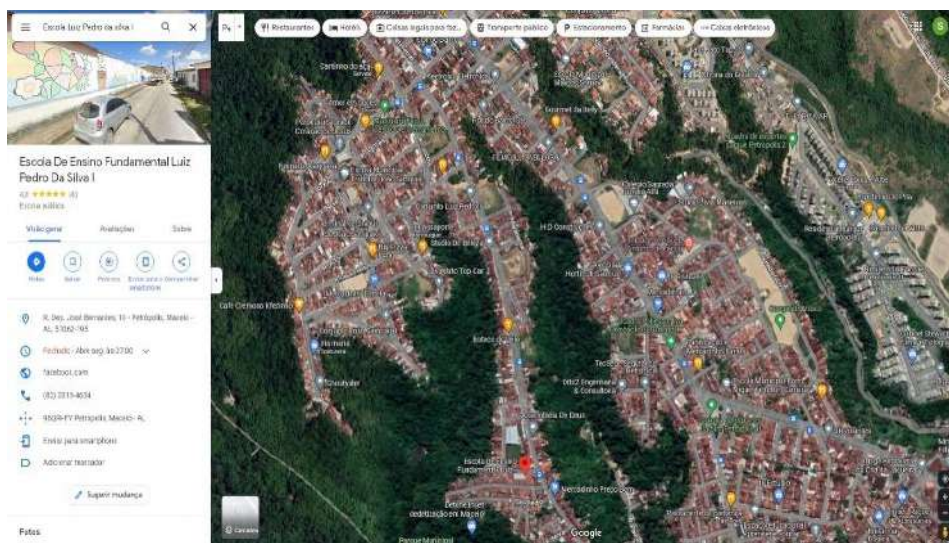


Figura 3: Imagem do *google maps* utilizada pelo professor



A partir daí solicitei que eles demonstrassem o caminho percorrido por eles até chegar à escola só que isso não mais falando como na aula anterior, mas sim através de um desenho estilo os mapas mostrados, e que poderiam mostrar de tudo, de coisas boas a coisas ruins, porém identificassem os locais, colocando letreiros, os nomes, as indicações.

Todos os espaços que eles pudessem, mostrassem: ruas, praças, avenidas, córregos, matas, lixões, esgotos, campos, estabelecimentos, igrejas, casas, centros comunitários, postes, transportes, amontoados, pontos importantes etc., pois, como Ribeiro (2016, 41) compreendemos que “[...] a transformação do leitor em usuário de mapas ou em colaborador (dando informações, comentando, inserindo tags etc.) pode ser entendida como a emergência de eventos de letramento ligados às tecnologias digitais.”. E foi isso que fizemos, transformamos os estudantes em leitores e depois em colaboradores, na medida do possível, quando eles passaram as informações através de seus (mapas) desenhos. Para isso solicitamos que em seu texto houvesse o desenho, mas também palavras, alguns contemplaram outros não.

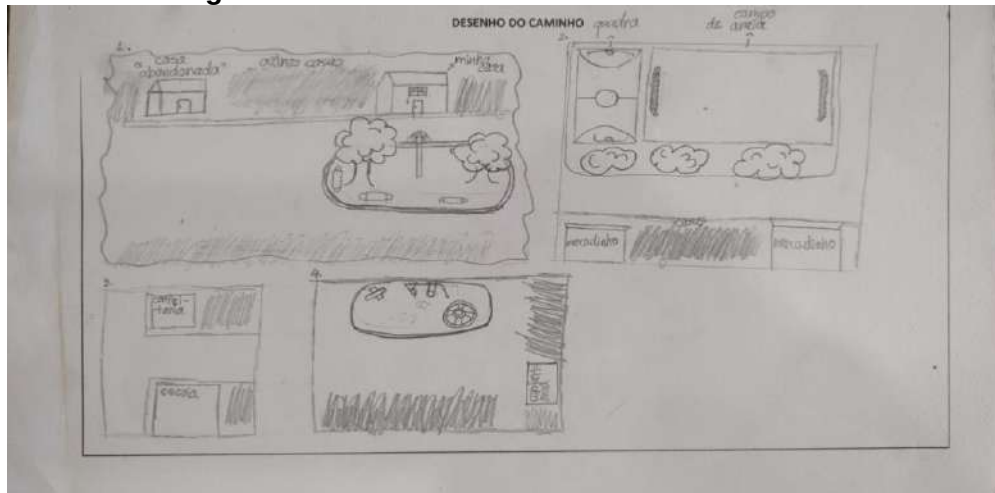
O trajeto era por eles conhecido então nesse aspecto não houve dificuldade alguma e o resultado foi o seguinte:

Figura 4: Desenho do caminho de casa – aluno A



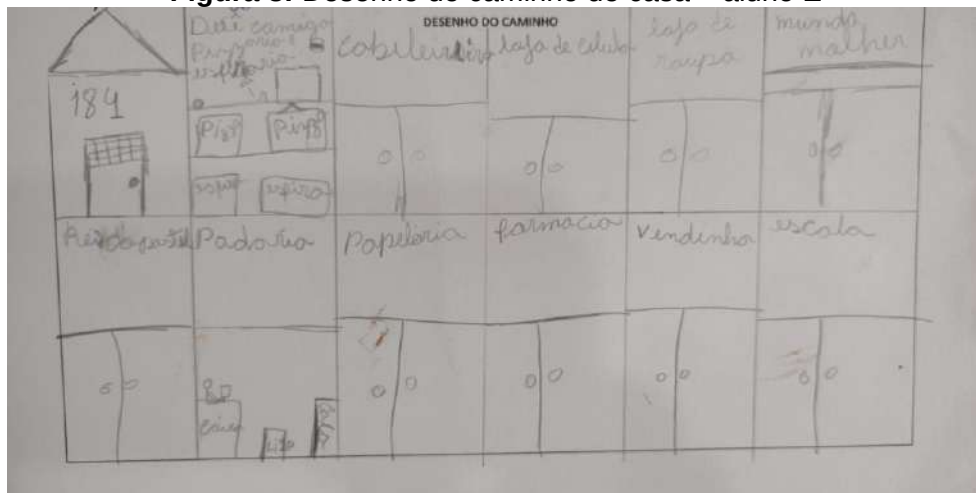
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 7: Desenho do caminho de casa – aluno D



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8: Desenho do caminho de casa – aluno E



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 9: Desenho do caminho de casa – aluno F

Figura 12: Desenho do caminho de casa – aluno I

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 13: Desenho do caminho de casa – aluno J

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta etapa inicial do trabalho não se pretendia que eles reproduzissem com exatidão e perfeição o mapa do percurso que eles fazem diariamente, mas sim que eles pudessem relembrar, rememorar e apontar alguns aspectos desse trajeto criando seu próprio mapa em modo de desenho a partir dos recursos que eles tinham disponíveis no momento, tanto é que observamos que alguns são coloridos, outros preto e branco, uns têm informações escritas, outros não, um com texto explicando, uns são mais poéticos, outros mais objetivos.

Eles ficaram livres para criar mapa, através de seu percurso com algumas identificações, umas verbais outras não verbais, mas todas as informações tinham que ser verdadeiras, não podiam criar espaços não existentes.

b) O poema: leitura e escrita

Trabalhei com eles o poema *No Meio do Caminho*, de Carlos Drummond de Andrade (2022), solicitando, a princípio, que lessem e dissessem o que eles achavam que eram essas “pedras” no meio do caminho. Após a discussão pedi que dissessem se achavam que tinha algo a ver com a leitura do livro da aula anterior. Vale salientar que neste momento do ano o gênero textual poema já havia sido trabalhado com as turmas. Esse poema foi escolhido tanto pelo tema central do trabalho compor seu título como também pela forte expressão de visualidades que existe nele.

Em outra aula pedi que eles, no final de semana, pesquisassem um poema em casa, qualquer poema e o escrevessem no caderno em uma folha, de forma que ele ficasse bem centralizado. Na aula seguinte a esse final de semana, foi solicitado que ilustrassem o poema que trouxeram, transformando o que estava escrito em imagens ao lado do texto. Para isso, foi colocada ao fundo a música “Aquarela” de Toquinho⁴. Alguns estudantes já conheciam a música porque a professora do ensino fundamental I já havia trabalhado com esta canção em alguma aula.

Em outro momento, já com os poemas ilustrados por eles, fomos à quadra da escola realizar uma roda de recitação dos poemas na qual alguns deles recitaram os poemas pesquisados e ilustrados, outros pela timidez não quiseram recitar, outros pediram para ir mais de uma vez, além de recitar o seu, recitar também o poema do amigo que não quis ir.

Em outro momento, pedi que eles lembrassem do desenho que fizeram sobre as ruas, bairros e caminhos que eles fazem e listassem 5 (cinco) substantivos e 5 (cinco) adjetivos (neste momento os conteúdos substantivo e adjetivo já foram dados aos alunos de acordo com o programa da disciplina) em seguida solicitei que eles lembrassem e até olhassem os poemas que já foram trabalhados em aulas anteriores, vissem a forma/estrutura e agora criassem um poema em que essas palavras, adjetivos, substantivos e outros elementos do bairro/caminho estejam presentes.

A partir dos substantivos e adjetivos que eles elencaram sobre o bairro e sobre o caminho eles foram incentivados a escrever um poema, dar o título, tendo como

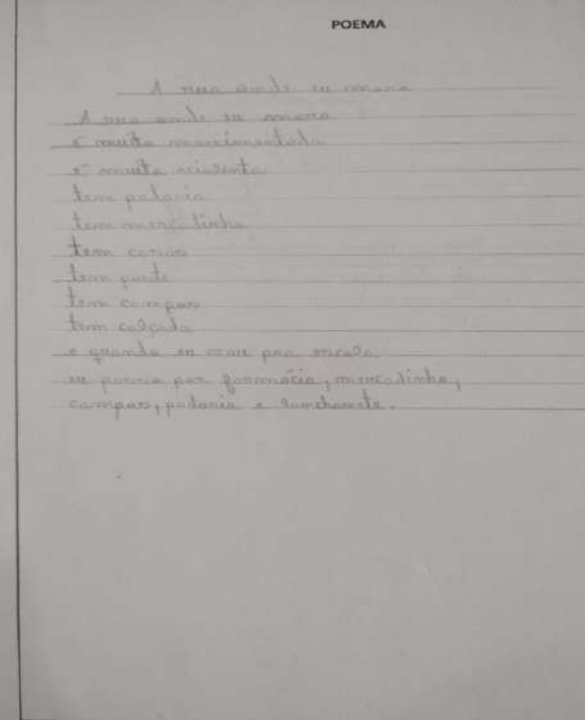
⁴ <https://m.letras.mus.br/toquinho/49095/>

principal tema o caminho que fazem até chegar à escola. Primeiro escreveram no caderno e após a intervenção do professor eles colocaram em uma folha A4, pois como diz Pinheiro (2018):

A partir dos anos finais do ensino fundamental, o interesse de nossos alunos por textos que tematizem experiências afetivas é muito grande (em tese, esse interesse pode surgir mais cedo ou mais tarde). Temos aí uma porta aberta pela via temática que, como tal, apresenta também seus riscos [...]. Cada leitor livremente, tira ou não lições das leituras para sua vida. (pp. 15, 16).

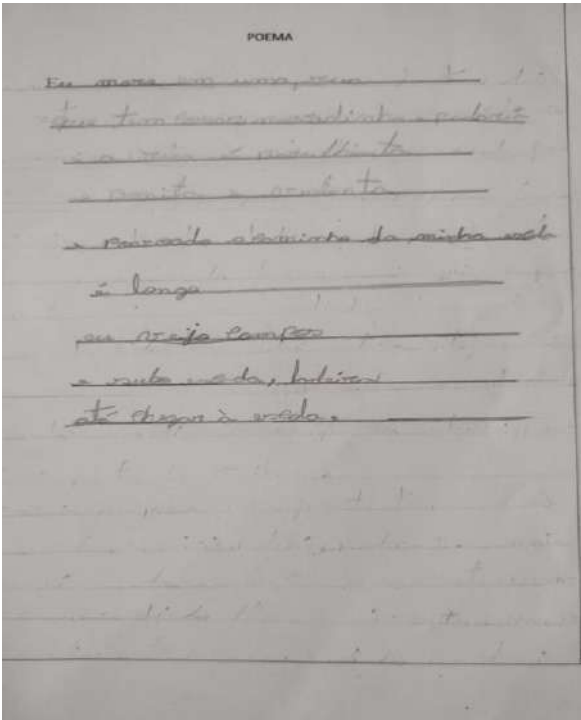
E foi isso que fizemos, a partir da temática de seus caminhos, suas percepções sobre a realidade que os cerca, boas ou ruins, eles puderam descrever isso em textos e em várias modalidades, o que ajudou a perceber os detalhes e reforçar a compreensão do outro texto em formato diferente.

Figura 14: poema do caminho - aluno K



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 15: poema do caminho de - aluno L

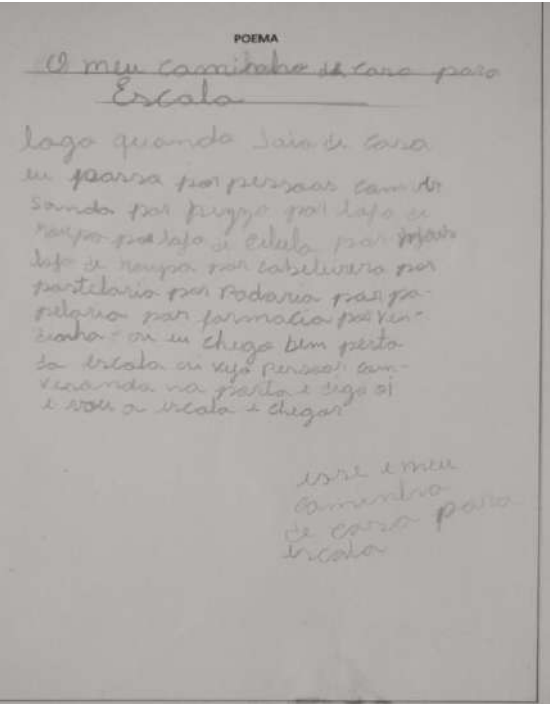


Fonte: Dados da pesquisa

A rua onde eu moro A rua onde eu moro é muito movimentada é muito violenta tem padaria tem mercadinho	Eu moro em uma rua que tem casas, mercadinho e padaria e a rua é barulhenta e bonita e violenta e povoado o caminho da minha escola é longo eu vejo campos
---	---

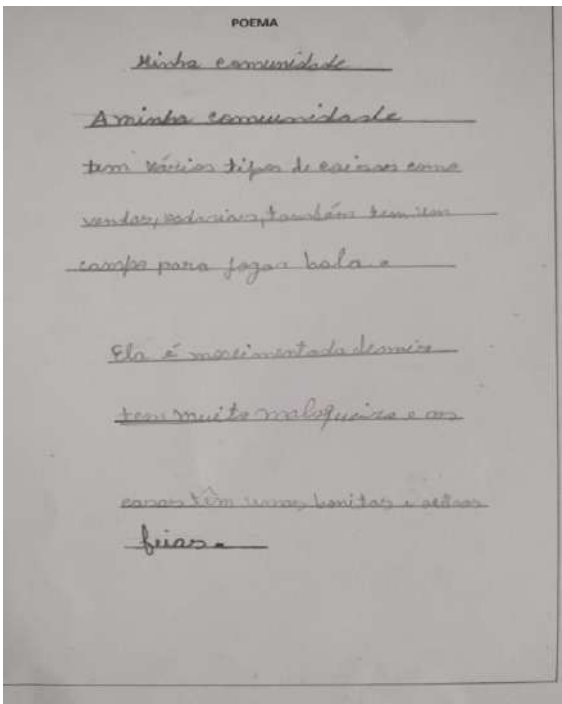
tem casas tem poste tem campos tem calçada e quando eu vou para a escola eu passo por farmácia, mercadinho, campos, padaria e lanchonete.	e subo escada, ladeira até chegar à escola.
---	--

Figura 16: poema do caminho – aluno M



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 17: poema do caminho – aluno N



Fonte: Dados da pesquisa

<u>O meu caminho de casa para</u> <u>Escola</u> logo quando Saio de casa eu paso por pessoas conver sando por pizza por loja de roupa por loja de celula por mais loja de roupa por cabeleirera por pastelaria por padaria por pa- pelaria por farmacia por ven- dinha ai eu chego bem perto	<u>Minha comunidade</u> A minha comunidade tem vários tipos de coisas como vendas, padarias, também tem um campo para jogar bola. Ela é movimentada demais Tem muito maloqueiro e as
---	--

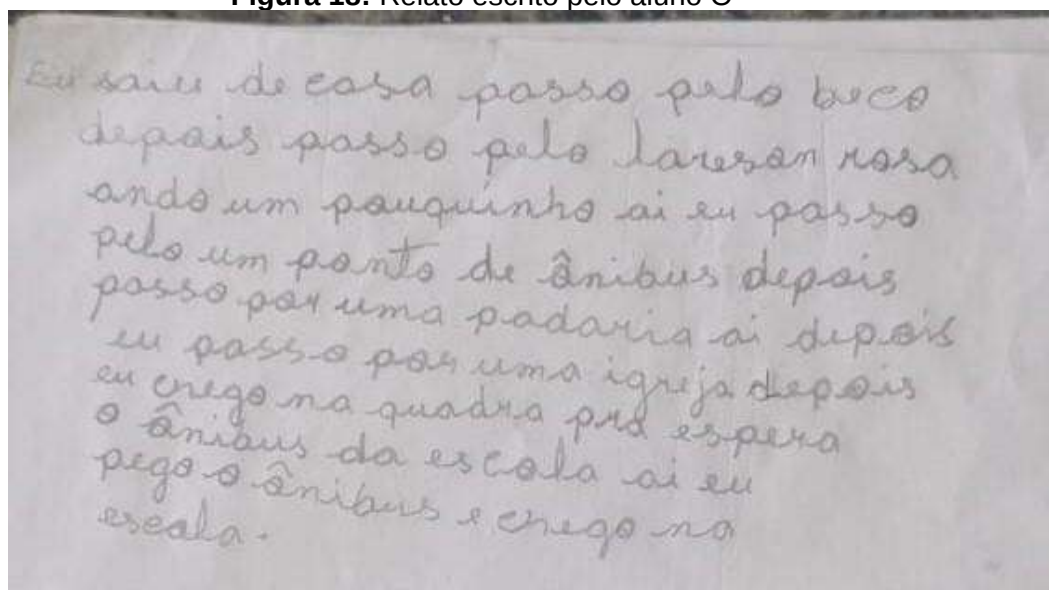
da escola ai vejo pessoas com- vesando na porta e digo oi e vou a escola e chegor	casas têm umas bonitas e outras feias.
esse e meu caminho de casa para escola	

c) O texto escrito em prosa

Devolvi os desenhos que haviam feito em aula anterior sem fazer nenhuma intervenção, solicitando que, a partir da exposição do mapa pelo google, do desenho feito por eles, do livro lido *A caminho da escola*, da reflexão sobre o poema *No meio do Caminho*, e do poema que criaram, eles agora descrevessem esse percurso feito por eles, por onde eles passam, o que encontram, se gostam do que veem, se não gostam e por que gostam ou não gostam. Acreditamos, como diz Brait (2005, p. 273), que “Numa sociedade letrada, a escrita adquire função de suma importância, porque, além de seu papel documental de guardiã da tradição, ela é instauradora de diálogos nas várias dimensões espaciais e temporais”.

Em seguida os textos foram mais uma vez recolhidos pelo professor. Seguem os relatos.

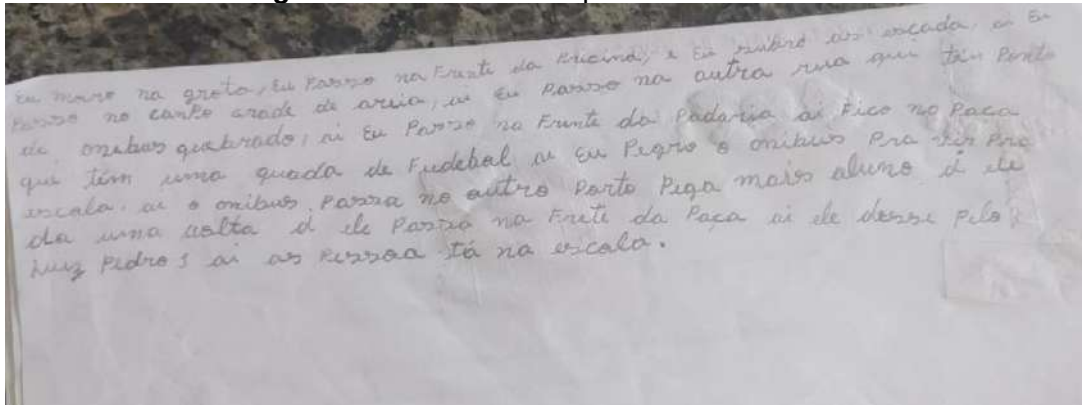
Figura 18: Relato escrito pelo aluno O



Fonte: Dados da pesquisa

Eu saí de casa passo pelo beco
depois passo pelo lareson rosa
ando um pouquinho aí eu passo
pelo um ponto de ônibus depois
passo por uma padaria aí depois
eu passo por uma igreja depois
eu chego na quadra pra espera
o ônibus da escola aí eu
pego o Ônibus e chego na
escola.

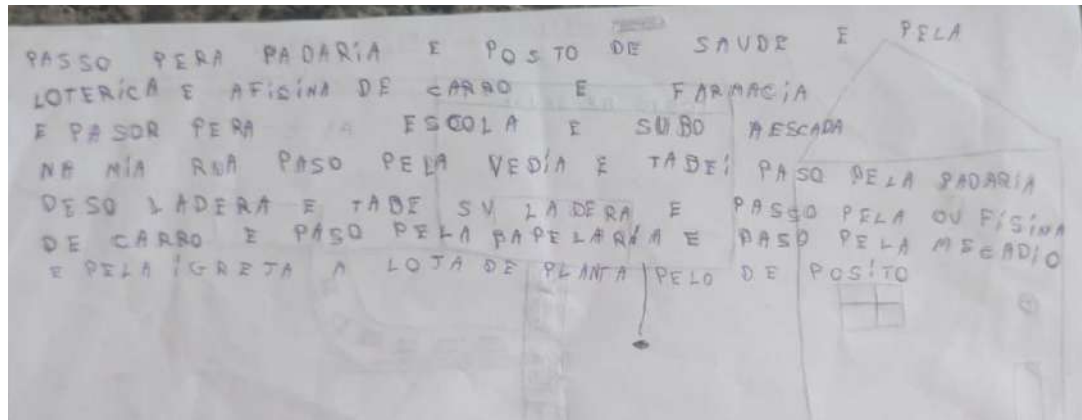
Figura 19: Relato escrito pelo aluno P



Fonte: Dados da pesquisa

Eu moro na gruta, eu passo na frente da piscina, eu subo as escada, aí Eu
passo no campo arade de areia, aí Eu passo na outra rua qui tem ponto
de ônibus quebrado, aí Eu passo na frente da padaria aí fico na paça
que tem uma quadra de Fudebol aí Eu pegro o ônibus pra vir pra
escola, aí o ônibus passa no outro ponto pegamais aluno aí ele
da uma volta aí ele passa na frete da paça aí ele desse pelo
Luiz Pedro 1 aí as pessoa tá na escola.

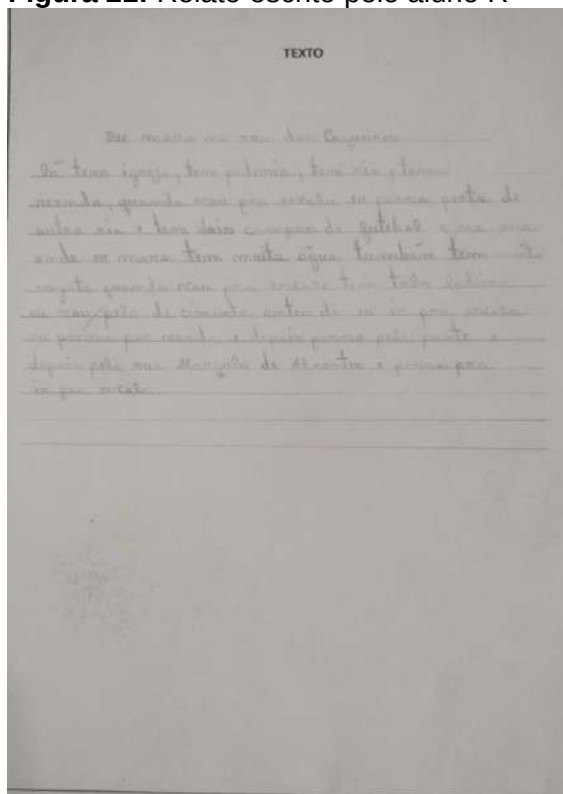
Figura 20: Relato escrito pelo aluno Q



Fonte: Dados da pesquisa

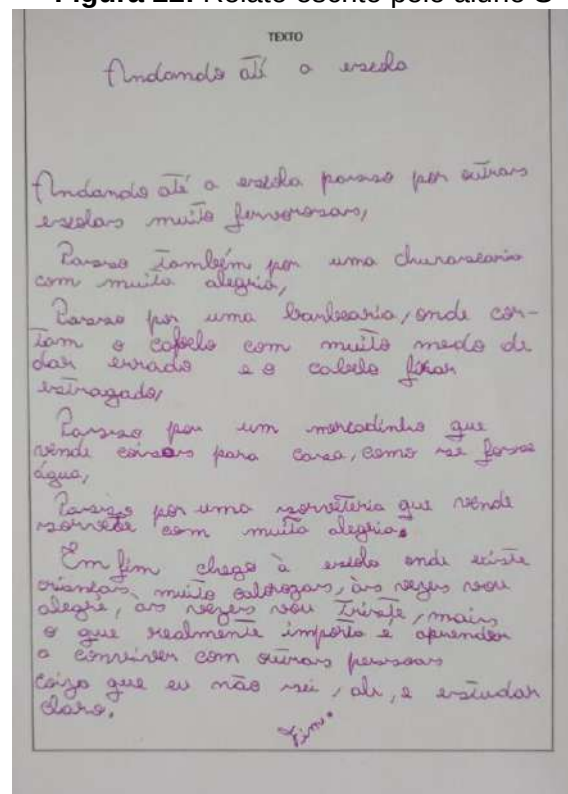
PASSO PERA PADARIA E POSTO DE SAUDE E PELA
 LOTERICA E AFICINA DE CARRO E FARMACIA
 E PASOR PERA ESCOLA E SUBO A ESCADA
 NA MIA RUA PASO PELA VEDIA E TABEL PASO PELA PADARIA
 DESO LADERA E TADE SU LADERA E PASSO PELA OU FISINA
 DE CARRO E PASO PELA PAPELARIA E PASO PELA MECADIO
 E PELA IGREJA A LOJA DE PLANTA PELO DE POSITO

Figura 21: Relato escrito pelo aluno R



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 22: Relato escrito pelo aluno S



Fonte: Dados da pesquisa

Eu moro na rua dos coqueiros lá tem igreja, tem padaria, tem rio, tem venda, quando vou pra escola eu passo perto de outro rio e tem dois campos de futebol e na rua onde eu moro tem muita água também tem muito esgoto quando vou pra escola tem três ladeira eu vou pela de cimento antes de eu ir pra escola eu passo por venda e depois passo pela ponte e depois pela rua Marquês de Abrantes e passo pra ir pra escola.	Andando até a escola Andando até a escola passo por outras Escolas muito fervorosas, Passo também por uma churrascaria Com muita alegria, Passo por uma barbearia, onde cor- tam o cabelo com muito medo de dar errado e o cabelo ficar estragado, Passo por um mercadinho que vende coisas para casa, como se fosse água, Passo por uma sorveteria que vende sorvete com muita alegria. Enfim chego à escola onde existe crianças muito calorosas, às vezes vou alegre, às vezes vou Triste, mais o que realmente importa é aprender a conviver com outras pessoas coiza que eu não sei, ah, e estudar claro. Fim.
---	--

Figura 23: Relato escrito pelo aluno T

Figura 24: Relato escrito pelo aluno U

TEXTO

Eu moro na rua dos coqueiros lá tem dois becos
 tem rio e quando vou para escola eu passo por
 pontos eu vejo dois campos de futebol passo
 pelo parque municipal pelo juvenópolis,
 a tem três ladeiras duas de cimento e
 uma escada de barro aí aqui eu frequento
 mais e a escadinha aí eu subo a escada
 toda eu subi outra ladeira só que essa
 é pequena aí quando eu subo tem vendas
 a antiga escola que eu estudei; padaria
 ponto de ônibus e mais um pouco pra
 frente tem a escola municipal Luiz
 Pedro I e mais pra cima da escola
 tem um restaurante na frente tem
 o mercadinho flor do Bairro tem
 um posto de gasolina e tem o
 mercadinho são Domingos.

Fonte: Dados da pesquisa

TEXTO

quando eu saio de casa
 eu passo logo pela pizza aí
 eu passo por cabeleireira e loja
 de celular loja de roupa mundo
 molher rei do pastel padaria
 papelaria farmácia vendinha
 pela pessoas fofocando e em
 fim chega a escola

Fonte: Dados da pesquisa

Eu moro na rua dos coqueiros lá tem dois becos
 tem rio e quando vou para escola eu passo por
 pontos eu vejo dois campos de futebol passo
 pelo parque municipal pelo juvenópolis,
 a tem três ladeiras duas de cimento e
 uma escada de barro aí aqui eu frequento
 mais e a escadinha aí eu subo a escada
 toda eu subi outra ladeira só que essa
 é pequena aí quando eu subo tem vendas
 a antiga escola que eu estudei; padaria
 ponto de ônibus e mais um pouco pra
 frente tem a escola municipal Luiz
 Pedro I e mais pra cima da escola
 tem um restaurante na frente tem
 o mercadinho flor do Bairro tem
 um posto de gasolina e tem o
 mercadinho são Domingos.

Figura 25: Relato escrito pelo aluno V

quando eu saio de casa
 eu passo logo pela pizza aí
 eu passo por cabeleireira e loja
 de celular loja de roupa mundo
 molher rei do pastel padaria
 papelaria farmácia vendinha
 pela pessoas fofocando e em
 fim chega a escola

Figura 26: Relato escrito pelo aluno W

TEXTO
Meu Caminho

Ao sair de casa passo enfrente ao campo aonde
venho mim encontrar com minhas amigas seguimos
o nosso caminho passando pelo beco onde da acesso
a nossa chegada na quadra esperamos o ônibus escolar
quando entramos no ônibus passamos por, padaria,
mercadinho, praça, escolas, igreja, lotérica, posto de
gasolina, sorveteria e posto de saúde um pouco mais
afrente chego no conjunto Luiz Pedro passo em
frente a casa do meu avô e logo após chego a escola.
e assim finalizo meu caminho.

Fim!!!

Fonte: Dados da pesquisa

TEXTO
OS CAMINHO
PARA
CASA

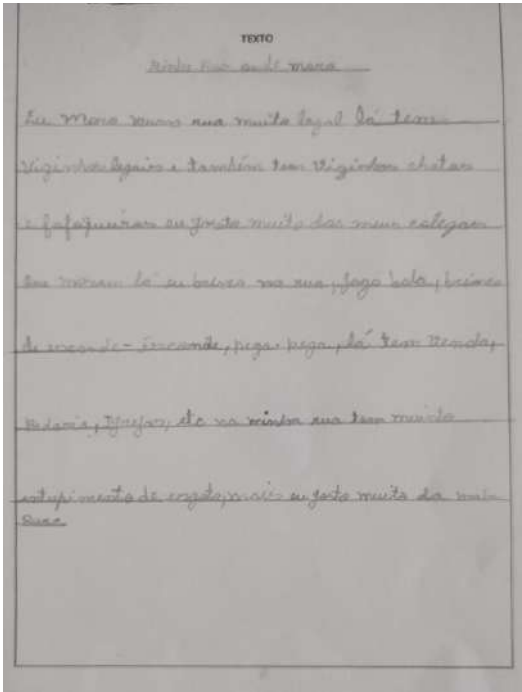
EU PEGO UM ATALHO PARA
CASA ONDE TEM UMA RUA
ESPAÇOSA PERTO DA LOJA
DE GALINHA ASSADA E PA
SSO PELOS CARROS, CASAS,
ARVORES, FLORES, COQUEIROS
E BANANEIRAS, E EU VOU DE
ÔNIBUS DE SEGUNDA A SEXTA
TEM UMA CASA VERDE

Fonte: Dados da pesquisa

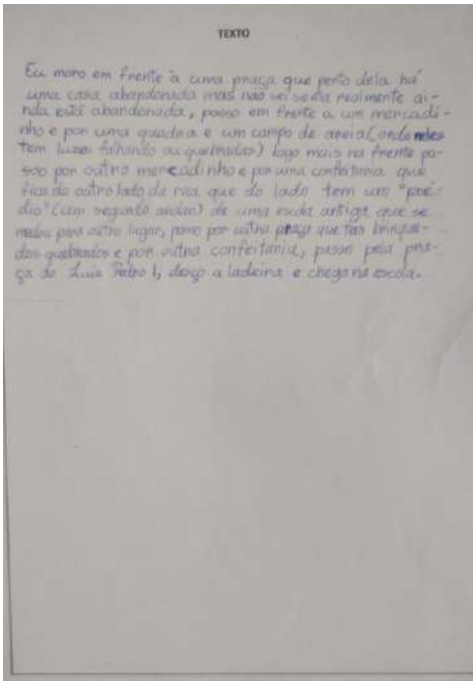
Meu Caminho	OS CAMINHO PARA CASA
Ao sair de casa passo enfrente ao campo aonde venho mim encontrar com minhas amigas seguimos o nosso caminho passando pelo beco onde da acesso a nossa chegada na quadra esperamos o ônibus escolar quando entramos no ônibus passamos por, padaria, mercadinho, praça, escolas, igreja, lotérica, posto de gasolina, sorveteria e posto de saúde um pouco mais afrente chego no conjunto Luiz Pedro passo em frente a casa do meu avô e logo após chego a escola. e assim finalizo meu caminho. Fim!!!	EU PEGO UM ATALHO PARA CASA ONDE TEM UMA RUA ESPAÇOSA PERTO DA LOJA DE GALINHA ASSADA E PASSO PELOS CARROS, CASAS, ARVORES, FLORES, COQUEIROS E BANANEIRAS, E EU VOU DE ÔNIBUS DE SEGUNDA A SEXTA TEM UMA CASA VERDE

Figura 27: Relato escrito pelo aluno X

Figura 28: Relato escrito pelo aluno Y



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Minha rua onde moro Eu moro numa rua muito legal lá tem vizinhos legais e também vizinhos chatos e fofoqueiros eu gosto muito dos meus colegas que moram lá eu brinco na rua, jogo bola, brinco de esconde-esconde, pega pega, lá tem venda, padaria, Igrejas, etc na minha rua tem muito entupimento de esgoto, mais eu gosto muito da minha Rua.	Eu moro em frente à uma praça que perto dela há uma casa abandonada mas não sei se ela realmente ainda está abandonada, passo em frente a um mercadinho e por uma quadra e um campo de areia (onde neles tem luzes faltando ou quebradas) logo mais na frente passo por outro mercadinho e por uma confeitaria que fica do outro lado da rua que do lado tem um “prédio” (um segundo andar) de uma escola antiga que se mudou para outro lugar, passo por outra praça que tem brinquedos quebrados e por outra confeitaria, passo pela praça de Luiz Pedro I, desço a ladeira e chego na escola.
--	---

d) A fotografia

De cada estudante foi solicitado também que registrassem, com uma fotografia, por meio de celular, algo que represente tanto o texto em prosa, o poema, como também o desenho, para também ser colocado junto a pasta de trabalho do aluno. Não podíamos deixar de lado um mecanismo tão presente no cotidiano dos estudantes uma vez que a fotografia através do celular se tornou um dos principais recursos e meio de comunicação em massa, capaz de tornar público aquilo que nunca poderia se imaginar que pudesse tornar-se conhecido e também porque,

[...] os registros em foto são mais vivos, perenes e afetivos. São, portanto, elementos indispensáveis para o envolvimento subjetivo do aluno em relação

àquilo que é analisado e para a fixação desse conteúdo entre as coisas por ele vividas, e dessa maneira, conhecidas. (COSTA, 2005, p. 88).

Assim reforçando o que foi dito por Costa (2005) eles fotografaram aquilo que para eles era mais significativo, o que ficou mais presente e evidente em sua memória neste vai e vem de casa para a escola e da escola para casa, a ideia aqui era tornar mais evidente o olhar do estudante para seu caminho do que o objeto ou paisagem fotografada, eles usaram da linguagem fotográfica agora para fins didáticos e não apenas o corriqueiro do dia a dia, por isso é importante afirmar que

[...] quando falamos do uso da linguagem fotográfica na prática educativa, estamos nos referindo a um uso bem mais amplo do que estes que já se consagraram na escola. Estamos nos referindo a trazer para a sala de aula essa cultura imagética [...]. Estamos sugerindo que os temas sejam abordados também em sua trajetória imagética, [...]. Estamos sugerindo também que os próprios professores e alunos utilizem a fotografia para fazer seus registros, aprendendo a olhar, a selecionar e a ver o mundo. (COSTA, 2005, p. 81).

A ideia aqui foi aprofundar o olhar a partir desta nova arte que hoje em dia está tão próxima às suas mãos a partir de um celular. Quis extrair o olhar apurado deles para os seus caminhos, mas neste caso, em um ponto específico uma vez que “a fotografia, por sua vez, modificou a visualização do mundo, mostrando a importância do flagrante, do instante, do efêmero e do fugaz na percepção da realidade” (Costa, 2005, p. 77). Nesse caso o poder de síntese deles também foi trabalhado. A imagem fotográfica tem um poder de tornar mais viva a mensagem, de dar força, de dar uma mais veracidade, além de lhe dar cor, vida, feição e formatos reais, suscitando afetividade e emoção para quem registra e também para quem contempla e de alguma forma se percebe naquela moldura.

E essa emoção que se quis trazer com essa etapa do trabalho além de ilustrar ainda mais a atividade ela proporcionou conhecimento, atenção, concentração, escolha, descoberta e memória, foi também um momento de autoconhecimento e reconhecimento do lugar. A cultura de imagem está tão presente nos dias atuais que a fotografia por si só já promove um movimento de leitura e de interpretação dos seus conteúdos, percebemos isso nas mais variadas postagens das redes sociais às quais os estudantes estão muito envolvidos e são os maiores partícipes.

As fotografias foram enviadas via *WhatsApp*. Nelas saiu de tudo, lixo na rua, igrejas, mercadinhos, longas avenidas, árvores etc.

Figura 29: Foto tirada pelo aluno Z



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 30: Foto tirada pelo aluno A1



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 31: Foto tirada pelo aluno B1



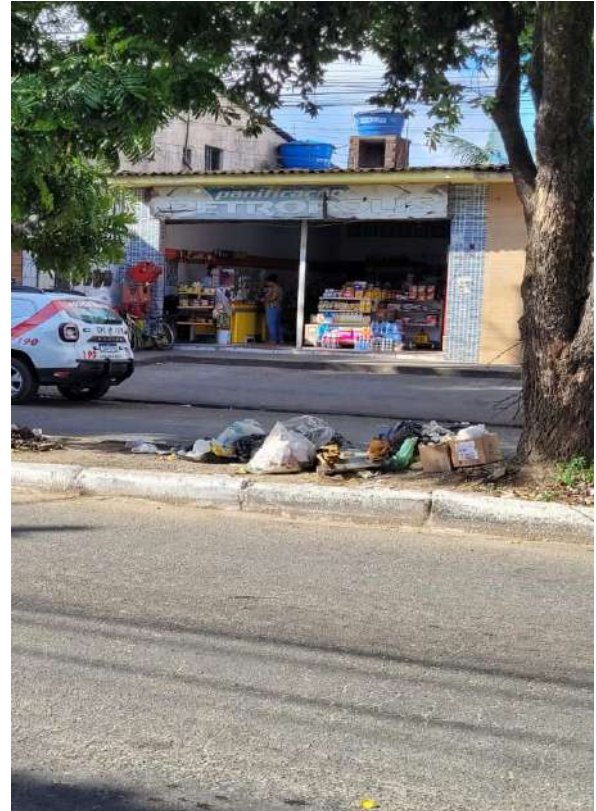
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 32: Foto tirada pelo aluno C1

Figura 33: Foto tirada pelo aluno D1



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 34: Foto tirada pelo aluno E1



Fonte: Dados da pesquisa

Podemos dizer que os estudantes tiveram um olhar apurado para seu caminho, como dito antes eles tiveram que focar em algo que já estivesse nos textos anteriores e assim foi feito, para isso eles escolheram o ângulo de suas fotos, o momento exato daquela imagem que queriam captar, o enquadramento desejado para que se encaixasse de certa forma nos demais textos, todas esses pensamentos obviamente

eles tiveram antes do clique, o que nos diz que eles pararam, planejaram estudaram ou rememoraram seus textos para que tudo se enquadrasse e suas fotografias pudessem representar a realidade daquilo que eles citaram nos textos anteriores.

Assim afirmamos que as fotografias não apenas representam as realidades, mas de certa forma criam a realidade a qual eles querem mostrar, uma vez que era apenas uma fotografia para todo o caminho percorrido e expresso nos textos anteriores. Outra questão interessante é que diferentemente das fotos postadas em redes sociais, fotos de revistas, jornais, sites essas fotos não foram trabalhadas, editadas, produzidas com efeitos e algumas questões estéticas, elas são as imagens originais vistas através das lentes deles.

4.4.2 Fase 2- Imersão “Oficina de Poemas”: som, imagem, escuta, leitura e escrita

O que se pretendeu: após todo material feito e fotos entregues, seria marcado o dia da exposição do material. Momento em que os estudantes, no pátio da escola, apresentariam os seus trabalhos para a comunidade escolar, a comunidade local, para demais turmas da escola, para os pais, autoridades.

Tanto os produtos finais quanto os rascunhos comporiam a exposição. Eles explicariam, em um espaço individual os caminhos que fazem até chegar à escola e como desenvolveram cada etapa, e por que essas escolhas nos desenhos, textos, poemas e fotografia. Após a exposição todo material, produto final e rascunhos, seria compilado e encadernado para ficar na biblioteca da escola e chamado de *Caderno dos Caminhos 2022*⁵.

A ideia do trabalho como um todo foi dar voz aos estudantes para que pudessem expressar a partir do caminho que fazem até a escola, os percalços e as belezas que encontram e podem gerar conhecimento, crítica, dúvida, construção, intervenção, ou seja, gerar um texto em algum formato ou vários formatos, como foi o caso. Gerar leituras possíveis, da palavra e do mundo que os rodeia, do território e

⁵ Pelo fato de o ano letivo em Maceió ter adentrado o ano de 2023, a última etapa – a exposição – não foi possível de ser realizada, mas todo material está guardado.

que de alguma forma possam intervir, conhecendo a diversidade que os cerca, pluralidade de pessoas, de pensamentos.

Por fim, uma das intenções foi também fazer com que os estudantes percebam seus valores, quais são efeitos de sentido que tem para cada um o local onde moram, as formas de cultura, as crenças, os saberes particulares. Talvez no início não se achasse nada com um mapa no *Google*, com um rabisco de um desenho, uma foto, o relato do caminho, mas ao perceber o conjunto e o que eles transmitem, o que falam, dá para entender a dimensão e a necessidade de se explorar uma atividade como esta.

Nossa ideia foi que o conjunto do trabalho mesclasse as mais diferentes linguagens, as várias formas de dizer para que isso fosse sendo aperfeiçoado durante as suas produções em sala de aula. O bom disso, também, foi perceber que o trabalho não ficou restrito à disciplina de língua portuguesa, mas cada enfoque que um estudante dava podia se levar a um componente curricular diferente, o que só foi possível por ser um trabalho através de instrumentos multissemióticos e multimodais.

Resolvemos ao longo do percurso escolher uma das modalidades e dar uma maior e melhor ênfase, optamos pelo poema para este fim. A partir dos textos selecionados fomos à procura dos estudantes que ainda estavam na escola, agora já no 7º ano e os convidamos para participarem de uma conversa sobre os trabalhos que eles haviam feito no ano anterior, a princípio sem eles saberem qual trabalho, tampouco qual a finalidade dessa atividade. Dentre os motivos que escolhemos o poema para ser o gênero textual mais uma vez trabalhado, destacamos o argumento trazido por Pinheiro (2018) que diz:

A função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável segundo modelos esquemáticos de avaliação escolar. É uma experiência íntima que muitas das vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa do corredor. (p. 18).

A escolha do gênero textual em questão também se deu, não para supervalorizá-lo, mas sim porque dentre os textos trabalhados, o poema, ao longo da vida do estudante, por vezes, é o mais negligenciado, como também nos aponta Pinheiro (2018) “a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de

aula”. Então quisemos (re)aproximar os estudantes do poema e o poema dos estudantes.

A partir dos textos dos estudantes houve uma prática direcionada pelo professor/pesquisador a fim de melhorar as habilidades de escrita deles. A intervenção pedagógica foi organizada através de uma sequência de aulas para trabalhar especificamente o gênero poema. Assim foram realizados 05 encontros planejados de 1 hora-aula cada que perpassou os meses de outubro e novembro do ano letivo de 2023. Os estudantes puderam participar porque, infelizmente, estavam sem aulas de algumas disciplinas no momento por falta de professor na rede.

Demos a essa nova etapa o nome de *imersão* aos poemas e ela contou com etapas semanais que tiveram o seguinte itinerário:

- ✓ **1ª AÇÃO:** Foi realizada uma visita às duas turmas de 7º anos rememorando os estudantes que ainda estão na escola e participaram da atividade do **Caminho** de casa para a escola. Em seguida os convidamos a participar de alguns momentos de oficinas sobre poemas.
- ✓ **2ª AÇÃO:** Iniciar uma imersão aos poemas com alguns dos estudantes contactados no momento anterior.
 - **1º momento.** A princípio foi exibido o vídeo *Camino de mi casa* – Ana Tortosa acessado no You Tube. [\(1\) Camino de mi casa- Ana Tortosa - YouTube.](#)
 - **2º Momento.** Em seguida foi entregue uma cópia do poema para cada um deles e fizemos uma leitura coletiva.
 - **3º Momento.** Foi solicitado a eles uma interpretação desse poema perguntando: do que fala este poema? Ele se assemelha a algo que fizemos? O que lhe chamou mais atenção no vídeo e no texto?
- ✓ **3ª AÇÃO:** rememorar
 - **1º Momento:** Foi entregue uma cópia do poema *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade a fim de rememorar, uma vez que já usamos no ano anterior. Em seguida fazemos a recitação, entregamos também o poema *Cidadezinha qualquer* do mesmo autor e pedimos que eles lesem, a princípio, sozinhos. Em seguida foi feita a leitura pelo professor.

- **2º Momento:** Em seguida foi solicitado para que eles fizessem duplas e comentassem sobre ambos os textos, apontando alguma semelhança e alguma diferença, podendo ser de conteúdo e de estrutura.
- ✓ **4ª AÇÃO:** Imersão.
 - **Momento Único:** foram espalhados pela sala diversos poemas (sem o nome dos autores) e imagens dos respectivos autores e autoras, ao som de uma música instrumental, foi pedido que eles caminhassem pela sala a princípio apreciando e olhando os textos e as fotografias, após um tempo, foi solicitado que eles lessem aos poucos, sem pressa alguns dos poemas, lessem trechos, após um tempo foi solicitado que eles dissessem e socializem qual dos poemas lhe chamou mais atenção e por quê, em seguida pedi que eles dissessem de quem eles achavam que poderia ser o autor ou autora daquele texto. Após todos dizerem, o professor fez a correlação.
- ✓ **5ª AÇÃO.** Reescrita.
 - **Momento único:** foi devolvido para eles o material que produziram no ano letivo anterior: mapa, descrição, poema e foto e em seguida solicitado que eles refizessem o poema a partir das experiências que tivemos ao longo dessas 5 semanas.

Para este momento foram privilegiados autores mais modernos tendo em vista a aproximação da linguagem e das temáticas e também para não causar um estranhamento ou um distanciamento daquela leitura/texto. Não acreditamos que os textos tradicionais não sejam importantes, mais sim acreditamos que a partir desse momento eles podem ser suscitados a outras leituras mais complexas. Assim como nos diz Pinheiro (2018):

O caminho que nos parece mais promissor, embora mais difícil, devido à pouca prática de leitura de poemas entre os professores, é o da busca, na obra de grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte da expectativa do leitor jovem. (p. 111).

Podemos perceber que o trabalho ganhou um aspecto gradativo durante todo o seu desenvolvimento, através das atividades que foram sendo solicitadas /elaboradas.

Por mais trabalhoso que seja assim com atividades mais direcionadas o trabalho fica mais produtivo e alcança um resultado melhor e isso foi verificado ao aproximarmos os textos das vivências dos estudantes nesse momento.

Este momento da imersão proporcionou e permitiu aos estudantes, a partir de múltiplas atividades, que eles se apropriassem do conhecimento necessário para o aprimoramento de seus textos iniciais.

5. IMERSÃO E REESCRITA: AVANÇOS E DESCOBERTAS

5.1 Comparativo entre sondagem e produção pós-imersão

Foi solicitado no nosso último encontro da imersão que observassem toda a produção que fizeram durante este projeto (desenho, texto em prosa, foto e poema) e que se eles poderiam ver e inserir ou retirar algo do seu poema; que eles atentassem para os detalhes, aquilo que geralmente passa despercebido e que talvez a grande maioria das pessoas não veem, ou não valorizam, ou até não diriam em seus textos. E eles atenderam bem ao solicitado, pela originalidade das informações que acrescentaram, pelo emprego da linguagem mais própria da idade deles, pelo alargamento dos textos aproveitando os espaços que ainda não teriam citado, ou ações, ou detalhes, ou sentimentos e assim não ficaram no óbvio, dessa forma, como nos aponta Calil (2008),

[...] as versões fariam parte do conjunto de manuscritos escolares e estariam relacionadas mais diretamente às etapas do processo de escritura. Desse modo, a escrita de uma história ou de um poema poderia ter uma, duas ou várias versões até se definir o momento em que se chegaria à “versão final”.

[...]

Cada ato de escritura proposto pelo professor, ao realizar um projeto didático ou estabelecer uma prática de textualidade, suporia escritos cujo núcleo seria formado pelas versões e pelos textos adjacentes escritos ao longo do trabalho. Assim, o conjunto de manuscritos escolares consideraria, além das versões, todos os roteiros, planejamentos, esboços, anotações, cópias, esquemas... escritos pelos alunos. Esse conjunto registraria o tempo de cada produção, seu estado provisório, a interferência que sofreu, a quantidade de versões antes de chegar à última, os textos adjacentes que fizeram parte do processo de escritura, aproximando-se de forma mais precisa da dinâmica que compõe os manuscritos literários, mas, ao mesmo tempo, respeitando as características próprias de manuscritos produzidos em sala de aula. (p. 35).

E foi assim que fizemos! Os momentos da imersão permitiram observar e perceber que a leitura, a apreciação, o gosto e o desenvolvimento de um texto não acontecem, muitas vezes, pelas poucas oportunidades de acesso orientado. Para Pinheiro (2018, p. 23) “Nessa perspectiva, devemos levar aos nossos alunos textos novos que poderão integrar seu universo de leitura”. E feito isso, por ter dado esse acesso podemos dizer que as oficinas puderam, de forma gradativa, fazer com que os estudantes apreciassem cada vez mais o gênero poema e assim, após a solicitação

para que o texto fosse refeito eles puderam acrescentar alguns elementos que são próprios do gênero ou próprio do percurso deles e que não haviam entrado na primeira versão.

Assim, percebemos que a partir da análise dos textos reescritos pelos estudantes, pudemos constatar que houve a utilização de vários elementos encontrados nos poemas apreciados na imersão, além dos resultados das discussões, dos diálogos e das indicações que foram feitas no momento de preparação do texto final. Desse modo, podemos observar que os estudantes fizeram a reescrita preservando a ideia do texto inicial, sem alterações substanciais que prejudicassem a essência do primeiro poema e mesmo assim alargando suas ideias, com destaque para o uso de palavras que talvez eles achassem que não fossem aceitas em outros textos escolares a exemplo de “*merdinha*” (5.2.2 – Fig. 37 e 38), a permanência desse uso nos diz que ele conseguiu captar a ideia de que no poema pode se falar, mesmo sendo um texto na escola, da escola e para atividade escolar, o que nos prova que a visão foi aprimorada.

Outro aspecto a se destacar no mesmo poema é a utilização da linguagem não verbal, o desenho, aparentemente de um jovem, ao que parece o emissor do poema, o gesto que ele faz, a expressão facial, vale destacar que não foi solicitado, mas que o conteúdo sobre linguagem não verbal foi um dos assuntos motivadores e de vanguarda para este trabalho. Ao observar o desenho (linguagem não verbal) com o texto (linguagem verbal) percebemos o quanto eles conversam e se complementam, isso nos diz que este aluno compreendeu a importância dos elementos não verbais para a construção, complementação ou manutenção do sentido do texto.

Destacamos também que, para o texto final, reescrito, os estudantes atenderam a estrutura do gênero poema, alguns alargando, outros dividindo, outros enxugando o texto na tentativa de aproximá-los ao máximo aos poemas vistos na imersão, e o melhor, sem perder o conteúdo, a ideia autoral, mantendo a linguagem própria dos adolescentes, a exemplo do termo “*maloqueragem*” utilizado em um dos textos (5.2.5 Fig. 43 e 44). A tarefa de reescrita aconteceu de maneira muito proficiente, pois os estudantes envolvidos e que aceitaram continuar o trabalho conseguiram se apropriar e compreender que não se tratava de um novo texto, mas sim de um aperfeiçoamento junto às características objetivas e subjetivas do gênero.

Diante disso, reafirmamos que o professor tem um papel fundamental em toda a produção de qualquer texto, seja na elaboração inicial, na revisão, na reescrita, na

adequação ao tipo e gêneros sugeridos. É através da metodologia escolhida pelo professor que o texto vai ganhando corpo, formato, vida e identidade, assim o docente cumpre seu papel de mediar, contribuindo para a evolução do estudante no tocante as suas competências e habilidades que serão cobradas a cada etapa de ensino.

Tendo como base a reflexão, a reescrita e o aperfeiçoamento do gênero textual poema, salientamos que esta foi uma ação que foi para além das adequações das normas gramaticais e ortográficas, que essas não eram as preocupações na reescrita dos textos. Reforçamos ainda que este momento proporcionou aos estudantes retornar aos textos escritos e examinarem detalhadamente todos os aspectos contidos nele, seja na estrutura seja nas informações.

Fazer o comparativo dos textos foi enriquecedor tanto para o professor quanto para os estudantes, essa metodologia serviu de instrumento motivador, pois proporcionou um balizamento para os alunos perceberem a sua evolução e observarem que os textos sempre podem ser melhorados e aprimorados. Para o professor proporcionou perceber que a ação interventiva nas aulas, a partir das explicações, ajustes solicitados, repetições de explicação, esclarecimentos de dúvidas e explicações por diferentes vieses, aprimoram o trabalho realizado pelos estudantes.

Foi possível atestar que, a partir do trabalho mais minucioso com outros poemas, diversos autores, vários formatos e pluralidade de temas, houve nos textos refeitos registros bem mais expressivos. Foi agradável testemunhar a reação deles a cada poema lido, as expressões faciais que às vezes eram de encanto como quando lemos *Os Sapos* e o *Porquinho-da-Índia* de Manoel Bandeira; outras vezes de dúvidas como quando lemos *O Bicho* também de Manoel Bandeira e *Não há vagas* de Ferreira Gullar; e de estranhamento e susto quando lemos *Os Mortos* também de Ferreira Gullar; para citar apenas alguns, no caso os mais expressivos e que geraram maior discussão, possivelmente pela temática que envolve o texto, pois,

[...] temos observado que as temáticas sociais costumam também ter boa recepção [...] nessas situações, costumamos sugerir o trabalho com diferentes gêneros literários e até com outras artes, como filmes, vídeos e documentários. O diálogo com diferentes textos ajuda a perceber e compreender também a especificidade do texto [...]. (PINHEIRO, p. 16).

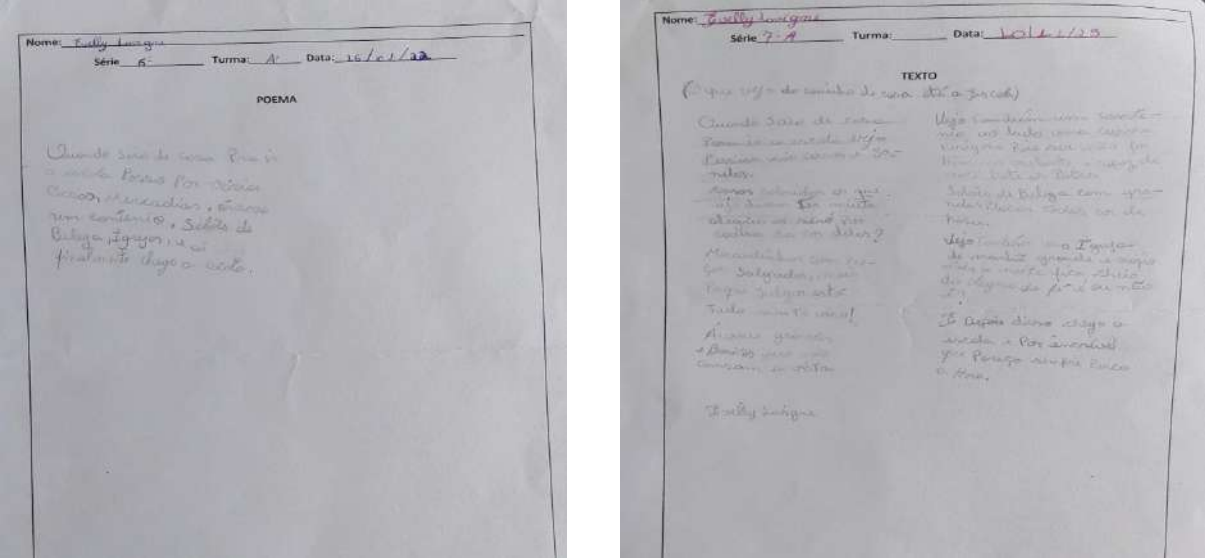
Esse foi um dos motivos de levarmos uma variedade de textos, assim como diz Pinheiro, também acreditamos nesse “despertar o olhar” com temas mais sociais. Eles

ajudam tanto na compreensão quanto na vontade de também escrever o seu, dar a sua contribuição através de temas que estão muito presentes na vida deles.

Dessa forma, o resultado a partir dessa imersão no gênero textual poema será apresentado a seguir:

5.1.1 As produções de Evelyn

Figuras 35 e 36: poema anterior e poema refeito pela aluna



Fonte: Dados da pesquisa

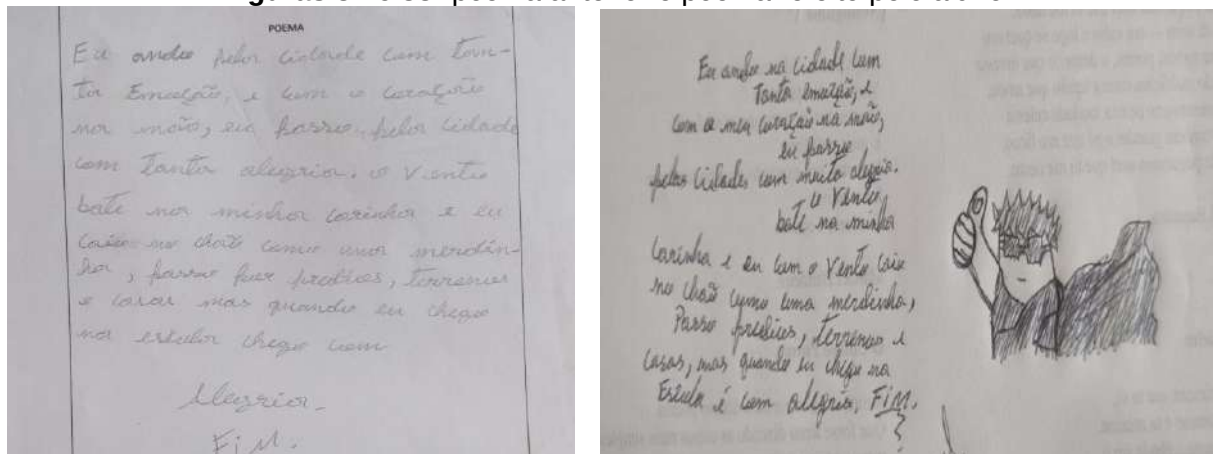
Antes da Imersão (16.01.2023)	Pós-imersão (10.11.2023)	
Quando Saio de casa Pra ir a escola Passo Por várias Casas, Mercadios, árvores um contenio, Salões de Beleza, Igrejas, e ai finalmente chego a escola.	(O que vejo do caminho de casa até a Escola)	
	Quando saio de casa Para ir a escola vejo Pessoas nos carros e ja-nelas.	Vejo também um conte-nio ao lado uma curva Perigosa Pois ser não for bem no volante é capaz de você bate as botas
	Casas coloridas as que vejo devem ter muita alegria ou será por causa da cor delas?	Salões de Beleza com gra-ndes Placas Todos cor de Rosa.
	Mercadinhos com pre-ços Salgados, mais Porque julgar está Tudo muito caro!	Vejo também uma Igreja de manhã grande e vazia mais a noite fica cheia da alegria da fé é ou não é?
	Árvores grandes e Bonitas que não cansam a vista	E Depois disso chego a escola e Por incrível que Pareça sempre perco a Hora.

	Evelly Lavigne	
--	----------------	--

Percebe-se a princípio que esta estudante optou por aumentar o seu poema, de cara ela deu um título, que não existia no primeiro texto, ela atentou para os comentários que fez durante as oficinas, compreendeu e optou pela inserção de mais estrofes ao seu texto, trazendo assim mais elementos encontrados no seu percurso de casa até a escola. Outro aspecto importante é o sentido questionador que o poema adotou, trazendo algumas indagações, visando ao questionamento do leitor. Nesse mesmo momento, ela inseriu algumas rimas o que deu um certo ritmo ao texto.

5.1.2 As produções de Daniel

Figuras 37 e 38: poema anterior e poema refeito pelo aluno



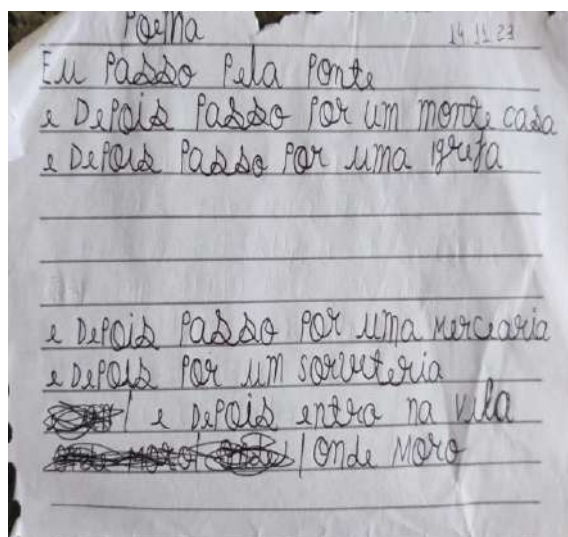
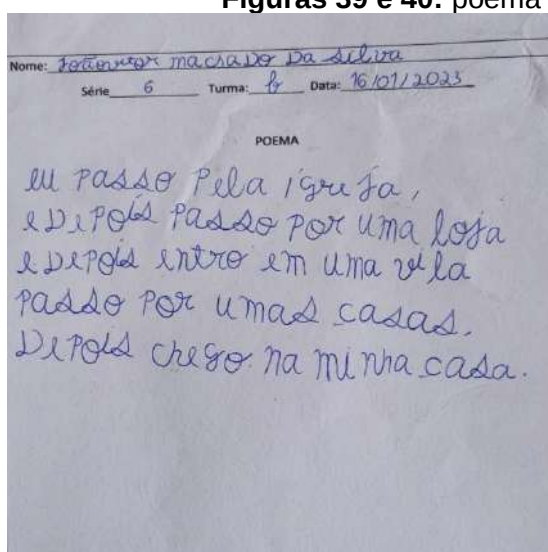
Fonte: Dados da pesquisa

Antes da Imersão (18.01.2023)	Pós-imersão (13.11.2023)
Eu ando pela cidade com tanta Emoção e com o coração na mão, eu passo pela cidade com tanta alegria. O vento bate na minha carinha e eu Caio no chão como uma merdinha, passo por prédios, terrenos e casas mas quando eu chego na escola chego com Alegria. FIM.	Eu ando na cidade com Tanta emoção, e Com o meu coração na mão, eu passo pelas Cidades com muita alegria. O Vento bate na minha Carinha e eu com o Vento caio no chão como uma merdinha, Passo prédios, terrenos e Casas, mas quando eu chego na Escola é com alegria. FIM. Daniel

Neste aluno percebe-se que ele privilegiou observar e mudar em seu texto a estrutura, o formato, o que antes ele fez em formato de texto em prosa, agora ele foi mais aproximado ao formato dos poemas encontrados tanto nos livros didáticos quanto nos poemas experimentados na imersão. Ele conseguiu inclusive brincar com as palavras e ainda colocou uma ilustração, mesmo sem ter sido solicitada na versão final.

5.1.3 As produções de João Vitor

Figuras 39 e 40: poema anterior e poema refeito pelo aluno



Fonte: Dados da pesquisa

Antes da Imersão (16.01.2023)	Pós-imersão (14.11.2023)
eu passo pela Igreja, e Depois Passo Por uma loja e Depois entro em uma vila Passo por umas casas, Depois chego na minha casa.	Eu Passo pela ponte e Depois passo por um monte de casa e Depois passo por uma Igreja e Depois passo por uma mercearia e Depois Por um sorveteria e Depois entro na vila onde moro

Este estudante também privilegiou separar seu texto em estrofes. Antes ele fez um bloco só, possivelmente ele percebeu e fixou sua atenção em uma quantidade de textos com mais de uma estrofe. Ele também modificou os lugares por onde passa, em alguns casos com deslocamento de verso, em outro com a mudança do

substantivo. Pode-se ver como ele sistematizou a repetição da expressão “e depois”, revelando o que Antunes (2005) comenta sobre o valor da repetição como um recurso que desempenha diferentes funções no texto, marcando ênfase ou estabelecendo contraste, entre outras.

Na sua versão final, o estudante conseguiu inserir de forma mais precisa o local onde mora. Vale salientar que esse estudante é autista e não havia acompanhante de sala para ele. Por esse motivo, o texto com rasura ficou como produto final, uma vez que essa não foi a única vez que ele entregou e também porque,

[...] Quase como uma confissão das dúvidas, um receio revelado pelas hesitações e rasuras, eles trazem uma espécie de jogo de esconde-esconde entre aquilo que não se pretende mostrar, expor, divulgar, editar, publicar e o que se quer realmente que apareça.

[...]

[...] as marcas de rasuras, que podem indicar apagamentos, deslocamentos, substituições e acréscimos de letras, palavras, frases, versos, parágrafos, estrofes, capítulos etc., deixadas ao longo do processo de escritura e por todo e qualquer *scriptor*, funcionam como poderosos índices dos processos de criação literária. (CALIL, 2008, pp. 18 e 20).

Possivelmente o João escreveu algo que não gostou, ou percebeu algum erro gramatical, ou até a disposição da palavra no verso e não gostou, daí rasurou na tentativa de melhorar seu texto, deixando assim uma de suas marcas para serem vistas e analisadas por nós. Talvez e possivelmente se fosse devolvido o texto para ele “passar a limpo” o poema não voltasse mais.

5.1.4 As produções de Samuel

Figuras 41 e 42: poema anterior e poema refeito pelo aluno

Nome: Samuel Oliveira Sousa de Jesus, Aluno
Série: 6º Ano Turma: 01 Data: 25/08/2023

TEXTO

Andando até a escola

Andando até a escola passo por outras escolas muito fervorosas,
Passo também por uma churrascaria com muita alegria,
Passo por uma barbearia, onde cortam o cabelo com muito medo de dar errado e o cabelo ficar estragado,
Passo por um mercadinho que vende coisas para casa, como se fosse água,
Passo por uma sorveteria que vende sorvete com muita alegria.
Em fim chego à escola onde existe crianças muito calorosas, às vezes vou alegre, às vezes vou triste, mas o que realmente importa é aprender a conviver com outras pessoas coisa que eu não sei, ah, e estudar claro.

Fim.

Samuel Oliveira

15/11/23

Andando até a escola

ANDADO ATÉ A ESCOLA, PASSO POR OUTRAS ESCOLAS MUITO CALOROSAS
PASSO POR CHURRASCARIAS COM MUITA ALEGRIA
PASSO TAMBÉM POR UMA SORVETERIA COM ALEGRIA
EMFIM CHEGO À ESCOLA ÀS VEZES VOU, ALEGRE, ÀS VEZES VOU TRISTE, MAS O QUE REALMENTE IMPORTA É APRENDER A CONVIVER COM OUTRAS PESSOAS

Fim.

Fonte: Dados da pesquisa

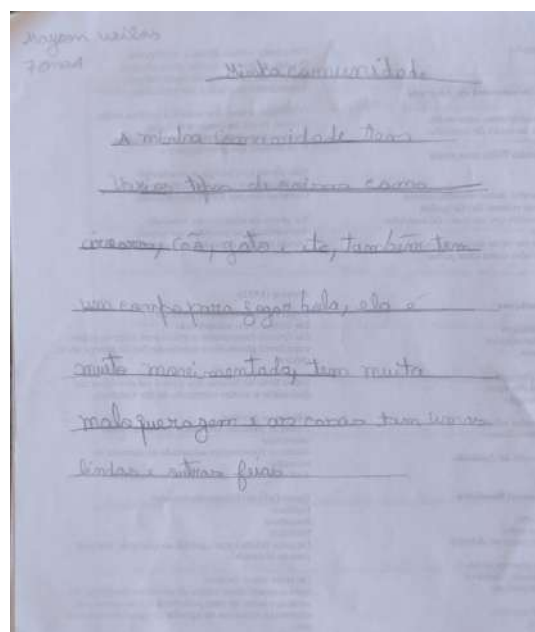
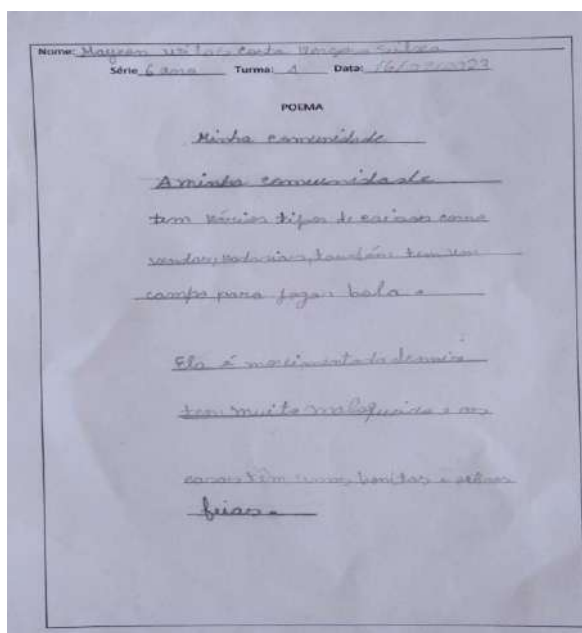
Antes da Imersão (25.01.2023)	Pós-imersão (15.11.23)
<u>Andando até a escola</u> Andando até a escola passo por outras Escolas muito fervorosas, Passo também por uma churrascaria Com muita alegria, Passo por uma barbearia, onde cortam o cabelo com muito medo de dar errado e o cabelo ficar estragado, Passo por um mercadinho que vende coisas para casa, como se fosse água, Passo por uma sorveteria que vende sorvete com muita alegria. Enfim chego à escola onde existe crianças muito calorosas, às vezes vou alegre, às vezes vou Triste, mais o que realmente importa é aprender a conviver com outras pessoas coisa que eu não sei, ah, e estudar claro. Fim.	<u>Andando até a escola</u> Andando até a escola, passo por outras escolas Muito calorosas Passo por churrascarias com muita alegria Passo tabem por uma sorveteria com Alegria Emfim chego à escola às vezes viou alegre, às Vezes vou trsite, mas o que realemnte Importa é aprender a conviver com outras pessoas

Diferente dos demais este estudante optou por condensar o seu texto e também o colocar em pequenas estrofes. Ele resumiu, retirando alguns elementos a fim de dar um caráter mais voltado para o formato clássico de poemas que é em estrofes.

Este estudante relatou durante as aulas sobre estar escrevendo um livro, uma história, até mostrou, mas ainda não o concluiu. Assim vejo que por ele estar de certa forma acostumando a escrever histórias em prosa, a primeira versão do poema dele e ainda alguns da última saíram neste formato. E ele é esse aluno mesmo de ir à biblioteca e ler; o que escreve não é para agradar professor ou para deixar o texto “bonito”. Essa é a realidade comportamental dele mesmo: interagir e se relacionar com os outros.

5.1.5 As produções de Maycon

Figuras 43 e 44: poema anterior e poema refeito pelo aluno



Fonte: Dados da pesquisa

Antes da Imersão (16.01.2023)	Pós-imersão (14.11.2023)
Minha comunidade A minha comunidade tem vários tipos de coisas como vendas, padarias, também tem um campo para jogar bola.	Minha comunidade A minha comunidade tem varios tipos de coisas como árvores, cão, gato e etc, também tem um campo para jogar bola, ela é muito movimentada, tem muita maloqueira e as casas tem umas

Ela é movimentada demais Tem muito maloqueiro e as casas têm umas bonitas e outras feias.	lindas e outras feias
--	-----------------------

A mudança deste estudante foi mais em palavras, por vezes a troca de tipos de substantivos “*maloqueiro / maloqueragem*”, a troca e a introdução de alguns elementos que não apareceram no primeiro texto.

Trocou elementos do caminho, prédios por coisas naturais (árvores, cão e gato) que não aparecem no primeiro texto, as casas não são só *bonitas*, agora são *lindas*. Ele foi o único que fez o inverso, seu texto tinha duas estrofes, ele transformou em uma apenas.

5.2 Reflexões sobre a prática de reescrita e intervenção didática para aperfeiçoamento da produção escrita dos estudantes

Assim, como percebido, foram ampliados os sentidos dos poemas que a princípio foram construídos individualmente com pouca intervenção, apenas com as informações que eles tinham das aulas dadas sobre o tema e o olhar rápido do caminho que eles fazem (faziam).

Observou-se que os alunos, em geral, apresentaram boa compreensão da ideia de reescrever o poema, permanecendo a essência do que já haviam escrito, porém dando um formato, possivelmente daquele poema lido durante a imersão que mais despertou curiosidade, que mais gostou, que aproximou ou tocou de alguma forma. Podemos perceber as particularidades que envolvem a produção desse gênero, entre elas: a linguagem figurada; a entrega de si no texto, resultando na possibilidade de aumentar o sentimento de pertença do lugar; a reafirmação da identidade, com o conteúdo do poema encontrando total amparo na vida dos estudantes, uma vez que é forte o emprego da linguagem cotidiana quando a maioria deles narra o seu percurso casa/escola. E podemos perceber também como isso se encaminha de acordo com o viés de Platão e Fiorin (1996 *apud* MAIA, 2002, p. 35) sobre o que é texto narrativo quando dizem que

Texto narrativo é aquele que relata as mudanças progressivas de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo. Nesse tipo de

texto, os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posterioridade.

A partir dessa visão podemos entender que apesar de o tempo de início e fim do poema deles ser representado em minutos ou pouco menos de uma hora (tempo mais ou menos gasto de casa até a escola), percebemos as mudanças que vão acontecendo, gradativamente, à medida que eles avançam no percurso: o avanço na categoria de imagens, das ações desenvolvidas e das percepções que eles têm; e como a sequência se sobrepõe à descrição, apesar de ter muita descrição também nos seus textos.

Dessa forma, vemos que a proposta que foi pensada, desenvolvida e aplicada pode contribuir para a educação linguística dos estudantes, pois amplia as possibilidades de eles lidarem e elaborarem textos multimodais, utilizando desde o papel até o celular, e passando por *sites* de busca com a finalidade de pesquisa. Alguns deles utilizaram seus celulares para pesquisar sobre os autores, por exemplo e, antes disso, na primeira atividade, o uso do celular serviu para verificar o mapa do local.

Percebe-se que os estudantes responderam e reagiram às situações que lhe foram pertinentes, já haviam feito isso no trabalho inicial, mas agora com um pouco mais de ênfase e fazendo perceber que o poema não tem apenas palavras arrumadas, mas as palavras que fazem parte do seu cotidiano podem ser inseridas em seu texto.

Uma das experiências mais expressivas durante a realização da proposta de imersão foi perceber o olhar de curiosidade e encantamento dos alunos diante da quantidade de poemas espalhados na sala. Ao descobrirem a variedade que um poema pode ter em relação aos formatos, aos tamanhos, ao número de autores que também tinha suas fotografias espalhadas e assim perceber a curiosidade deles em saber de quem era cada texto à medida que iam lendo, ou tendo o professor como leitor proficiente.

Em relação ao desempenho dos alunos é importante registrar que boa parte deles teve um comportamento mais comprometido com a realização das atividades, porém não todos. Alguns se debruçaram na atividade de reescrita com afinco, outros apenas reescreviam o que já haviam escrito no poema anterior sem apontar nenhum detalhe novo, sem mudanças, inversões de palavras, locais etc. Durante a imersão, uma fala recorrente era a de que “*poema é difícil de escrever*”. Houve também aqueles

que omitiram essa questão e tentaram, na interação com o colega, sanar as dúvidas o que também é interessante, pois se apoiou em um amigo para tentar melhorar seu texto. Salientamos, porém, que os comandos foram dados a todos nos mesmos momentos e assim as respostas começaram a surgir nos textos como vimos acima.

Fica perceptível ainda que, apesar de todos os poemas abordarem situações do caminho que eles fazem e até de alguns deles fazerem o mesmo trajeto, houve vários modos distintos de narrar, o que caracteriza o estilo individual de cada estudante, que as informações chegam de forma diferente, são absorvidas e entendidas de forma diferente, o que é bom, e deixa os textos com as suas marcas individuais, pois cada um tem seu olhar particular e subjetivo para a realidade que os cerca, cada um já tem o seu estilo de escrita.

Fazer uma avaliação geral da proposta de intervenção requer do pesquisador se desprender de todo o percurso de estudos, de aulas, de preparação de material, dos desafios cotidianos da sala de aula como, por exemplo, a pouca vontade de realizar atividades e a indisciplina, e essa avaliação é tarefa objetiva, mas aqui se pretendeu fazer com olhar voltado para o detalhe, para o melhoramento do texto, para o cuidado e, sobretudo, para aqueles que conseguiram alcançar o objetivo proposto.

É importante também com olhos de pesquisador, ver a poesia entrando em cena, no dia a dia, no cotidiano e também ter consciência que esta prática, cheia de *pedras no caminho*, possibilitou um engajamento maior dos estudantes que aceitaram o desafio de continuar o trabalho.

Da aplicação da proposta como um todo, muitos registros são dignos de uma vasta análise. O principal, porém, chama a atenção para a descoberta dos alunos sobre o que pode conter em um poema, dado que boa parte deles julgava que *poemas tratavam apenas de amor, sentimentos, coisa só de meninas, tarefa para decorar sílabas*. Isso mostra que há uma lacuna a ser preenchida nas mais variadas escolas, no que se refere ao texto poético.

A partir do trabalho com a imersão, no qual os estudantes puderam vivenciar um pouco mais de poemas consagrados e, após isso, reescreveram os seus, podemos perceber o quanto a poesia e a proposta de trabalho tiveram a capacidade de trazer à tona o que não se viu nos outros textos, inclusive no próprio poema escrito antes. Aquilo que estava e está oculto aos olhares já viciados no cotidiano vieram à

tona, com alguns detalhes, algumas palavras, alguns lugares agora apontados. Percebe-se que o olhar para o *Caminho* ficou mais apurado, sincero e poético.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu tô aqui pra quê? Será que é pra aprender? Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer? [...] E sei que o estudo é uma coisa boa, o problema é que sem motivação a gente enjoa [...] Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida, discutindo e ensinando os problemas atuais e não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais com matérias das quais eles não lembram mais nada [...] (Gabriel, O pensador. As melhores)⁶

Trazer Gabriel O Pensador para concluir este trabalho é dicotômico, pois com essas colocações ele nos faz refletir que ainda preciso(amos) avançar e muito no processo educacional e, sobretudo, no contexto de sala de aula da atualidade. Então, sempre teremos que (re)começar. Ensinar para a vida e discutir problemas atuais podem sim estar atrelados aos conteúdos cobrados nas provas de avaliação em larga escala, já que às vezes as secretarias nos impõem avaliações como o principal mote para o ensino.

Este trabalho, por se tratar de uma pesquisa-ação, pretendeu buscar estratégias para o ensino-aprendizagem em determinado gênero textual. Como se viu, foram adotados alguns gêneros textuais no percurso da atividade, porém a ênfase, que demos o nome de imersão, para trabalhar a reescrita, foi dada em apenas um deles: o poema. Assim preparamos todo um percurso de atividades de intervenção docente a fim de alcançarmos o nosso objetivo de aprimoramento do gênero textual escolhido.

Trabalhar com os caminhos que os estudantes fazem de casa para a escola, como meio para se chegar a produções textuais foi de suma importância tendo em vista a aproximação que se deu entre tema e autores. Colocar o percurso deles como matéria para produzir os mais variados textos os ajudou a compreender e perceber que também são capazes de produzir textos em prosa, mapas (desenhos), focar o olhar e captá-lo no caso da fotografia e, sobretudo, poemas que além de ser o que eles menos têm acesso foi também aquele que eles tiveram mais dificuldades para elaborar. Dificuldade essa que foi amenizada após o trabalho imersivo em uma vasta coletânea de poemas de diversos autores, vários formatos, diferentes temáticas e uma abordagem mais contemplativa do que avaliativa.

⁶ Estudo Errado - Gabriel O Pensador - LETRAS.MUS.BR

Outro aspecto importante em se trabalhar o cotidiano foi que isso promoveu a apreciação e a percepção por eles de como os fatos comuns podem ser transformados em objeto de reflexão, sobretudo poética; situação que contribuiu para um olhar mais atencioso aos textos.

O ensino de Língua Portuguesa há muito deixou de ser entendido apenas como o trabalho com afinco nas áreas de gramática e da ortografia. Desde o advento das discussões sobre gêneros textuais, essa temática ganhou os espaços nas academias, nos livros didáticos e consequentemente nas escolas, pois eles estão presentes na sociedade, no nosso dia a dia.

Outro aspecto a se considerar, e essa pesquisa primou também por isso, é que estamos em uma era marcada pelo uso das tecnologias em que imagens (fotos, desenhos, placas), sons, vídeos passam a ter muita importância para o ensino-aprendizagem. Por isso as práticas com o maior número de gêneros textuais estão e devem estar presentes no dia a dia escolar. Elas merecem uma atenção especial de professores, escolas, pesquisadores e academia com o intuito de oferecer aos estudantes não apenas possibilidades de uso das múltiplas linguagens, mas sobretudo para poder observar e interpretar os sentidos das várias semioses por meio do multiletramento.

Este trabalho, assim, buscou descrever uma experiência de como essa tarefa é possível, utilizando-se para isso, é claro, de uma sequência didática que envolva atividades de leitura, escuta, apreciação, escrita e reescrita para o aprimoramento e desenvolvimento das capacidades linguísticas próprias da atividade.

De forma geral consideramos a experiência didática aplicada favorável, pois ela mostrou-se eficiente para o desenvolvimento das habilidades e para aprimorar o olhar dos estudantes sobre o gênero poema e suas subjetividades. Perceberem também que a escrita requer planejamento, seleção de ideias, reflexão, análise, intervenção externa (no caso do professor) e revisão para se chegar a um texto final.

Um fato que pode não ter contribuído para os resultados esperados foi o espaço de tempo destinado às atividades de reescrita que, por fatores externos, só pode ser realizada quando os estudantes estavam na série posterior, o que acabou não contemplando todos, uma vez que alguns saíram da escola e outros, já estavam com outro professor e não quiseram participar da experiência. Desse modo, poucos estudantes participaram da imersão, porém os poucos que participaram mostraram um bom resultado.

As tarefas e atividades com textos mostradas neste trabalho são uma pequena amostra do que pode ser feito em sala de aula em qualquer canto deste país. Os estudantes partem de um lugar para ir até a escola, neste caso específico com estudantes do 6º ano do ensino fundamental, mas a depender da complexidade do que se pede, pode se utilizar em outros anos/séries. Nossa pesquisa não primou pela excelência gramatical e ortográfica tampouco pela sofisticação dos textos. Nessa última questão tendo em vista, dentre outras coisas, as condições dos estudantes e o tempo que ficou comprometido, primamos por alargar a ideia de texto, alargar o conhecimento deles acerca do gênero poema muito inspirado em Pinheiro (2018).

Minha proposta de produções textuais e intervenção mais precisa em uma delas foi executada com uma metodologia e dinâmica muito simples e que atendeu aos propósitos e de certa forma despertou nos estudantes a vontade de escrever e observar de forma gradual.

A proposta de texto desde o início partiu do caminho que eles fazem, algo simples e que requereu uma interação afetiva, o que já suscitou neles algumas ideias de como executar, ficando para o professor no caso explicar mais sobre as características de cada gênero solicitado e posteriormente reescrevê-lo a fim de melhorá-lo. Essa foi a tarefa desafiadora, tanto para eles quanto para o professor que teve a função de convencê-los de realizar mais essa tarefa que para muitos soou como repetitiva.

Foi desafiador também a cada etapa iniciada e concluída pensar a próxima, idealizar os recursos disponíveis, o método de apresentar, como solicitar, os exemplos a apresentar. Discutir com eles como realizar cada etapa de forma que isso fosse aprendizagem foi também uma das tarefas desafiadoras desse processo.

Não quisemos a elaboração apenas de um texto como sendo produto desse trabalho, a temática escolhida renderia muito mais gêneros. Queríamos antes de tudo colocar os estudantes para pensar no seu lugar, pensar e transformar em texto materializado. Para nós o mais importante foi a criação, o planejamento que eles tiveram que fazer antes de executar cada tarefa, a escolha do que colocar em cada texto, os locais, as coisas bonitas e as não tão agradáveis, as rasuras, as cores dos desenhos do caminho, nesse sentido o que importou foi como eles disseram e os efeitos de sentido provocados.

Para cada tarefa solicitada os estudantes foram desafiados a realizá-las, de alguma forma superando a anterior. Assim eles entregaram produtos que de alguma

forma foi orientado com exemplos, as mostras iniciais, mas o mais importante neste caso foram os debates travados, as dúvidas sanadas. Mesmo com a apresentação dos exemplos, eles tinham liberdade criativa, e isso é importante porque o que se quis sempre foi ampliar a capacidade textual dos alunos não apenas como consumidores, mas sobretudo como produtores.

Quando optamos por dar ênfase ao poema, não foi para privilegiar esse em detrimento de outros. Na nossa proposta queríamos, sim, mostrar como a intervenção direta do professor, com mais detalhes, mais atividades, uma metodologia apropriada e uma sequência desenvolvida, pode ampliar o conhecimento dos estudantes sobre determinado assunto. Escolhemos os poemas muito influenciados pelos textos, métodos e dicas de Pinheiro (2018) como já dito anteriormente. Afinal para se chegar a cada texto precisou-se apoiar no anterior que foi feito, assim existe um elo entre eles, não apenas temático, eles foram se somando e aproveitando o que tinha em um que poderia entrar e encaixar no outro.

Para nós este trabalho teve algumas importâncias dentre elas proporcionar aos estudantes a apreensão das diversas linguagens e semioses estudadas, produzidas a fim de que eles possam manejá-las em outros momentos de suas vidas. Porém o mais importante foi essa articulação dos vários modos de se produzir um texto, com traços de desenho/mapa, resgatando palavras, juntando e lembrando espaços do caminho percorrido, criando rimas, escolhendo um lugar e dando um clique com o celular. Isso pode ser desenvolvido e moldado em sala de aula, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, pois esta área das linguagens é repleta de possibilidades de se fazer reflexões e construções. Através dos mais variados tipos e gêneros textuais a criatividade pode ser aguçada tanto para a leitura quanto para a escrita de textos, especialmente os textos multimodais, com todas as nuances que eles têm! Afinal escrever é um caminho e eles não descobrem esse caminho sozinhos, eles descobrem a partir da intervenção do professor.

6. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro. Record: 2022.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo, Parábola, 2005.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.
- COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FÁVERO, Leonor Lopes; & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual: introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- LINDOSO, Dirceu. **Razão e cultura: um estudo complementar sobre o tema razão quilombola e sobre a etnosociologia de Gilberto Freyre e a sociologia agrária de Manoel Diegues Junior**. Arapiraca: Eduneal, 2018.
- MAIA, Angela Maria dos Santos; LIMA, Roberto Sarmento. **Poesia é brincar com palavras: leitura do poema infantil na sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade; & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARTINS, Maria Helena (Org). **Questões de linguagem**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAN, José & BACICH, Lilian (Orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, Penso, 2018.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane & MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo, Parábola, 2011.

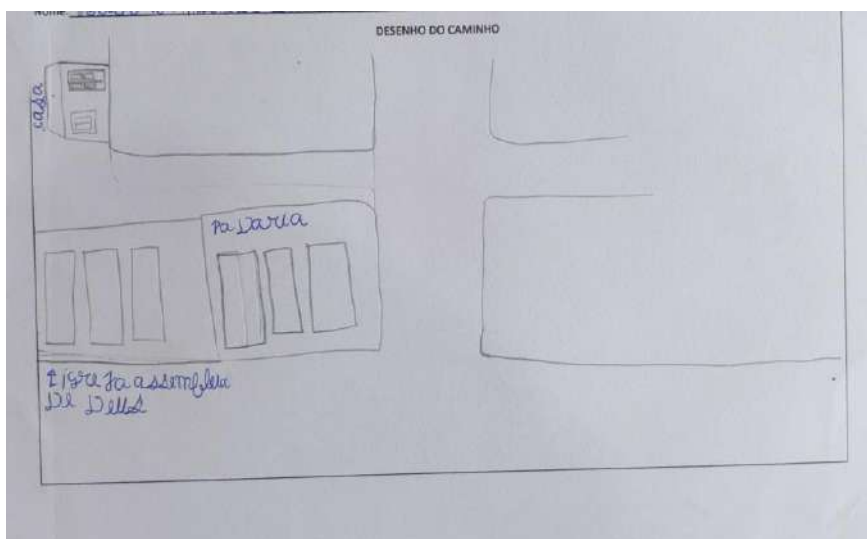
TERNI, Fabia. **A caminho da escola**. Ilustrações Michele Iacocca. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

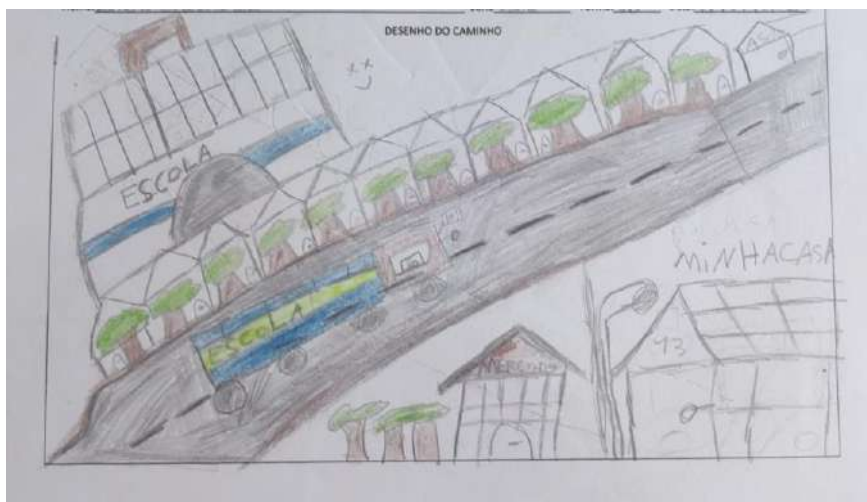
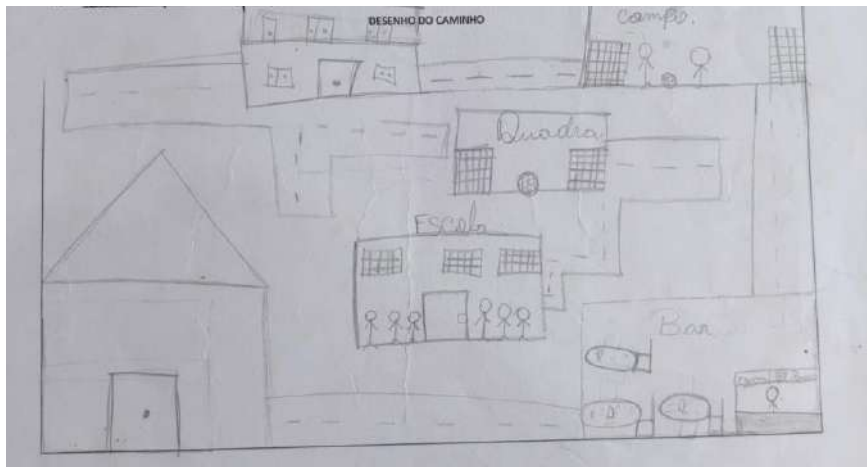
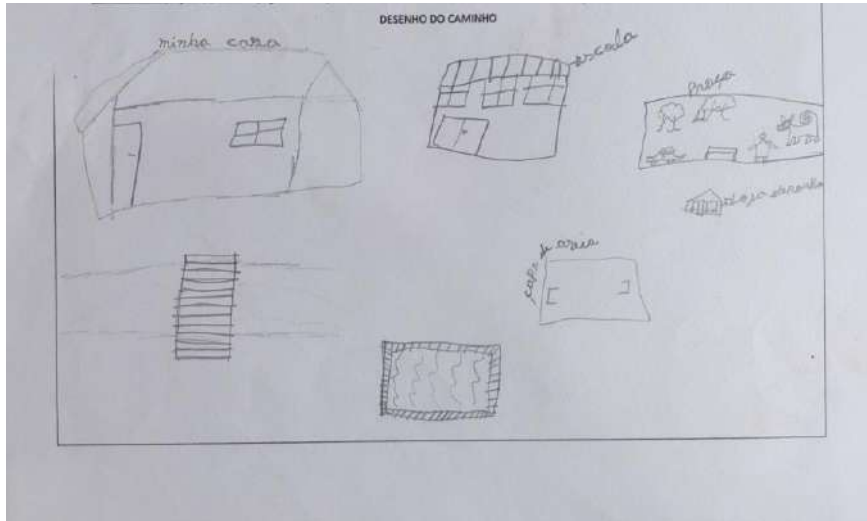
VIEIRA, Josenia Antunes *et al.* **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

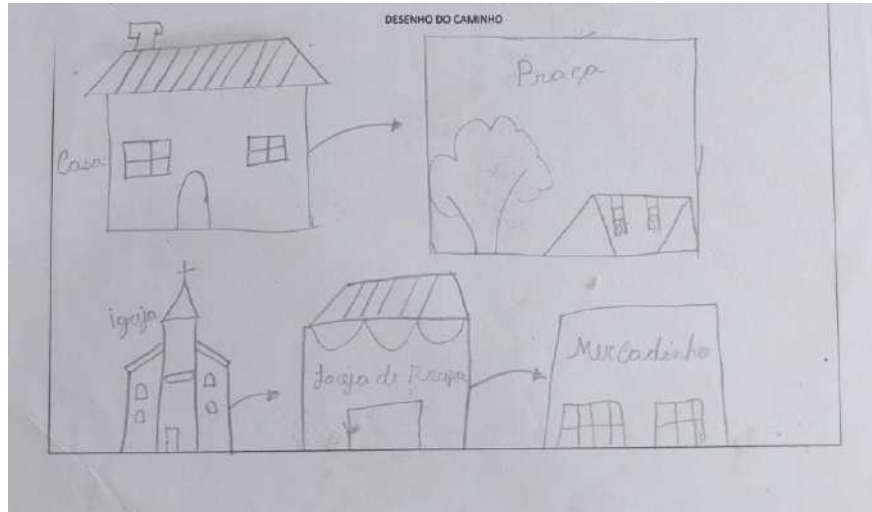
7. ANEXOS

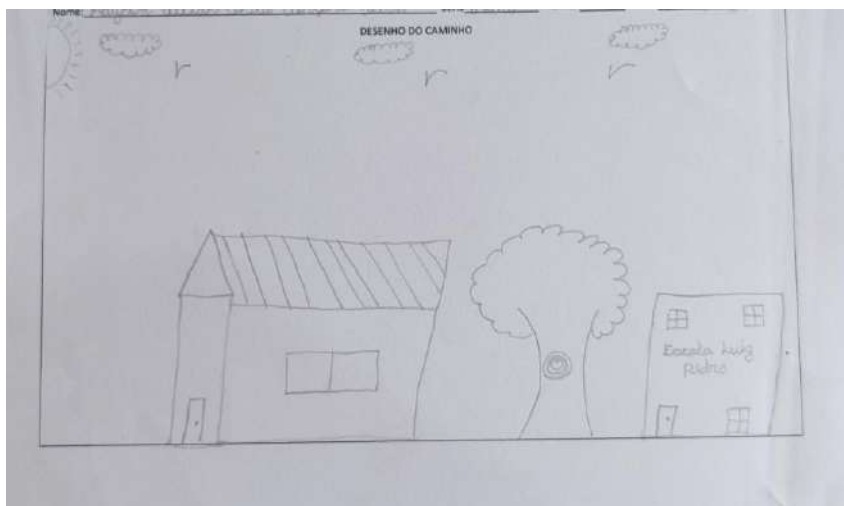
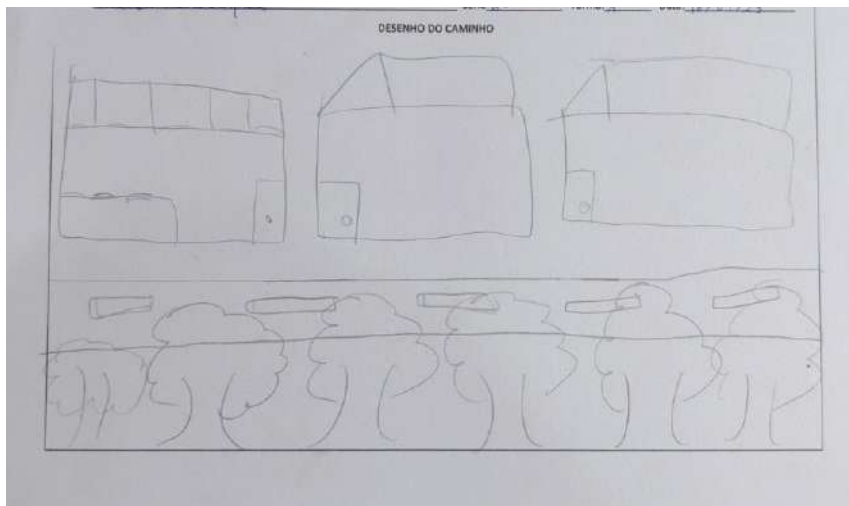
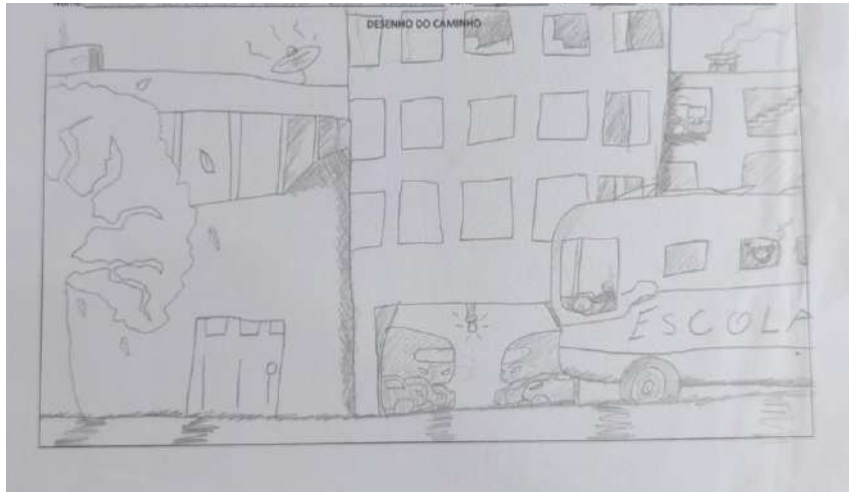
1. Sondagens: mapas (desenhos), fotos, poemas e textos

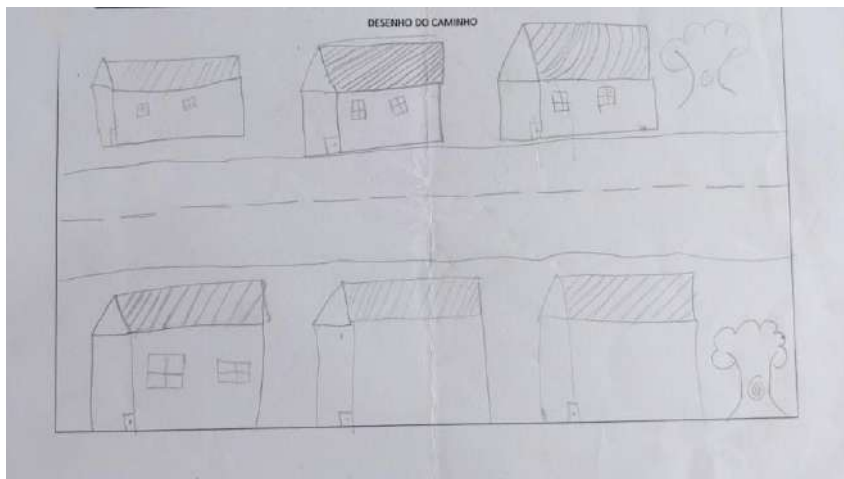
1.1 Desenhos

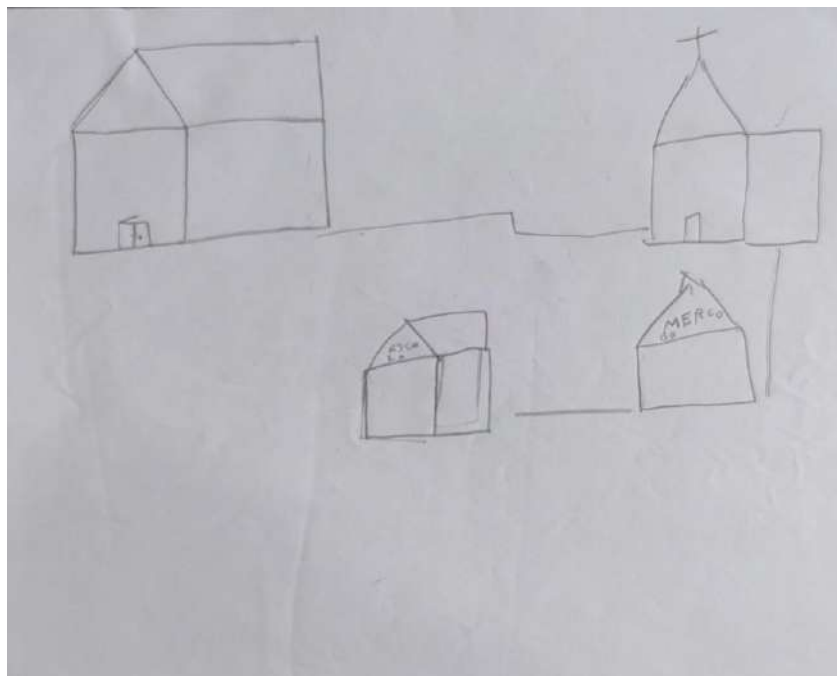
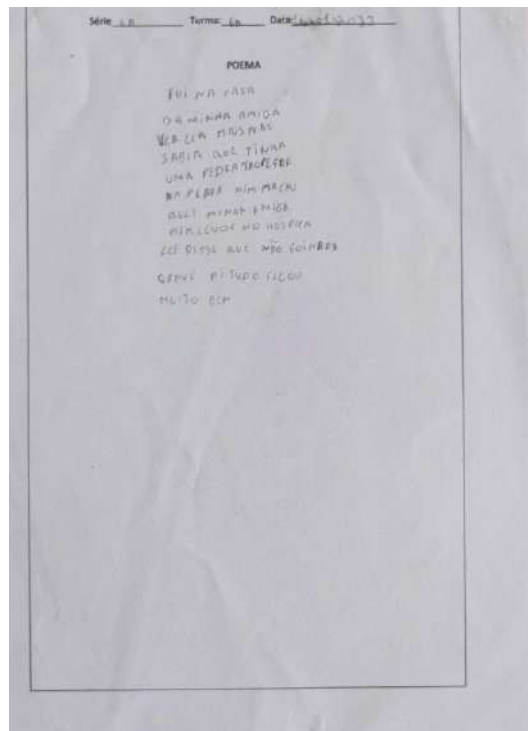




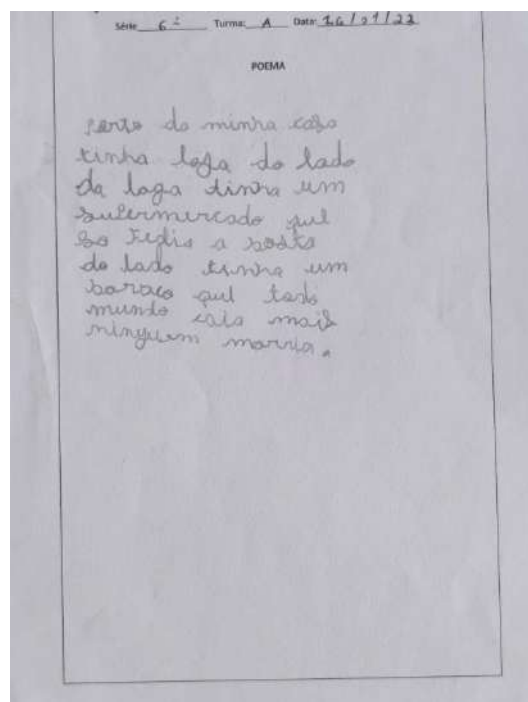
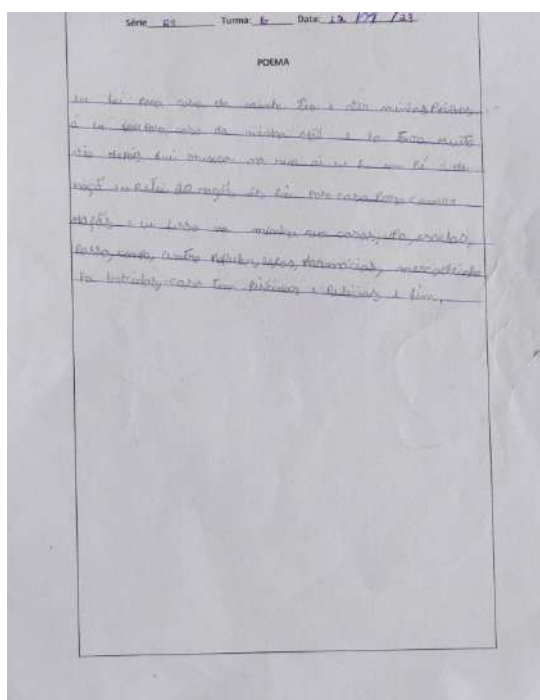
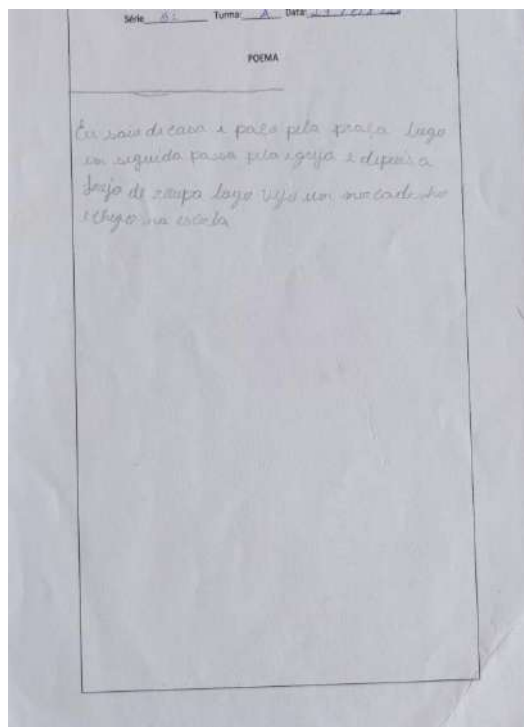




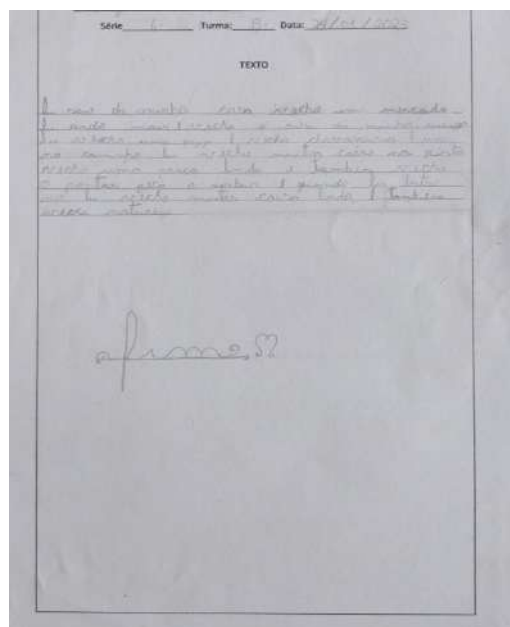
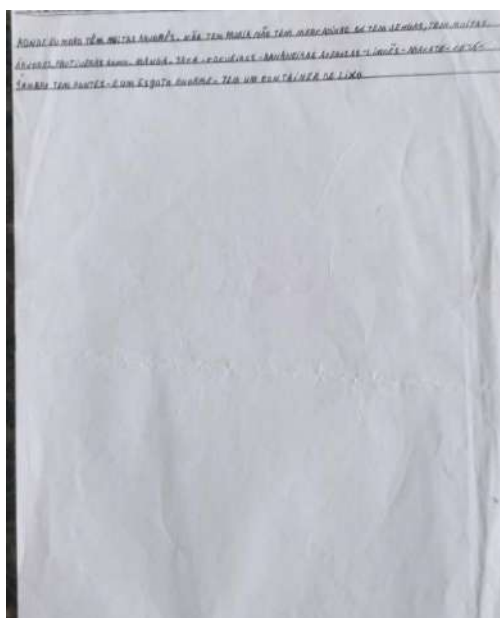
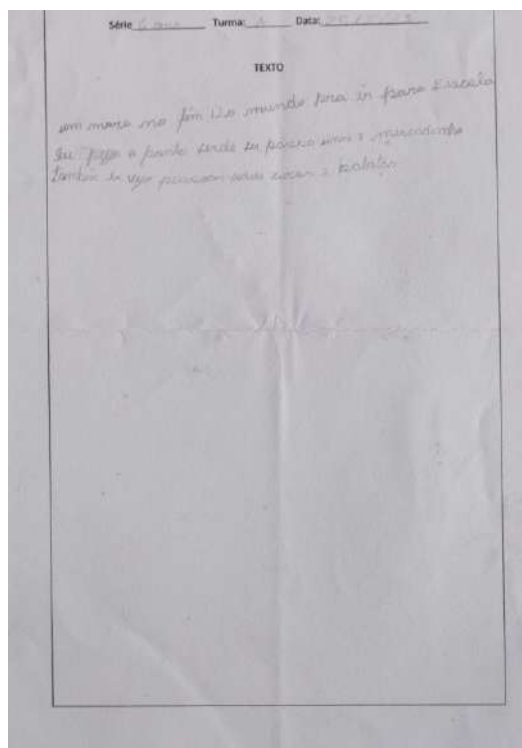
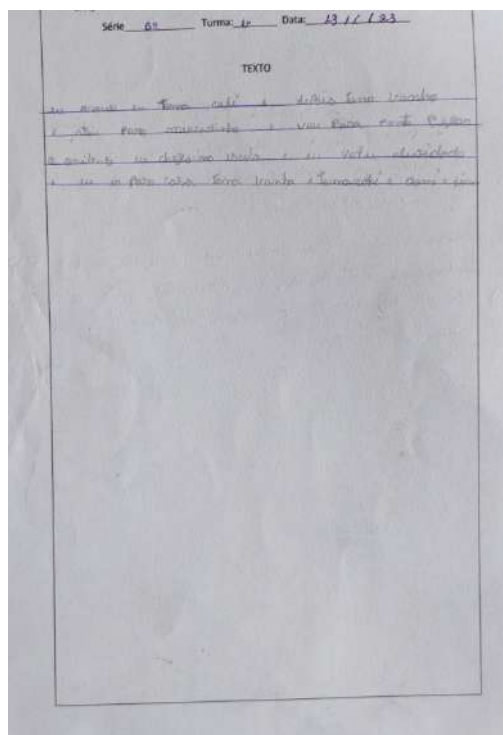




1.2 Poemas



1.3 Textos



Série 6 ano Turma: B Data: 24/01/2023

TEXTO

Eu passo na Frente da Piscina, e eu subo
as escada aí Eu passo no campo
Grande de areia aí Eu passo em outra
rua que tem ponto de ônibus quebrado
aí Eu passo na Frente da loja de roupa
aí Passa em secretaria passa em uma
Praça aí Eu desço Para o Luiz Pedro
aí Eu chego na escola.

Série 6 ano Turma: B Data: 24/01/2023

TEXTO

Saí da casa e fiquei na sala
e comecei a fazer o meu
e depois da aula chego a
escola.

1.4 fotos





2. Coletânea de Poemas

**COLETÂNEA DE
TEXTOS
(POEMAS)
TRABALHADOS NA
IMERSÃO**

No Meio do Caminho
Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra

Cidadezinha qualquer
Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras
 mulheres entre laranjeiras
 pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
 Um cachorro vai devagar.
 Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.
 Êta vida besta, meu Deus.

O Bicho
Manoel Bandeira

Vi ontem um bicho
 Na imundície do pátio
 Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
 Não examinava nem cheirava:
 Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
 Não era um gato,

Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Velhas Árvores

Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Poética (1922)

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
 Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar & agrades mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
 O lirismo dos bêbados
 O lirismo difícil e pungente dos bêbados
 O lirismo dos clowns de Shakespeare.

- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

Moça Linda Bem Tratada (1922)

Mário de Andrade

Moça linda bem tratada,
 Três séculos de família,
 Burra como uma porta:
 Um amor.

Grã-fino do despudor,
 Esporte, ignorância e sexo,
 Burro como uma porta:
 Um coiô.

Mulher gordaça, filó,
 De ouro por todos os poros
 Burra como uma porta:
 Paciência...

Plutocrata sem consciência,
 Nada porta, terremoto
 Que a porta de pobre arromba:
 Uma bomba.

Canto de regresso à pátria (1925)

Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares
 Onde gorjeia o mar
 Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá
 Minha terra tem mais rosas
 E quase que mais amores
 Minha terra tem mais ouro
 Minha terra tem mais terra
 Ouro terra amor e rosas
 Eu quero tudo de lá
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte pra São Paulo
 Sem que veja a Rua 15
 E o progresso de São Paulo.

Erro de português (1927)

Oswald de Andrade

Quando o português chegou
 Debaixo de uma bruta chuva
 Vestiu o índio
 Que pena!
 Fosse uma manhã de sol
 O índio tinha despido
 O português.

Na busca de uma identidade coletiva brasileira, os modernistas estavam tentando se livrar do olhar colonial, refletindo sobre a história do país e a criação da sua cultura.

Solidariedade (1941)

Murilo Mendes

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
 Ao mártir, ao assassino, ao anarquista.
 Sou ligado
 Aos casais na terra e no ar,

Ao vendeiro da esquina,
 Ao padre, ao mendigo, à mulher da vida,
 Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
 Ao santo e ao demônio,
 Construídos à minha imagem e semelhança.

Motivo (1963)

Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 no vento.

Se desmorono ou se edifico,
 se permaneço ou me desfaço,
 — não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.
 E um dia sei que estarei mudo:
 — mais nada.

Pronominais (1925)

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

Mãos Dadas (1940)

Carlos Drummond de Andrade

Não serei o poeta de um mundo caduco.
 Também não cantarei o mundo futuro.
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
 Entre eles, considere a enorme realidade.
 O presente é tão grande, não nos afastemos.
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
 Não serei o cantor de uma mulher, de uma história.
 não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela.
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.
 não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
 a vida presente.

O Poeta Come Amendoim (1924)

Mário de Andrade.

(...)
 Brasil...
 Mastigado na gostosura quente do amendoim...
 Falado numa língua corumim
 De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...
 Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
 Molham meus beijos que dão beijos alaistrados
 E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...
 Brasil amado não porque seja minha pátria,
 Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
 Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,
 O gosto dos meus descansos,
 O balanço das minhas cantigas amores e danças.
 Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
 Porque é o meu sentimento pachorrento,
 Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

A Rua (1947)

Cassiano Ricardo

Bem sei que, muitas vezes,
o único remédio
é adiar tudo. É adiar a sede, a fome, a viagem,
a dívida, o divertimento,
o pedido de emprego, ou a própria alegria.
A esperança é também uma forma
de contínuo adiamento.
Sei que é preciso prestigiar a esperança,
numa sala de espera.
Mas sei também que espera significa luta e não,
[apenas,
esperança sentada.
Não abdicação diante da vida.

A esperança
nunca é a forma burguesa, sentada e tranquila da
[espera.

Nunca é a figura de mulher
do quadro antigo.
Sentada, dando milho aos pombos.

Congresso Internacional do Medo (1962)

Carlos Drummond de Andrade

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
 Lá sou amigo do rei
 Lá tenho a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 De tal modo inconsequente
 Que Joana a Louca de Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive
 E como farei ginástica
 Andarei de bicicleta
 Montarei em burro brabo
 Subirei no pau-de-sebo
 Tomarei banhos de mar!
 E quando estiver cansado
 Deito na beira do rio
 Mando chamar a mãe-d'água
 Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização
 Tem um processo seguro
 De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcaloide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar
 E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.

Os Sapos

Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
 Saem da penumbra,
 Aos pulos, os sapos.
 A luz os deslumbra.
 Em ronco que aterra,
 Berra o sapo-boi:
 — “Meu pai foi à guerra!”
 — “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”.
 O sapo-tanoeiro,
 Parnasiano aguado,
 Diz: — “Meu cancioneiro
 É bem martelado.
 Vede como primo
 Em comer os hiatos!
 Que arte! E nunca rimo
 Os termos cognatos.
 O meu verso é bom
 Frumento sem joio.
 Faço rimas com
 Consoantes de apoio.
 Vai por cinquenta anos
 Que lhes dei a norma:
 Reduzi sem danos
 A fôrmas a forma.
 Clame a saparia
 Em críticas cétricas:
 Não há mais poesia,
 Mas há artes poéticas...”

Pneumotórax

Manuel Bandeira

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
 A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
 Tosse, tosse, tosse.
 Mandou chamar o médico:
 — Diga trinta e três.
 — Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
 — Respire.
 — O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
 — Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
 — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Teresa*Manuel Bandeira*

A primeira vez que vi Teresa
 Achei que ela tinha pernas estúpidas
 Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
 Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
 (Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
 Os céus se misturaram com a terra
 E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Arte de Amar*Manuel Bandeira*

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
 A alma é que estraga o amor.
 Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
 Não noutra alma.
 Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.
 Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
 Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

O Anel de Vidro*Manuel Bandeira*

Aquele pequenino anel que tu me deste,
 — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou
 Assim também o eterno amor que prometeste,
 — Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.
 Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,
 Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, —
 Aquele pequenino anel que tu me deste,
 — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou
 Não me turbou, porém, o despeito que investe
 Gritando maldições contra aquilo que amou.
 De ti conservo no peito a saudade celeste

Como também guardei o pó que me ficou
Daquele pequenino anel que tu me deste.

Três Idades

Manuel Bandeira

A vez primeira que te vi,
Era eu menino e tu menina.
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina...

A ver-te, a rir numa gavota,
Meu coração entristeceu
Por que? Relembro, nota a nota,
Essa ária como eterneceu
O meu olhar cheio do teu.

Quando te vi segunda vez,
Já eras moça, e com que encanto
A adolescência em ti se fez!
Flor e botão... Sorrias tanto...
E o teu sorriso foi meu pranto...

Já eras moça... Eu, um menino...
Como contar-te o que passei?
Seguiste alegre o teu destino...
Em pobres versos te chorei
Teu caro nome abençoei.

Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...
Quanta mudança o tempo traz
Em sua atroz monotonia!
Que é do teu riso de alegria?

Foi bem cruel o teu desgosto.
Essa tristeza é que diz...
Ele marcou sobre o teu rosto
A imperecível cicatriz:
És triste até quando sorris...

Porém teu vulto conservou
A mesma graça ingênua e fina...
A desventura te afeiçoou
À tua imagem de menina.
E estás delgada, estás franzina...

Neologismo

Manuel Bandeira

Beijo pouco, falo menos ainda
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana
 Invenstei, por exemplo o verbo teadorar
 Intransitivo;
 Teadoro, Teodora

O Último Poema

Manuel Bandeira

Assim eu queria meu último poema
 Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
 Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
 Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
 A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
 A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Desencanto

Manuel Bandeira

Eu faço versos como quem chora
 De desalento... de desencanto...
 Fecha o meu livro, se por agora
 Não tens motivo nenhum de pranto.
 Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
 Tristeza esparsa... remorso vão...
 Dói-me nas veias. Amargo e quente,
 Cai, gota a gota, do coração.
 E nestes versos de angústia rouca,
 Assim dos lábios a vida corre,
 Deixando um acre sabor na boca.
 — Eu faço versos como quem morre.

Andorinha

Manuel Bandeira

Andorinha lá fora está dizendo:
 — “Passei o dia à toa, à toa!”
 Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
 Passei a vida à toa, à toa...

Poema tirado de uma notícia do jornal

Manuel Bandeira

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Irene no Céu

Manuel Bandeira

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

— Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

A Velha Chácara

Manuel Bandeira

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouço uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.)

Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa

Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

- Mas o menino ainda existe.

Porquinho-da-Índia

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
 Ganhei um porquinho-da-índia.
 Que dor de coração me dava
 Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
 Levava ele pra sala
 Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
 Ele não gostava:
 Queria era estar debaixo do fogão.
 Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
 — O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

Ria, Rosa, Ria

A Guimarães Rosa

Manuel Bandeira

Acaba a Alegria
 Dizendo-nos: - Ria!
 Velha companheira,
 Boa conselheira!

Por isso me rio
 De mim para mim.
 Rio, rio, rio!
 E digo-lhes: - Ria,
 Rosa, noite e dia!
 No calor, no frio,
 Ria, ria! Ria,
 Como lhe aconselha
 Essa doce velha
 Cheirando a alecrim,
 A alegre Alegria!

Consoada

Manuel Bandeira

Quando a Indesejada das gentes chegar
 (Não sei se dura ou caroável),
 talvez eu tenha medo.
 Talvez sorria, ou diga:
 — Alô, iniludível!
 O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)
 Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
 A mesa posta,
 Com cada coisa em seu lugar.

A Morte Absoluta

Manoel Bandeira

Morrer.
 Morrer de corpo e de alma.
 Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,
 A exangue máscara de cera,
 Cercada de flores,
 Que apodrecerão – felizes! – num dia,
 Banhada de lágrimas
 Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
 A caminho do céu?
 Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
 A lembrança de uma sombra
 Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
 Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
 Que um dia ao lerem o teu nome num papel
 Perguntem: "Quem foi?..."

Morrer mais completamente ainda,
 Sem deixar sequer esse nome.

Poema de Sete Faces

Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
 desses que vivem na sombra
 disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
 que correm atrás de mulheres.
 A tarde talvez fosse azul,
 não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Poema Espiritual

Murilo Mendes

Eu me sinto um fragmento de Deus
Como sou um resto de raiz
Um pouco de água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.

A matéria pensa por ordem de Deus,
Transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
É uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.

Na Igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos.

A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia.

Essa Negra Fulô (trecho do poema)

Jorge de Lima

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô! (...)

A Rua dos Cataventos

Mario Quintana

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.

Hoje, dos meus cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de Vela amarelada,
Como único bem que me ficou.

Vinde! Corvos, chacais, ladrões de estrada!
Pois dessa mão avaramente adunca
Não haverão de arrancar a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz trêmula e triste como um ai,
A luz de um morto não se apaga nunca!

O apanhador de desperdícios

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Soneto de Fidelidade
Vinicius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Não há vagas

Ferreira Gullar

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.

Como não cabe no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço
 e carvão
 nas oficinas escuras
 – porque o poema, senhores,
 está fechado:
 “não há vagas”
 Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço
 O poema, senhores,
 não fede

Traduzir-se

Ferreira Gullar

Uma parte de mim
 é todo mundo:
 outra parte é ninguém:
 fundo sem fundo.
 Uma parte de mim
 é multidão:
 outra parte estranheza
 e solidão.
 Uma parte de mim
 pesa, pondera:
 outra parte
 delira.
 Uma parte de mim
 almoça e janta:
 outra parte
 se espanta.
 Uma parte de mim
 é permanente:
 outra parte
 se sabe de repente.
 Uma parte de mim
 é só vertigem:
 outra parte,
 linguagem.
 Traduzir-se uma parte
 na outra parte
 – que é uma questão
 de vida ou morte –
 será arte?

No corpo

Ferreira Gullar

De que vale tentar reconstruir com palavras
 O que o verão levou
 Entre nuvens e risos
 Junto com o jornal velho pelos ares
 O sonho na boca, o incêndio na cama,
 o apelo da noite
 Agora são apenas esta
 contração (este clarão)
 do maxilar dentro do rosto.
 A poesia é o presente.

Aprendizado

Ferreira Gullar

Do mesmo modo que te abriste à alegria
 abre-te agora ao sofrimento
 que é fruto dela
 e seu avesso ardente.

Do mesmo modo
 que da alegria foste
 ao fundo
 e te perdeste nela
 e te achaste
 nessa perda
 deixa que a dor se exerça agora
 sem mentiras
 nem desculpas
 e em tua carne vaporize
 toda ilusão

que a vida só consome
 o que a alimenta.

Um Instante

Ferreira Gullar

Aqui me tenho/ Como não me conheço/ nem me quis/ sem começo/ nem fim/ aqui me tenho/
sem mim/ nada lembro/ nem sei/ à luz presente/ sou apenas um bicho/ transparente. Um
instante, poema de Ferreira Gullar.

Subversiva

Ferreira Gullar

A poesia
Quando chega
Não respeita nada.
Nem pai nem mãe.
Quando ela chega
De qualquer de seus abismos
Desconhece o Estado e a Sociedade Civil
Infringe o Código de Águas
Relincha
Como puta
Nova
Em frente ao Palácio da Alvorada.
E só depois
Reconsidera: beija
Nos olhos os que ganham mal
Embala no colo
Os que têm sede de felicidade
E de justiça.
E promete incendiar o país.

Os mortos

Ferreira Gullar

os mortos veem o mundo
pelos olhos dos vivos

eventualmente ouvem,
com nossos ouvidos,
certas sinfonias
algum bater de portas,
ventanias

Ausentes
de corpo e alma
misturam o seu ao nosso riso
se de fato

quando vivos
acharam a mesma graça

Cantiga para não morrer

Ferreira Gullar

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

Prometi-me Possuí-la

Ferreira Gullar

Prometi-me possuí-la muito embora
ela me redimisse ou me cegasse.
Busquei-a na catástrofe da aurora,
e na fonte e no muro onde sua face,

entre a alucinação e a paz sonora
da água e do musgo, solitária nasce.
Mas sempre que me acerco vai-se embora
como se temesse ou me odiasse.

Assim persigo-a, lúcido e demente.
Se por detrás da tarde transparente
seus pés vislumbro, logo nos desvãos

das nuvens fogem, luminosos e ágeis!
Vocabulário e corpo — deuses frágeis —
eu colho a ausência que me queima as mãos.

Extravio

Ferreira Gullar

Onde começo, onde acabo,
se o que está fora está dentro
como num círculo cuja
periferia é o centro?

Estou disperso nas coisas,
nas pessoas, nas gavetas:
de repente encontro ali
partes de mim: risos, vértebras.

Estou desfeito nas nuvens:
vejo do alto a cidade
e em cada esquina um menino,
que sou eu mesmo, a chamar-me.

Extraviei-me no tempo.
Onde estarão meus pedaços?
Muito se foi com os amigos
que já não ouvem nem falam.

Estou disperso nos vivos,
em seu corpo, em seu olfato,
onde durmo feito aroma
ou voz que também não fala.

Ah, ser somente o presente:
esta manhã, esta sala.

Madrugada

Ferreira Gullar

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

a noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes.

Neste Leito de Ausência

Ferreira Gullar

Neste leito de ausência em que me esqueço
desperta o longo rio solitário:
se ele cresce de mim, se dele cresço,
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo
nem foz, e o curso, que é constante, é vário.
Vai nas águas levando, involuntário,
luas onde me acordo e me adormeço.

Sobre o leito de sal, sou luz e gesso:
duplo espelho — o precário no precário.
Flore um lado de mim? No outro, ao contrário,
de silêncio em silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa e lodo necessário,
passa um rio sem foz e sem começo.

Meu povo, meu poema

Ferreira Gullar

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

Minha Medida*Ferreira Gullar*

Meu espaço é o dia
de braços abertos
tocando a fímbria de uma e outra noite
o dia
que gira
colado ao planeta
e que sustenta numa das mãos a aurora
e na outra
um crepúsculo de Buenos Aires

Meu espaço, cara,
é o dia terrestre
quer o conduzam os pássaros do mar
ou os comboios da Estrada de Ferro Central do Brasil
o dia
medido mais pelo pulso
do que
pelo meu relógio de pulso

Meu espaço — desmedido —
é o nosso pessoal aí, é nossa
gente,
de braços abertos tocando a fímbria
de uma e outra fome,
o povo, cara,
que numa das mãos sustenta a festa
e na outra
uma bomba de tempo.

Tecendo a Manhã

João Cabral de Melo Neto

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão

O Cão Sem Plumas

João Cabral de Melo Neto

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.

Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos povos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

Uma Faca só Lâmina

João Cabral de Melo Neto

Assim como uma bala
enterrada no corpo,
fazendo mais espesso
um dos lados do morto;

assim como uma bala
do chumbo mais pesado,
no músculo de um homem
pesando-o mais de um lado;

qual bala que tivesse um
vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo

igual ao de um relógio
submerso em algum corpo,
ao de um relógio vivo
e também revoltoso,

relógio que tivesse
o gume de uma faca
e toda a impiedade
de lâmina azulada;

assim como uma faca
que sem bolso ou bainha.